

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ

CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

ANA CRISTINA AGRELLI PARIZIO COSTA

O MORAR CONTEMPORÂNEO DO RECIFE: O arranjo espacial
dos apartamentos x A rotina doméstica

Recife

2017

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ

CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

Ana Cristina Agreli Parízio Costa

**O MORAR CONTEMPORÂNEO DO RECIFE: O arranjo espacial
dos apartamentos x A rotina doméstica**

Trabalho de conclusão de curso como exigência parcial para graduação no curso de Arquitetura e Urbanismo, sob orientação da Prof.^a Ms. Denise Maria Simões Freire Gaudiot.

Recife

2017

Catálogo na fonte
Bibliotecário Ricardo Luiz Lopes CRB-4/2116

C837m Costa, Ana Cristina Agreli Parizio.
O morar contemporâneo do Recife: o arranjo espacial dos apartamentos x a rotina doméstica / Ana Cristina Agreli Parizio Costa. - Recife, 2017.
120 f. : il. col.

Orientador: Prof. Ms. Denise Maria Simões Freire Gaudiot.
Trabalho de conclusão de curso (Monografia – Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade Damas da Instrução Cristã, 2017.
Inclui bibliografia

1. Arquitetura. 2. Adequação. 3. Casa. 4. Hábitos domésticos. I. Gaudiot, Denise Maria Simões Freire. II. Faculdade Damas da Instrução Cristã. III. Título

728.22 CDU (22. ed.)

FADIC (2018-055)

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ

CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

ANA CRISTINA AGRELLI PARÍZIO COSTA

**O MORAR CONTEMPORÂNEO DO RECIFE: O arranjo espacial
dos apartamentos x A rotina doméstica**

Trabalho de conclusão de curso como exigência parcial para graduação no curso de Arquitetura e Urbanismo, sob orientação da Prof.^a Ms. Denise Maria Simões Freire Gaudiot.

Aprovado em de de 2017.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Ms. Denise Maria Simões Freire Gaudiot

Prof.^a Ms. Gisele Melo de Carvalho

Prof.^a Ms. Maria Luiza de Lavor

Dedico este trabalho ao meu, sempre amado, avô Humberto Agrelli, *in memoriam*, grande incentivador de uma vida acadêmica, eternamente luz em minha vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus rendo graças e louvores pela vida, saúde e força.

Aos meus filhos, pelo amor incondicional.

Ao meu companheiro, pelo incentivo e paciência constante.

A minha mãe e irmãs, meus anjos.

A minha professora da cadeira de trabalho de graduação por ter resgatado, em mim, a vontade de seguir em frente.

A minha orientadora, pelo suporte acadêmico e correções.

A todos os funcionários e colegas desta instituição que não passaram, apenas, por esta fase da minha vida, mas, com toda certeza, deixaram, cada um, um pouco de si, ajudando no meu crescimento espiritual.

“A casa brasileira é reduto da família, portanto, seu próprio espelho, refletindo também, numa maneira mais abrangente, a sociedade da qual essa família faz parte, ao mesmo tempo em que é sua geradora. “

(BITTAR; VERÍSSIMO, 1999)

RESUMO

Não só as casas mudaram, como também a estrutura e rotina das famílias que nelas vivem. Tomando como base o ideal de que deva existir uma harmonia entre estas duas variáveis - a casa e a família - e partindo da premissa de que exista uma inadequação destes espaços contemporâneos, os apartamentos, frente aos novos hábitos domésticos adotados por seus usuários, neste trabalho buscou-se definir o padrão da casa atualmente produzida e destinada a classe média da cidade do Recife, bem como entender os novos hábitos domésticos da família, afim de que, em linhas gerais, fosse possível investigar suas adequações. Para isso, fez-se uma análise em “plantas de venda”, onde foi definido uma frequência dos arranjos espaciais, oferecidos pelo mercado imobiliário, indutora, portanto, do padrão tipológico; como também, a aplicação de uma entrevista com moradores de um edifício, enquadrado no padrão tipológico definido, para reconhecimento de sua rotina. Após o cruzamento dos dados coletados, comprovou-se a hipótese da inadequação destes espaços.

Palavras chaves: Adequação. Casa. Hábitos domésticos.

ABSTRACT

Not only the houses changed, but also the structure and the routine of the families whom lived in those houses. Based on the paradigm that there should exist harmony between those two variables – the house and the the Family – and assuming there is a flaw on those contemporary spaces, the apartments, to the new domestic habits adopted by its users, this work was done to define the standard house generated and destined to the middle class of Recife. Also, with the purpose to understand the new domestic habits of the family, making it possible to investigate its capacity and adequacy. An analysis of the "sale plans" was made, where it was defined a frequency of the arrangements of the area offered by the housing market, therefore introducing a defined typological pattern for the recognition of the routine. After the data was collected, it's proven the hypothesis of the inadequacy of these spaces.

Key words: Adequacy. House. Domestic habits.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Quadro sinóptico primário: Arquetipos de sobrados da classe média afortunada observados no Brasil especialmente nas cidades do litoral Nordeste.	25
Imagem 2 - Aldeia formada por várias ocas.	26
Imagem 3 - Aldeia formada apenas por uma maloca.	27
Imagem 4 - Tapiri à beira do Rio Xapuri na Amazonia.	28
Imagem 5 - Construções em Recife mesclando influências ibéricas e holandesas – Século XVII.	28
Imagem 6 - Casa grande do engenho Manjope – Igarassu.	29
Imagem 7 - Casario de ‘porta e janela’ em Porto Seguro-Bahia.	30
Imagem 8 - “Sobrados magros” da Rua do Bom Jesus em Recife - 1878.	30
Imagem 9 - Vista da fachada principal da casa de Grandjean de Montigny, Rio de Janeiro (RJ) - 1820.	32
Imagem 10 - Casa Modernista da Rua Santa Cruz - Gregori Warchavchik - 1928 - Primeira obra de arquitetura moderna implantada no Brasil.	33
Imagem 11 - Planta de apartamentos dos anos 1970.	35
Imagem 12 - Planta de apartamentos dos anos 1980.	35
Imagem 13 - Planta de apartamentos dos anos 1990.	35
Imagem 14 - Planta de apartamentos dos anos 1990.	36
Imagem 15 - Casa Grande (Engenho).	37
Imagem 16 - Planta baixa da casa urbana no Brasil colonial.	37
Imagem 17 - Casa palacete no Recife, 1924.	38
Imagem 18 - Casa do navio no bairro de Boa Viagem, Recife, 1930.	38
Imagem 19 - Edifício em estilo art deco – Pelotas/RS.	39
Imagem 20 - Varanda gourmet.	40
Imagem 21 - Planta baixa casa grande.	43
Imagem 22 - Planta baixa casa colonial urbana.	44
Imagem 23 - Sala de uma fazenda de café, Fazenda União – século XIX.	44
Imagem 24 - Planta casa colonial urbana.	47
Imagem 25 - Cadeira sanitária.	50
Imagem 26 - Louça sanitária do século XIX.	52
Imagem 27 - Banheiro século XX.	53

Imagem 28 - Banheiro anos 1970 e 1980.	54
Imagem 29 - Banheiro Século XXI.	55
Imagem 30 - Cozinha Brasil colonial.	56
Imagem 31 - Cozinha década de 1970.	57
Imagem 32 - Cozinha da década de 1980.	58
Imagem 33 - Cozinha anos 2000.	58
Imagem 34 - Planta Baixa Edifício Saint Eduardo/Aptº tipo.	60
Imagem 35 - Quintais domésticos em Vila de Bom Jesus-Cuiabá.	61
Imagem 36 - Quintal doméstico por volta de 1930.	62
Imagem 37 - Planta baixa aptº/Boulevard Residence - Boa Viagem-2011.....	63
Imagem 38 - Casarão senzala – Século XVIII.....	64
Imagem 39 - Planta da cobertura do edifício da Av. Angélica em Maceió, onde estavam localizados os quartos de empregadas.....	65
Imagem 40 - Planta digitalizada do Edifício São Carlos em Maceió (sem escala), 1964.	66
Imagem 41 - Planta digitalizada do apartamento do edifício Villa Verde, (s/escala) 1985.	66
Imagem 42 - Cozinha colonial.	77
Imagem 43 - Planta Baixa Praça das Orquídeas – Construtora Melo Gouveia.	89
Imagem 44 - Planta Praça das Magnólias – Construtora Melo Gouveia.	90
Imagem 45 – Planta Baixa Maria Satye – Construtora Gabriel Barcelar.	90
Imagem 46 - Planta Baixa Gran Park Premium Torre B – Construtora Gabriel Barcelar.	90
Imagem 47 - Planta Baixa A Residencial Torre dos Mirantes – Construtora Cosil.	91
Imagem 48 - Planta Baixa B Residencial Torre dos Mirantes – Construtora Cosil.	91
Imagem 49 - Planta Baixa Maria Emília – Construtora Queiroz Galvão.	91
Imagem 50 - Planta Baixa Maria Rebecca e Maria Raquel – Construtora Queiroz Galvão.	92

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Práticas de consumo por tipologia (Brasil, 2008).	15
Gráfico 2 - Distribuição ocupada, por grupamentos de atividade, segundo o sexo feminino (%) – (2003 e 2011).	70
Gráfico 3 - Distribuição ocupada, por grupamentos de atividade, segundo o sexo masculino (%) – (2003 e 2011).	70
Gráfico 4 - Rendimento médio habitual da população ocupada, por grupos de anos de estudo, segundo o sexo – (2003 e 2011)*.	71
Gráfico 5, 6, 7 - Mudanças sociais das classes.....	75
Gráfico 8 - Aumento no uso de eletrodomésticos.....	79
Gráfico 9 - Taxa de fecundidade da mulher brasileira.....	83
Gráfico 10 - Distribuição das unidades domésticas por tipo - Brasil 2000/2010.	84
Gráfico 11 - Quantidade média de anos que um cidadão brasileiro vive.	85
Gráfico 12 - Gráfico da taxa geral de separações e divórcios.	85
Gráfico 13 - Distribuição das famílias únicas e conviventes principais, por tipo Brasil - 2000/2010.	86
Gráfico 14 - Casamentos entre pessoas do mesmo sexo.....	87
Gráfico 15 - Área útil média de apartamentos lançados no Recife.....	92
Gráfico 16 – Número de cômodos existentes por apartamento tipo.....	92
Gráfico 17 – Sub áreas por apartamento tipo.....	93
Gráfico 18 - Área útil média dos setores.	95
Gráfico 19 - Apartamentos visitados X não visitados (%).	97
Gráfico 20 - População usuária (%) maiores que 14 anos.	97
Gráfico 21 - Fatores de escolha (%) do edifício como residência.	98
Gráfico 22 - Gênero dos usuários entrevistados.	98
Gráfico 23 - Hábitos domésticos dos entrevistados.	99
Gráfico 24 – Mão de obra doméstica assalariada.	100
Gráfico 25 – Classificação da composição do apartamento.....	100
Gráfico 26 – Classificação da adequação dos espaços na planta original.	101
Gráfico 27 – Intervenções.	102

LISTA DE TABELA

Tabela 1 - Número médio de pessoas nos arranjos familiares residentes em domicílios particulares, por classe de rendimento mensal e familiar, segundo grandes regiões – Brasil, 2009.....	84
Tabela 2 - Levantamento de eletrodoméstico e eletrônicos dos apartamentos.	103

LISTA DE ABREVIATURAS

CNJ	Conselho Nacional de Justiça
CRECI	Conselho regional de corretores de imóveis
FGTS	Fundo de Garantia por Tempo de Serviço
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LGBT Transgêneros	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e
LUOS	Lei do Uso e Ocupação do Solo
PEC	Proposta de Emenda Constitucional
SENAC	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	14
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	17
2.1 Casa	17
2.2 Hábitos domésticos.....	21
3. A EVOLUÇÃO DA CASA NO BRASIL	25
3.1. Um breve histórico do início do século XVI até o final do século XX.....	25
3.1.1. A varanda	36
3.1.2. A garagem.....	40
3.1.3. A sala	43
3.1.4. O quarto.....	47
3.1.5. O banheiro.....	50
3.1.6. A cozinha.....	55
3.1.7. A copa	59
3.1.8. A área de serviço.....	60
3.1.9. O alojamento de empregados	63
4. MODELO ATUAL DE VIDA DOMÉSTICA	68
4.1. A participação feminina no mercado de trabalho	68
4.2. O empregado doméstico	71
4.3. Inovações tecnológicas domésticas	76
4.4. Novos formatos de família	80
5. “PLANTAS DE VENDA”	88
5.1. Catalogação das amostragens	89
5.2. Levantamento das amostragens	92
5.3. Considerações	93

6. A CASA NOSSA DE TODOS OS DIAS.....	96
6.1. O Jaqueira Park Aroldo Fonseca Lima	96
6.2. Perfil e hábitos de seus usuários	97
6.3. Adequação dos espaços	100
6.4. Equipamentos domésticos	102
7. CONCLUSÃO	105
REFERÊNCIAS.....	107
APÊNDICES	114
APÊNDICE A - PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DE COLETA DE DADOS.....	114
APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO/ENTREVISTA.....	115
APÊNDICE C - PLANTA APARTAMENTO TIPO.	120

1. INTRODUÇÃO

A produção arquitetônica da casa brasileira, resultado dos colonizadores portugueses, com influências africanas e indígenas, vem sofrendo transformações, ao longo dos anos, devido à fatores sociais, culturais e econômicos, como apontam Cypriano e Pépece (2016).

E, como produto destas transformações sofridas, surgem na década de 1920 os edifícios, a casa verticalizada, que se transformou, atualmente, na tipologia predominante, em especial, nos grandes centros urbanos.

Paralelamente, o final do século XX e início do século XXI são marcados por novos modos de vida, sobretudo nas grandes cidades, onde o perfil das famílias, além da tradicional, ganha novos formatos, que precisam conviver com as diversas transformações que ocorreram no espaço doméstico, principalmente, nas últimas décadas, como, a redução de suas áreas e supressão de alguns ambientes, em especial, dependências de empregadas e áreas de serviços.

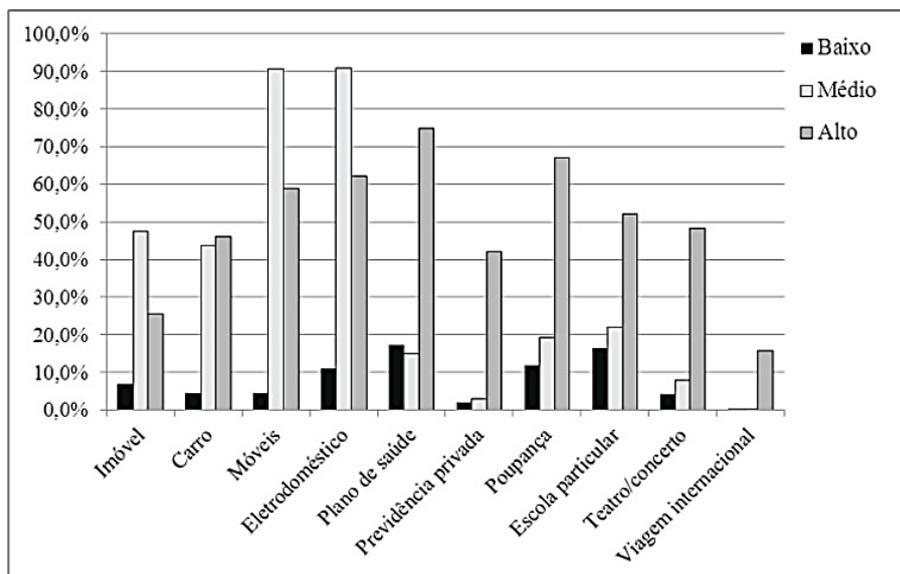
Amorim e Griz (2015), discutem a padronização destes apartamentos, onde ações publicitárias criam estereótipos de modelos ideais de se morar. Também, Amorim, Griz e Loureiro (2016), investigam a adequação destes espaços, mas, sob a ótica da reforma dos projetos atuais destes apartamentos. Surgiu, então, a necessidade de entender este espaço doméstico confrontando-o ao seu uso, portanto, este trabalho, dividido em seis itens, buscou investigar a adequação da casa contemporânea, na sua tipologia verticalizada, da classe média recifense aos hábitos e necessidades desta família, agora sob a visão dos seus usuários, partindo da hipótese que, as características apresentadas por estas novas casas não atendem ao recente modo de vida familiar.

A classe social média foi assim designada por ser a maior consumidora do mercado imobiliário, como visto no Gráfico 1, e sendo definida como

[...] pessoas com renda domiciliar elevada, nível superior de escolaridade, inseridas em categorias ocupacionais de prestígio médio-alto, com maiores probabilidades de possuir plano de saúde, poupança, frequentar teatros, viajar para o exterior, ter os filhos estudando em escolas privadas etc. São essas pessoas que formam a classe média brasileira, embora estejam longe de

ser a imagem mais próxima do brasileiro mediano, ou a camada intermediária. (SALATA, 2015, s.p.)

Gráfico 1- Práticas de consumo por tipologia (Brasil, 2008).



Fonte: Salata, 2015.

Os três primeiros itens, destinados a revisão bibliográfica, está dividido da seguinte forma: **fundamentação teórica**, onde foram definidos os conceitos de casa, e de hábitos domésticos, a luz dos autores como Lamparelli (s.d., apud Camargo, 2010, e Barros e Couto, 2012); **a evolução da casa no Brasil**, onde é feito um retrospecto da casa brasileira, desde a chegada de seus colonizadores até o final do século XX, facilitando assim a compreensão de sua tipologia atual; e o **modelo atual da vida doméstica**, onde quatro aspectos são considerados relevantes para se compreender como funciona a nova dinâmica destas casas, sendo eles, a participação feminina no mercado de trabalho, o empregado doméstico, inovações tecnológicas domésticas e novos formatos de família.

O quarto item, é dedicado a catalogação, levantamento e análise das amostragens de oito “plantas de venda”, objeto de estudo desta pesquisa, disponibilizadas nos sites das construtoras, onde foram levados em considerações: suas áreas e sub áreas médias úteis, seus tipos de cômodos e quantidades, além de seu layout, afim de tentar caracterizar um modelo padrão da produção atual dos apartamentos, na cidade do Recife, destinados a classe

social média, que pode ser usado como referência na escolha do edifício onde foi aplicado os questionários/entrevistas, com seus moradores.

O quinto item, é formado pela análise de informações coletadas, em um edifício, previamente escolhido por se enquadrar nos padrões médios, já pré-definido, como destinado à classe média, através de um questionário/entrevista, aplicado com seus moradores maiores de 14 anos, na tentativa de identificar os hábitos domésticos da família, usos de cada ambiente, adequações e inadequações, necessidades e aspirações, e assim traçar um perfil do usuário.

O sexto item, apresenta as considerações finais, com base no cruzamento das informações coletadas com a análise das amostras das plantas e das informações coletadas pelos questionários/entrevistas.

Este estudo foi feito sob a ótica de tentar definir o modelo padrão dos apartamentos da família de classe média, como também, tentar entender como esta família está usando este espaço, seu grau de satisfação e necessidades quanto aos espaços, para isso, afim de conduzir as análises empíricas, foi utilizado como método de pesquisa, a análise de amostragens, no caso, “plantas de venda”, e como técnicas de pesquisa, questionário e entrevista, para coletas de dados, além de pesquisa documental e pesquisa bibliográfica.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O presente capítulo tem o propósito de apresentar os conceitos à luz dos quais se apoiará este trabalho de conclusão de curso e, também, a análise empírica. Em primeiro lugar será trabalhado o conceito de casa segundo Lamparelli (s.d. apud Camargo, 2010, p. 29) que diz “a casa seria o objeto material construído, com características físicas e localização próprias”. Em segundo lugar, procurou-se colocar os principais conceitos e definições de hábitos domésticos, visto por Camargo (2010), em sua pesquisa, que define como todas as atividades que são executadas em forma de rotina, ou seja, o que é vivenciado cotidianamente, algo previsível, conhecido e praticado por cada um, geralmente, no mesmo horário. E por Barros e Couto (2012, p. 29) que descreve “hábito é o uso, costume, uma maneira de viver, o modo constante de comportar-se e de agir”.

2.1 Casa

Ao longo de toda sua história, o Homem habita espaços, os quais, segundo Heidegger (2011), são criados pelo próprio Homem em torno de si, fator, esse, importante para a compreensão da sua existência pessoal.

Buscando ampliar a visão do habitar, Heidegger (1971 apud Camargo, 2010, p. 18) faz uma reflexão etimológica, paralela, dos conceitos de habitar e construir, estabelecendo, assim, uma relação entre eles, e chegando à conclusão que ambos estão voltados para o sentido de permanecer, residir, morar, e ao mesmo tempo, vinculados a sensação de satisfação e paz. Entretanto, em sua análise, Heidegger (1971 apud Camargo 2010, p. 17) generaliza o habitar, falando, também, sobre o seu sentido mais amplo, nossa existência, que diz ser a “maneira como os homens fazem seu caminho, desde o nascimento, até a morte, sobre a terra, sobre o céu”.

No entanto, para Bollnow (1969 apud Camargo, 2010) ao considerar esse habitar, faz-se necessário uma diferenciação entre os lugares por onde transitamos, onde permanecemos por menos tempo, daquele que voltamos sempre em busca da referência espacial, a qual criamos *raízes*, ou seja, o seu domínio privado. Dessa forma, esse local deve ser entendido como sendo a sua

habitação, que é definida por Corona e Lemos (1972, p. 257.), no Dicionário da arquitetura brasileira, assim “Constitui em arquitetura o abrigo ou invólucro que protege o homem, favorecendo sua vida no aspecto material e espiritual, Ato ou efeito de habitar. Moradia. Residência.”

Da mesma forma, de acordo com Schulz (1985 apud Camargo 2010) existem quatro tipos de habitar: o habitar natural – o meio natural a ser *domesticado*; o habitar coletivo – o espaço urbano onde se dão os encontros; o habitar público – lugar compartilhado por uma comunidade com valores e interesses comuns, que, embora favoreça essa distinção grupal, é despersonalizado; e o habitar privado, a casa, foco do nosso interesse - um espaço de reconhecimento da nossa identidade, local onde permitimos nos expressar integralmente.

O habitar privado. É o modo de habitar que ocorre no nosso “pequeno mundo”, quando nos encontramos afastados do convívio social e da intrusão de estranhos. O cenário onde esse habitar público privado tem lugar é a casa – ou o lar -, onde experimentamos a chamada “paz doméstica”, e onde reunimos e expressamos as memórias que constituem nosso “mundo pessoal”. (NORBERG-SCHUZ, 1985; p.13, 91 apud CAMARGO, 2010; p. 22, grifo do autor).

Partindo do conceito do habitar mais amplo, visto já, de acordo com Heidegger, o universo, faz-se necessário definir qual espaço habitado é de interesse nesse trabalho, portanto, a partir de agora, o estudo do habitar estará voltado para o habitar doméstico, a casa, porém, sempre lembrando da relação existente entre o habitar e o cuidar, definidos anteriormente, também, por Heidegger.

A casa, de acordo com Camargo (2010, p. 22) deverá ser “um lugar específico, onde buscamos estar protegidos, resguardados, em paz; livres essencialmente, de qualquer ameaça contra essa paz.” No entanto, é preciso um prévio conceito do termo casa empregado no presente trabalho, pois, ao contrário das outras línguas, onde são usadas palavras diferentes para distinguir a casa física, do lar, na língua portuguesa, o termo casa é usado, tanto, para a edificação concreta, quanto, para o lar, tornando, assim, mais difícil sua compreensão. Sendo assim, a casa será aqui abordada considerando sua fisicalidade, aquilo que se faz perceptível aos sentidos, embora seja difícil pensar em casa sem levar em consideração as relações subjetivas do habitar.

A casa física reflete nossa casa psicológica. É um conceito tão simples quanto difícil de entender para algumas pessoas. O problema é a parede de cimento que se coloca entre o mundo de fora e aquele interno. Há muros tão sólidos que a pessoa não tem noção alguma do que vive dentro delas. Porém, olhar para sua casa, para como está organizada e “vestida” revela o ser interior. (NOGUEIRA, 2011, s.p., grifo nosso).

Dessa forma, esse trabalho se baseará no conceito de Lamparelli (s.d. apud Camargo 2010, p. 29) que diz “a casa seria o objeto material construído, com características físicas e localização próprias”.

Porém, essa casa, também, sob seu aspecto físico, não se encontra isolada de um meio mais amplo, sendo necessário considerar sua inserção nele sob dois aspectos: a casa protetora do mundo; a casa identitária a este mundo.

Segundo Scardua (2009), o bem-estar do habitar doméstico está ligado a segurança promovida pela estrutura física da casa, que garante, assim, a sobrevivência do homem, sendo esse, um instinto primário.

A busca de refúgio: a sobrevivência de nossos antepassados dependia da capacidade de encontrar lugares seguros, que fornecessem abrigo dos elementos naturais e proteção contra os predadores. (SCARDUA, 2009, s.p., grifo do autor).

Portanto, tendo a casa, também, a função de proteger, promover a paz, resguardar das ameaças do mundo exterior, limitar o espaço privado, do espaço público faz da sua fisicalidade uma condição determinante na garantia desse recolhimento. E essa casa abrigo mantém sua identidade física vinculada a realidade do mundo em que ela está inserida. Rybczynski (1996), em seu livro, *CASA: Pequena História de uma Ideia*, apresenta de forma bastante sucinta a relação existente entre a casa e o mundo externo. Ele começa sua análise através da estreia de Ralph Lauren¹ na área da decoração doméstica, cuja coleção², inspirada em suas próprias casas, procura atingir públicos específicos que se identificam com cada uma das linhas oferecidas, e também, na relação entre a decoração no interior das casas e as roupas usadas por seus moradores.

¹Um dos mais importantes estilistas do século XX.

² Quatro linhas de decoração: Choupana de Toras, onde se observa uma rusticidade endinheirada; Raça Pura, um estilo masculino, campestre; Jamaica, claramente projetada para os estados do sul dos E.U.A.; e Nova Inglaterra, com móveis sóbrios do início da história americana.

Vejamos uma pintura de Hogarth de um interior do início do período georgiano. **As curvas suaves dos móveis entalhados constituíam uma contrapartida para os trajes ricos da época e complementavam os vestidos volumosos das mulheres e os peitos de renda e as perucas elaboradas dos homens.** Os interiores levemente pomposos do século XIX também refletiam modos de vestir: **cadeiras com saias e cortinas drapeadas imitavam os detalhes de como os tecidos eram usados em saias e vestidos, e o papel de parede imitava os padrões usados nos tecidos.** A riqueza dos móveis Art Déco espelhava os trajes luxuosos dos seus donos. (RYBCZYNSKI, 1996, p. 19, grifo nosso).

Da mesma forma para Camargo (2010), a fisicalidade da casa está vinculada as experiências vividas pela família no mundo exterior. Embora, nos dias atuais, busque-se, no espaço privado da casa, um distanciamento do mundo público, ele afirma que tal objetivo nunca será totalmente alcançado, pois a casa é composta por objetos que são trazidos desse mundo, que representam a importância dele na vida de cada sujeito, e que os fazem sentir parte desse mundo. “A casa e a mesa recebem e reúnem, e tornam o mundo ‘perto’”; sem os “frutos ‘sagrados’ do céu e da terra, o lado de dentro permaneceria “vazio”. (NORBERG-SCHUZ, 1985, p. 9, apud CAMARGO, 2010, p. 43, grifo do autor).

Ainda de acordo com Rybczynski (1996) essa identidade física da casa diz respeito também aos hábitos, rotinas e arranjo doméstico inerentes a cada época e local.

Dessa forma, a casa não é só o local que sempre garantiu a sobrevivência da espécie humana, como também, o ponto de partida do Homem na caminhada em busca dessa mesma sobrevivência e dos encontros com os outros Homens, além, do local para onde ele volta em busca da segurança. Fica bem claro que, o resultado do que é vivenciado além espaço privado da casa é trazido para o seu interior, compondo sua estrutura física, favorecendo, assim, condições propícias, na edificação, para que os hábitos domésticos possam estar relacionados aos hábitos e práticas de uma sociedade.

2.2 Hábitos domésticos

Desde os tempos mais primórdios, a rotina desenvolvida no interior doméstico dita a maneira dos Homens conceberem suas casas, e isso é visto por Rybczynski (1996), ao relatar os hábitos domésticos do período medieval e a simplicidade de suas casas, com poucos móveis, e funcionando como moradia e local de trabalho, ao mesmo tempo. Não existia privacidade³, o que importava era a questão pública da vida, pois não existia uma consciência própria, por isso não havia quartos, os cômodos não possuíam funções específicas, adaptando-se conforme as necessidades ao longo do dia.

[...] na idade média, as pessoas mais acampavam do que viviam em suas casas. Os nobres tinham várias residências e viajavam com frequência. Quando o faziam, enrolavam as tapeçarias, enchiam os baús, desmontavam as camas e levavam os pertences consigo. Isso explica por que tantos móveis medievais são portáteis e desmontáveis [...]

Os burgueses das cidades não se locomoviam tanto, mas também precisavam de móveis portáteis por outro motivo. A casa medieval era um local público e não privado. O salão era constantemente usado para cozinhar, comer, entreter convidados fazer negócios e, à noite, para dormir. Estas diferentes funções eram conciliadas movendo-se os móveis conforme a necessidade. (RYBCZYNSKI, 1996, p. 40).

Ainda segundo Rybczynski (1996), no século XVII, com as mudanças nos modos de vida da família, observa-se o desenvolvimento da privacidade e da higiene, trazendo, com isso, transformações para as comodidades da casa. Confirmando, assim, sua teoria que a rotina da família define a concepção da estrutura física da casa. A casa típica burguesa de Paris passa a compor-se de quatro ou cinco pavimentos, e os andares de cima eram alugados, abrigando, assim, várias famílias que não mais trabalhavam em suas casas, tornando – as um lugar mais privado.

A existência de acomodações de aluguel resalta uma mudança que vinha acontecendo desde a idade média: muitas pessoas não mais viviam e trabalhavam no mesmo local. Apesar da maioria dos donos de loja, mercadores e artesãos ainda

³“Privacidade diz respeito ao conjunto de atuações que devem ocorrer na esfera do velado, no intramuros: satisfação das necessidades fisiológicas, relações sexuais, afetividade, religiosidade, atividade intelectual, convívio familiar.” (HOMEM, 1996, p. 23).

morarem na “sobreloja”, havia mais burgueses – construtores, advogados, notários, funcionários públicos – para quem a casa era somente residência. (RYBCZYNSKI, 1996, p. 51, grifo do autor).

Igualmente dá-se na atualidade, hoje, a forma que vivemos diverge bastante da maneira de vida do século passado, e no que diz respeito ao ambiente residencial não poderia ser diferente, a rotina doméstica define mudanças no programa de necessidades da casa. Dentro da casa, a posição da personagem feminina é de grande importância para se entender as transformações ocorridas, para isso, basta lembrar, não só das dimensões de suas cozinhas, como também, do importante papel que esses espaços desempenhavam dentro das casas, sendo com frequência, além de área das refeições, o local de confraternização de toda a família, e de como esses espaços ‘pertenciam’ a figura da mulher⁴, aonde ela passava a maior parte de seu tempo e era responsável por todas as tarefas. Hoje a mulher assume novos papéis⁵ dentro da sociedade, conquistando novos espaços, provocando, assim, uma redistribuição de tarefas, interferindo diretamente no comportamento de toda a família, e com isso causando alterações nesse espaço.

O novo ritmo de vida dos dias contemporâneos, que originou novas necessidades, e com isso, novos hábitos, refletiu-se, não só, na estrutura da cozinha, como também nos demais cômodos da casa, cujas transformações serão, de forma breve, vistas na citação abaixo, e estudadas, com mais detalhes, posteriormente em outro capítulo.

A modernidade fez com que as necessidades mudassem e, hoje, encontramos áreas bem mais restritas, pois o custo da construção tornou-se inviável. Existe uma sobreposição de funções junto a determinados ambientes; sala de estar é sala de visitas e, às vezes, *home theater*.

⁴ “No século XIX, assistimos a superposição do privado ao público. [...] A divisão de papéis masculinos e femininos, das tarefas e dos espaços tornou-se mais rígida. A mulher foi supervalorizada como mãe e educadora porque se acreditou que ela detinha nas mãos os destinos do gênero humano. [...] É possível dizer que o homem seria o público, representando também o Estado ou o serviço deste, e a mulher, o privado, sendo a casa o seu reino por excelência, onde exercia as tarefas conhecidas como prendas domésticas, relativas à solução das necessidades básicas, aliadas à missão de “mãe extremosa” e de “esposa devotada”. [...] (HOMEM, 1996, p. 26, grifo do autor).

⁵ Que será estudado posteriormente, em outro capítulo.

O número de eletrodoméstico triplicou, e a adequação dos mesmos às diminutas cozinhas atuais origina soluções bastante criativas.

A área íntima ficou muitíssimo reduzida: os dormitórios servem para dormir, estudar, ler.

Como a área social ficou defasada e compõe-se, na maioria das vezes, de um grande espaço onde tudo acontece, a privacidade vai ser encontrada nos dormitórios e banheiros; talvez o banheiro seja, hoje, o único lugar da casa onde você possa pensar sozinho. A visão do banheiro atual sugere muito conforto: o número deles, por habitante da casa, cresceu muito. (MACUSO, 2013, p.21 e 22, grifo do autor).

Então, a casa, espaço de morar das pessoas, local onde se desenvolvem as diversas atividades cotidianas de seus habitantes, teve que adaptar cada um de seus espaços às atividades que passaram a ser desempenhadas neles, cada espaço específico desta casa sofreu mudanças vinculadas aos seus usos. Sendo assim, a maneira e, também, a frequência que cada morador utiliza cada espaço da casa determina, não só, a importância que tal ambiente exerce sobre ele, como também, seus hábitos domésticos. Segundo Camargo (2010), em sua pesquisa define como hábitos domésticos todas as atividades que são executadas em forma de rotina, ou seja, o que é vivenciado cotidianamente, algo previsível, conhecido e vivenciado por cada um, geralmente, no mesmo horário.

Junto com estas transformações físicas da casa e de uma série de outros fatores⁶, que definem um modelo novo de vida doméstica, tem-se origem novos hábitos domésticos, definidos também,

Como a realidade das experiências habituais – o “normal”: ou seja, aquilo que está lá, que consideramos garantido, ou que podemos executar sem que seja necessária uma grande atenção específica. Pelo contrário caráter de *normalidade*, ou seja, por ocorrer, geralmente, nos mesmos específicos territórios e horários, entre pessoas voltadas a mesma rotina, o cotidiano seria a parte de nossas vidas que não nos é marcante, por nenhum motivo especial. (CHANEY, 2002, p.10, apud CAMARGO, 2010, p.141, grifo do autor).

E por Barros e Couto (2012, p. 29) que descrevem “hábito é o uso, costume, uma maneira de viver, o modo constante de comportar-se e de agir”.

⁶ Que serão estudados no capítulo 3.

Ainda de acordo com Camargo (2010) vinculados a esta rotina, que dá aos hábitos domésticos, a princípio, uma condição de monotonia e, até mesmo, emprega-lhe um caráter de pouca importância, estão os sentimentos de segurança e bem-estar, imprescindíveis a felicidade do Homem. Portanto, o que é realizado com frequência dentro das casas, são na verdade, inconscientemente almejados por seus moradores, garantindo assim a tranquilidade emocional promovida pelo ambiente doméstico. Ao analisar a tendência atual de reverenciar o passado na decoração da casa, Rybczynski (1996, p. 23) define como “Esta forte consciência da tradição é um fenômeno moderno que reflete um desejo por hábitos e rotinas em um mundo caracterizado por mudanças e inovações constantes. ”

Portanto, o cotidiano doméstico é um meio restaurador, que alimenta a identidade pessoal, e prepara para as experiências inusitadas públicas.

As agruras encontradas na vivência do mundo estranho à nossa intimidade doméstica não desaparecem simplesmente porque voltamos para casa; o que proporciona nosso restauro emocional e físico é justamente o reencontro com nossa própria intimidade, no ambiente doméstico, e com tudo o que esse contexto nos traz em termos de continuidade e constância. (KING, 2004, p.178).

Refletindo sobre isso, enquanto os acontecimentos fora da esfera privada, a casa, promovem o amadurecimento pessoal, a continuidade e constância das atividades realizadas na casa, denominadas aqui como hábitos domésticos, promovem o equilíbrio do corpo e espírito, dessa forma, fundamental para o bem estar do Homem.

3. A EVOLUÇÃO DA CASA NO BRASIL

A transformação é uma condição inerente ao ser humano, e pode ser percebida facilmente, nas mudanças ocorridas no seu cotidiano ao longo do tempo, seja, na cultura, na maneira de falar, nas vestimentas, como também em outros segmentos, assim exemplificada ao comparar-se as músicas ouvidas anos atrás, com as ouvidas atualmente, também, com os vestuários usados por uma geração passada, e os usados hoje em dia. As paisagens se transformam, as silhuetas das cidades mudam, e todo espaço físico sofre alguma alteração, portanto, não poderia ser diferente com o espaço residencial, cujas alterações tipológicas são vistas na Imagem 1. Sabendo que a casa mudou, é pretendido, nesse capítulo, seguindo o princípio de Vaultier (s.d. apud Colin 2011, s.p.), de que “quem viu uma casa brasileira, viu quase todas” mostrar como se deram essas transformações, que levaram a casa do período colonial a resultar no apartamento, atual tipologia residencial predominante dos grandes centros urbanos.

Imagem 1 - Quadro sinóptico primário: Arquetipos de sobrados da classe média afortunada observados no Brasil especialmente nas cidades do litoral Nordeste.



Fonte: Lima, 2006. Modificado por Ana Agreli.

3.1. Um breve histórico do início do século XVI até o final do século XX

A casa, como já visto, está ligada à cultura, à sociedade e à época na qual está inserida, e assim, se adequando às suas necessidades, é o que podemos ver nas palavras de Lemos (1996):

Antes de mais nada, devemos lembrar que a função básica de uma casa é a chamada função abrigo. [...] a casa é palco permanente das atividades condicionadas à cultura de seus

usuários. Tais atuações domésticas, que costumamos dizer ligadas aos hábitos e práticas de uma sociedade, devem se desenvolver em circunstâncias ideais e a qualidade do desempenho evidentemente está condicionada às condições oferecidas pela construção. (LEMOS, 1996, p. 9)

Baseado nisso, definimos como as primeiras casas brasileiras, as ocas (ver Imagem 2) ou malocas (ver Imagem 3) dos índios⁷, que aqui viviam, modelos rústicos de moradias, porém, que se adequavam, perfeitamente, as necessidades de seus habitantes, e foram descritas por Pero Vaz de Caminha, em sua carta, ao então rei de Portugal, D. Manoel, como sendo:

[...] em que haveria nove ou dez casas, as quais eram tão compridas, cada uma, como esta nau capitânia. Eram de madeira, e das ilhargas de tábuas, e cobertas de palha, de razoada altura; todas duma só peça, sem nenhum repartimento, tinham dentro muitos esteios; e, de esteio a esteio, uma rede atada pelos cabos, alta, em que dormiam. Debaixo, para se aquecerem, faziam seus fogos. E tinha cada casa duas portas pequenas, uma num cabo, e outra no outro. Diziam que em cada casa se recolhiam trinta ou quarenta pessoas, e que assim os achavam (CAMINHA, 1500, s.p.)

Imagem 2 - Aldeia formada por várias ocas.



Fonte: Concreto em curva, 2016.

⁷ Maloca, uma espécie de casa comunal familiar onde a tribo mora e que ao seu centro se localiza o pátio para rituais, e a Oca é a casa individual, inspirada no ninho do beija flor. (CONCRETO EM CURVA, 2016, s.p.)

Imagem 3 - Aldeia formada apenas por uma maloca.



Fonte: Concreto em curva, 2016.

As primeiras casas propriamente ditas, como hoje conhecemos, só iriam aparecer com a fixação dos colonizadores, os portugueses, em terras brasileiras, que então passaram seus ideais de moradia, através de técnicas, materiais, e, também, da repetição do estilístico arquitetônico português. Esse modelo de casa trazido por eles, no começo do séc. XVI, já de início, precisou se adaptar à realidade da então colônia.

As grandes distâncias territoriais e a falta de estrutura das estradas foram fatores que deram origem a um novo hábito doméstico, receber visitas, sendo assim, necessário a construção de espaços na casa que pudessem acomodar os viajantes.

As grandes distancias e as precariedades dos caminhos transformou a hospitalidade numa obrigação social, numa questão de sobrevivência. Daí o quarto de hóspedes no corpo da casa de morada, os alojamentos para gente menos categorizada nos arredores das dependências de serviço. Daí os cercados para as mulas e cavalos dos passantes que pedissem pouso. Nem sempre a comida estava garantida, mas a cama ou a rede estavam. (LEMOS, 1996, p.14)

Nesta mesma época, a casa sofreu, também, influências indígenas (ver Imagem 4), uma vez que as primeiras moradas foram feitas de sapé, folhas de coqueiro, palha e paus trazidos da mata, se diferenciando das tradicionais ocas por possuírem divisões para as atividades, e isolando os dormitórios, recebendo, dos escravos africanos, o nome de mocambo. Esse tipo de construção, ainda que

tentando seguir a organização portuguesa, sofreu adaptações ao clima brasileiro: a cozinha era do lado de fora, à beira de alguma árvore.

Imagem 4 - Tapiri à beira do Rio Xapuri na Amazonia.



Fonte: Fracalossi, 2012.

Em sequência, com o surgimento das classes sociais, na colônia, e início da formação das cidades, dois tipos de casa se consolidaram: a dos portugueses, uma ampla casa, cuja cozinha se localizava fora do *corpo* principal casa, afim de evitar se intensificar o forte calor dos trópicos; e a casa dos escravos, um pequeno espaço que mantinha a cozinha em meio ao quarto e a sala, já que eles estavam acostumados com o clima quente.

Só partir do séc. XVII, as casas (ver Imagem 5) se aproximaram mais do modelo conhecido pelo colono português, no entanto, precisando, ainda, se adaptar à dificuldade da mão de obra da colônia, bem como, à disponibilidade dos materiais que eram encontrados aqui.

Imagem 5 - Construções em Recife mesclando influências ibéricas e holandesas – Século XVII.



Fonte: Fracalossi, 2012.

Nos engenhos de açúcar, principalmente os do litoral Pernambucano, suas casas apresentavam uma similaridade, seja referente a intenção plástica ou ao partido, com a arquitetura rural portuguesa, ainda que, entre eles não houvesse vínculo. Outra característica das casas dos engenhos de Pernambuco é a existência de um alpendre, um tipo de telhado que passa da casa, criando um espaço de sombra, que ajuda a diminuir o calor (ver imagem 6).

Alpendre é o telhado que se prolonga para fora da parede mestra da casa e que é apoiado em sua extremidade por colunas, tendo como função precípua fazer sombra à construção, evitando que se acumule na alvenaria o calor do sol – refrescando, assim os interiores. (LEMOS, 1996, p. 27-28)

Imagem 6 - Casa grande do engenho Manjope – Igarassu.

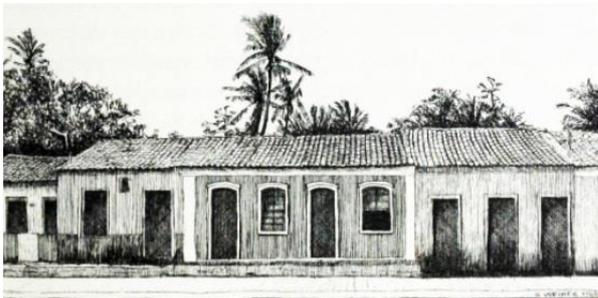


Fonte: Rocha Filho, 1953.

Já as casa urbanas populares (ver Imagem 7), desse período, apresentavam o mesmo tipo de planta para todo o território brasileiro: eram construções geminadas, com terrenos estreitos, porém compridos, o que fazia com que os cômodos fossem dispostos em sequência.

Os cômodos intermediários, acessíveis por corredor lateral, eram os dormitórios, naquele tempo, chamados de camarinhas, alcovas, ou “casa de dormir”. Nos fundos, fechava a fila a cozinha, a varanda alpendra que dava acesso ao quintal, onde sempre havia um arremedo de instalação sanitária. Nos locais onde o lençol freático era profundo, havia a possibilidade de “sumidouros”, buracos em cima dos quais era instalada a “casinha”, também chamada de “secretaria” ou sentina. (LEMOS 1996, p. 32, grifo do autor).

Imagem 7 - Casario de 'porta e janela' em Porto Seguro-Bahia.



Fonte: Fracalossi, 2012.

O século XVIII traz a difusão dos sobrados, construções que se popularizaram pelo Brasil, porém, nem sempre eram acessíveis a população mais pobre. Especialmente no Recife, esse tipo de construção se tornou popular devido ao crescimento populacional, surgindo assim os “sobrados magros”, que nada mais são do que construções estreitas e elevadas (ver Imagem 8). Em geral, os sobrados eram compostos por vários pavimentos “empilhados”, onde cada andar tinha uma função diferente.

Tais sobrados tiveram a peculiaridade de possuir três, quatro e até cinco pavimentos elevados. No térreo, sempre o comércio. No primeiro pavimento elevado, escritório e, às vezes, acomodações para caixeiros. Daí em diante, debaixo para cima, os andares tinham atribuições assim encadeadas nesta ordem certa: área de receber visitas ou estranhos, área das alcovas para o repouso familiar, área de estar íntimo, onde se comia e, finalmente, arrematando a construção, a cozinha. (LEMOS 1996, p. 35)

Imagem 8 - “Sobrados magros” da Rua do Bom Jesus em Recife - 1878.



Fonte: Luna, 2014.

A chegada ao Brasil da corte portuguesa, no início do século XIX, marca grande mudanças para o país, trazendo uma série de novidades, inclusive no que diz respeito a arquitetura da casa. Dentre as inovações observa-se, o uso do lampião, trazendo a claridade para o interior das casas durante a noite, uma vez que suas atividades acabavam com o fim da luz solar, e agora, podendo se prolongar, criou-se novos hábitos domésticos; alteração nas áreas de serviços, que passaram a ser implantadas no porão, inclusive na casa de terreno plano, locadas logo após uma segunda cozinha, superior ao porão, disseminando-se, como moda, nas casas brasileiras; e o local de dormir dos empregados, que começou a tomar a forma conhecida atualmente. Segundo Lemos (1996) ter empregadas brancas era requintado, e essas, não ocupavam o mesmo espaço dos serviçais negros, dormiam nas chamadas mansardas⁸, ou em quartos que passaram a ser construídos ao lado da cozinha. Porém, a organização espacial interna das moradias não sofreu alterações significativas, mantendo a mesma distribuição tradicional constituída pelos três setores: social; íntimo; e de serviço.

Ao fim do século XIX, as construções das casas seguiram dois partidos estilísticos, os que preservavam os ideais da casa da colônia, atrelado a classe média; e os que seguiram uma corrente francesa, o neoclássico⁹, com o ideal de modernizar o país, embora apresentando características superficiais e simplificadas deste estilo, e estando vinculado a classe rica (ver imagem 9).

⁸ Sótão com janelas que se abrem sobre as águas do telhado. Mansarda, em arquitetura, é a janela disposta sobre o telhado de um edifício para iluminar e ventilar seu desvão e, por extensão, o próprio desvão, que pode ser usado como mais um cômodo de uma casa.

⁹ De acordo com Lemos (1979), anteriormente já era observado algumas tentativas de introduzir aspectos do neoclássico em construções realizadas aqui no Brasil. No entanto, de maneira tímida e sem grandes conhecimentos a respeito desse estilo, de modo que o resultado não atendia plenamente às regras e, às vezes, apresentava reminiscências de características de outros estilos, como o barroco.

Imagem 9 - Vista da fachada principal da casa de Grandjean de Montigny, Rio de Janeiro (RJ) - 1820.



Fonte: Santos, 2011.

Do final do século XIX, ao início do séc. XX novas tecnologias promoveram a melhoria de vida doméstica, como a água encanada, o gás e a luz elétrica, alterando mais uma vez os hábitos domésticos. Um fator decisivo para mudanças nas casas brasileiras foi o início da Primeira Guerra Mundial, 1914, os materiais oriundos da Europa foram suspensos, e uma nova fonte de materiais e referências surgiu, os Estados Unidos da América.

No campo da arquitetura, em 1920, Le Corbusier difunde definitivamente sua teoria chamada estética mecânica do purismo, uma nova tendência, que deveria ser seguida pelos demais arquitetos do mundo, inclusive os brasileiros, rompendo com a arquitetura tradicional vigente, o ecletismo. Cinco pontos essenciais definiam a arquitetura da nova casa, pilotis; planta livre; fachada livre; janelas longas e horizontais; e o conceito do teto jardim. Desta forma, a casa modernista (ver Imagem 10) fica vinculada a uma funcionalidade, padronização e racionalidade exigidos pelo momento, os espaços físicos sofreram alterações, e o modelo de arquitetura moderna estava ligada às inovações tecnológicas da construção.

Ele “pensava que a casa deveria ser bonita e confortável, mas também lógica, funcional e eficiente (uma ‘máquina de morar’), perfeitamente apta para atender às necessidades dos ocupantes.” (BERNARDES, 2010, s. p.)

Imagem 10 - Casa Modernista da Rua Santa Cruz - Gregori Warchavchik - 1928 - Primeira obra de arquitetura moderna implantada no Brasil.



Fonte: Warchavchik, 1928.

Ao fim da década de 1920, os arranha-céu americanos surgem como ideal de progresso, investimento e novidade para a classe média, apresentando-se como uma nova opção de moradia, trazendo consigo uma versão para a população da periferia: o edifício com poucos apartamentos. Ainda que se apresentasse um novo modo de morar, as plantas não apresentavam inovações, seguindo o mesmo modelo patriarcal e escravocrata das casas anteriores, perpetuando, assim, sua concepção, agora, porém, empilhada em vários andares.

Só após a segunda guerra mundial, a cultura norte americana consolidou-se como referência de modernidade a ser seguida, a princípio pela classe alta e, posteriormente, pela classe social economicamente inferior e, principalmente, a classe média.

A partir dos anos 1950, a família brasileira assimilou, não só, hábitos familiares semelhantes ao norte americano, consumindo produtos sinônimos de progresso, como também, o novo tipo de casa, os apartamentos, inclusive nas áreas nobres da cidade, este também, sendo o modelo para os conjuntos habitacionais, alterando, dessa forma, o perfil das casas brasileiras.

Com a exploração das áreas litorâneas, a especulação imobiliária se encarrega de vender, para a burguesia, a paisagem da praia, como sendo sinônimo de mudança de vida, assim, os edifícios se apropriam, também, desta área da cidade, os apartamentos reduzem seus espaços, e transforma-se em quarto e sala.

Os anos de 1960 vêm reafirmar o sucesso dos edifícios, a casa própria é incentivada através de programas de financiamento. O número de construção de casas e apartamentos quase se equiparam, e há uma busca de personalização dos espaços internos da casa, através de cores de tintas e, também, da decoração, visto que, dá-se uma produção em série desses edifícios.

Nos anos de 1970 os grandes núcleos urbanos crescem sem ordenação, levando a proliferação das favelas, que se espalham onde existir espaço e trabalho, fazendo com que surjam as habitações populares. Já na cidade formal, os edifícios tentam trazer os valores passados, retomando assim as varadas ou balcões, e a ideia do contato com a natureza, sendo perpassados pela sofisticação de saunas, piscinas e outros atrativos, investindo na segurança: muros altos, segurança eletrônica, interfones e o que mais houvesse de tecnologia disponível, afim de passar a sensação de segurança, além de status de seus moradores. Ao fim da década a mercado imobiliário continua em desenvolvimento, buscando vender uma ilusão de qualidade de vida, visto que há uma degradação do meio ambiente.

Em meados dos anos 1980, a crise econômica pela qual passava o país exigiu mudanças no conceito de morar da classe média, que agora buscava apartamentos menores. Segundo Capuano, então presidente do Conselho Regional de Imóveis de São Paulo, (1987, s.p.) “antes era vergonha um casal começar a vida numa Kitchenette afastada da cidade. Hoje, todo mundo quer começar com dois quartos.”

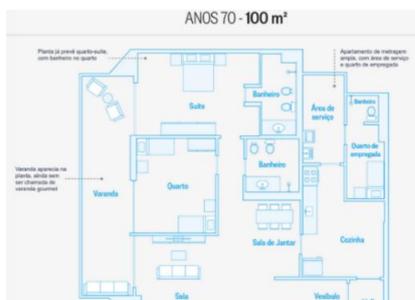
Firmada a modernidade, os anos de 1990 são marcados por uma estabilização econômica do plano real, estimulando, assim, o mercado imobiliário. Porém, esse consumo começa a ser refreado no início dos anos 2000 anunciando uma recessão econômica, os apartamentos se adequam, afim de atender as mudanças do cotidiano da família brasileira, assim, este espaço doméstico é, cada vez mais, padronizado e produzido em série.

Neste panorama, o mercado imobiliário, ao longo das últimas décadas, para viabilizar a produção e comercialização destes apartamentos, se adaptaram, reprogramando suas unidades habitacionais, construindo apartamentos cada

vez menores e mais desprovidos de equipamentos, como defini o Conselho regional de corretores de imóveis (CRECI). (Ver imagens 11, 12, 13,14)

A década de 2010 é o período proposto para o estudo.

Imagem 11 - Planta de apartamentos dos anos 1970.



Fonte: CRECI, s.d.

Imagem 12 - Planta de apartamentos dos anos 1980.



Fonte: CRECI, s.d.

Imagem 13 - Planta de apartamentos dos anos 1990.



Fonte: CRECI, s.d.

Imagem 14 - Planta de apartamentos dos anos 1990.



Fonte: CRECI, s.d.

3.1.1. A varanda

A varanda ou o alpendre sempre teve seu uso vinculado ao clima, servindo não só de proteção contra o calor, mas principalmente, como uma barreira do mundo exterior numa família com raízes patriarcalista.

[...] A varanda carrega consigo diversos significados para seu usuário que desde o período de colonização até a atualidade acompanham e justificam o seu emprego, fazendo dela uma expressão do modo de vida brasileiro. Um desses significados que surge em virtude da sua definição como um elemento que se situa na fachada da edificação, voltada para a parte externa da mesma, é o de ser elemento de transição entre dois mundos, duas esferas sociais distintas. Esses dois mundos são o da casa, reconhecida como espaço privado de relações pessoais, e o da rua, entendida como espaço público onde as relações seriam impessoais. (BRANDÃO; MOREIRA, 2008, s.p.)

Nas áreas rurais, esse elemento arquitetônico, recorrente em todo o período colonial, compunha toda a fachada frontal das construções (ver Imagem 15), enquanto que nas áreas urbanas, este espaço localizava-se nos fundos das casas, criando, assim, um espaço íntimo para as famílias (ver Imagem 16).

Imagem 15 - Casa Grande (Engenho).



Fonte: Andrade, s.d.

Imagem 16 - Planta baixa da casa urbana no Brasil colonial.



Fonte: Coisas da arquitetura, 2011. Modificado por Ana Agrelli.

No início do séc. XX acontecem mudanças no estilo arquitetônico, e a junção do ecletismo com o art nouveau dá origem às varandas de gostos historicistas. Nas grandes casas, o alpendre se transforma em varandas focadas na beleza, as quais nem sempre eram adequadas ao nosso clima. Segundo Veríssimo e Bittar (1999, p.33) “com a chegada do romantismo, a varanda afirma-se definitivamente, intimamente associada ao jardim inglês, [...] que vem denunciar os discretos progressos da família patriarcal”. Marcando presença nas grandes casas, as varandas consagram-se como um espaço de intenso uso por toda a família. Sempre à frente da casa, elas vêm acompanhadas de um simples jardim, o qual separa a intimidade familiar do mundo exterior.

A década de 1920 é marcada por rupturas e transformações, um novo modelo de construção residencial, os apartamentos, se contrapõem com o modelo já

conhecido das casas, é o movimento moderno, pregado como racional, que compromete os valores de estabilidade da classe média brasileira. Segundo Verissimo e Bittar (1999) a então família de classe média fica dividida entre os modelos de moradia oferecidos, o novo e moderno causa apreensão, enquanto o neocolonial parece ultrapassado. Assim, diante dessa crise de identidade cultural, o alpendre e varanda (ver Imagens 17 e 18), aliados do movimento neocolonial, se adaptam ao novo modelo de residência, consagrando e intensificando seu uso, voltando a ter função de filtro e elemento de transição.

Em bairros tradicionais, as famílias sentam-se à noitinha nas varandas em cadeiras de metal ou de vime com o “chefe da família” fumando um discreto cigarro, ainda sem filtro. Ouve-se ao fundo ao piano. A filha mais velha, talvez normalista, “vestida de azul e branco, trazendo um sorriso franco e um rostinho encantador namora recatadamente um “bom partido” [...] (BITTAR; VERÍSSIMO, 1999, p.37, grifo do autor)

Imagem 17 - Casa palacete no Recife, 1923.



Fonte: Mendes, 1923.

Imagem 18 - Casa do navio no bairro de Boa Viagem, Recife, 1930.



Fonte: Lacerda, 1960.

Nas décadas de 1930 e 1940 vê-se a proliferação dos apartamentos, os quais eram feitos sob a vertente art déco, e eram destinados à classe média que se encontrava em expansão. Os apartamentos construídos apresentavam diversas propostas de varandas (ver Imagem 19), sendo algumas delas mais apropriadas ao clima europeu, visto que foram projetados por arquitetos austríacos e franceses.

Como uma espécie de área de transição onde o sol é bem-vindo, entrando pelas janelas em grande quantidade, uma reserva de sol e aquecimento presente em vários edifícios residenciais, com soluções que parecem extraídas diretamente de importantes revistas europeias de arquitetura. (BITTAR; VERISSIMO, 1999, p. 39)

Imagem 19 - Edifício em estilo art deco – Pelotas/RS.



Fonte: Scandoral, 2008.

Na década de 1950, a arquitetura moderna do Brasil, em pleno amadurecimento de suas propostas, busca contemplar toda população, isto, devido a aproximação dos ideais americanos e seu estilo de vida, que levou à uma revisão do conceito das varandas, propondo, a partir daí cobertas mais elaboradas e espaços de transição tropicais. No entanto, nos apartamentos ainda se manteve a ideia de varanda como reserva de calor, o que devido ao nosso clima, fez-se necessário o uso das cortinas, afim de amenizar os efeitos do sol. Conseqüentemente, as varandas começaram a se extinguir, voltando a serem usadas por volta da década de 1970. Seu retorno está associado ao uso dos aparelhos de ar condicionado, tecnologia usada no intuito de minimizar os efeitos do calor dos trópicos.

A varanda nas décadas de 1980 e 1990 passa a ser pouco usada, estando seu uso vinculado a ocasiões especiais, tornando-se sinônimo de *status* social, um espaço confortável para receber visitas.

Atualmente, o uso das varandas, quando estas existem no programa dos apartamentos, passa por um novo processo de transformação, embora continue relacionada ao hábito de receber visitas, agora assimila novos usos, como o preparo de comidas, são transformadas em espaços *gourmets* (ver Imagem 20), na maioria das vezes são fechadas por uma cortina de vidro e, em outros casos, se integrando à área da sala de visita, aumentando assim sua área útil.

Imagem 20 - Varanda gourmet.



Fonte: Oliveira, 2015.

3.1.2. A garagem

A casa brasileira manteve sua coerência, por mais ou menos três séculos, se aproximando do modelo burguês europeu de habitação, assim, o sobrado das áreas urbanas era estreito de testada e com uma longa profundidade, assemelhando-se, em fachada, à casa portuguesa. A organização patriarcal foi a responsável para uma divisão dos ambientes internos baseados na hierarquização, dispondo os ambientes da casa de maneira que suas funções sejam distribuídas de maneira mais fácil, como também, para manter o isolamento familiar. Nos sobrados, chamados de “magros”, podemos encontrar no piso térreo espaços para armazenamento, serviço e contato com o público,

enquanto que, nas casas mais abastadas, um espaço para os veículos e animais.

A importância dada, desde o início da colonização, a qualquer meio de transporte autônomo que permitia a locomoção, seja ele de tração animal ou movido a pernas e braços de escravos, só prevê a atual condição de valorização dos automóveis. Embora sua aquisição seja justificada, considerando as grandes distâncias territoriais, é indiscutível a posição social e de prestígio que os mesmos, desde os tempos mais primórdios, concedem aos seus proprietários.

Aqui andasse de carruagem. Portanto encontramos no meio da fachada uma entrada para carros, dando acesso para o vestíbulo, que serve ao mesmo tempo de depósito para aqueles. É ali que avistaremos igualmente a cadeirinha elegante da senhora e das moças da casa. (BITTAR; VERISSIMO, 1999, p. 49)

Após a independência do país, no início do século XIX, a casa é submetida a alguns valores urbanos, sendo um deles, o acesso do carro pela lateral do lote, embora, ainda fosse permitido o uso da abertura central na fachada.

A cidade se expande para a periferia, alcançando espaços antes rurais, os novos lotes são maiores, com a presenças de jardins, sejam eles na frente da casa ou nas laterais, possibilitando, assim, uma passagem para o veículo ser guardado nos fundos da casa.

Ao fim do século XIX, a sociedade urbana brasileira tem passado por grandes transformações sociais, culturais e econômicas como, a abolição, a proclamação da república e o crescimento da produção industrial. E o veículo automotor passa a ocupar, possivelmente, o lugar da antiga cocheira, isolada, submissa, visto que reflete uma relação com um serviço pago, estigmatizado na época. A garagem se mantém recolhida e discreta até a década de 1950, vencendo-se, a partir daí o preconceito quanto à sua disposição, isto, devido ao *status* atribuído à posse de um carro.

Após o golpe militar de 1964, a indústria de automóveis se expande, atribuindo um novo valor ao carro, tornando-o um morador inanimado das casas, vinculado ao sentimento de felicidade, poder e *status*. A garagem assume, assim, um local

de destaque no layout da casa, a área frontal, e em muitos casos, os antigos espaços reservados aos oratórios de séculos atrás. A garagem por ser, em alguns casos, o local de entrada do chefe da família, recebe um tratamento especial, com valorização da decoração.

Por volta dos anos de 1970, com o aumento do consumo e a supervalorização dos automóveis, apenas um carro não é mais o bastante para cada família, conseqüentemente, o número de garagens tornam-se insuficientes, cujas quantidades passam a ficar vinculadas aos números de quartos dos apartamentos, segundo nova legislação. Com isto, há uma expansão das áreas das garagens nos edifícios, que antes ocupava um pequeno espaço entre os pilotis, e a partir de então, começa a ocupar grandes pavimentos, as vezes mais de um, suspensos ou até mesmo no subsolo.

A partir dos anos de 1980, a garagem extrapola o valor de *status* atribuído nos anos de 1950, e se torna uma necessidade indispensável e cara, vinculada à segurança, equipa-se com novas tecnologias que garantam a preservação do bem da família, o carro.

Atualmente, na cidade do Recife, o número de vagas de garagens de edificações de uso habitacional¹⁰ obedece à Lei de Uso e Ocupação do solo (LUOS) (Lei nº 16.176/96, de 09 de abril de 1996), que define:

Habitação multifamiliar isolada, conjunto de habitações unifamiliares isoladas ou acopladas por justaposição e/ou superposição, a partir de quatro unidades, apart hotel. Em corredor de transporte metropolitano e urb. Principal e corredor de transporte urbano secundário – Unidades de até 40m², 1 vaga/unidade; acima de 40m² até 80m², 1 vaga/unidade; acima de 80m² até 150m², 2 vagas/unidade; acima de 150m² até 250m², 3 vagas/unidade; acima de 250m², 3vagas/unidade. Em demais vias urbanas e zonas especiais de centro – Unidades de até 40m², 1 vaga/2 unidades; acima de 40m² até 80m², 1 vaga/unidade; acima de 80m² até 150m², 2 vagas/unidade; acima de 150m² até 250m², 3 vagas/unidade; acima de 250m², 3 vagas/unidade. (LUOS,1996)

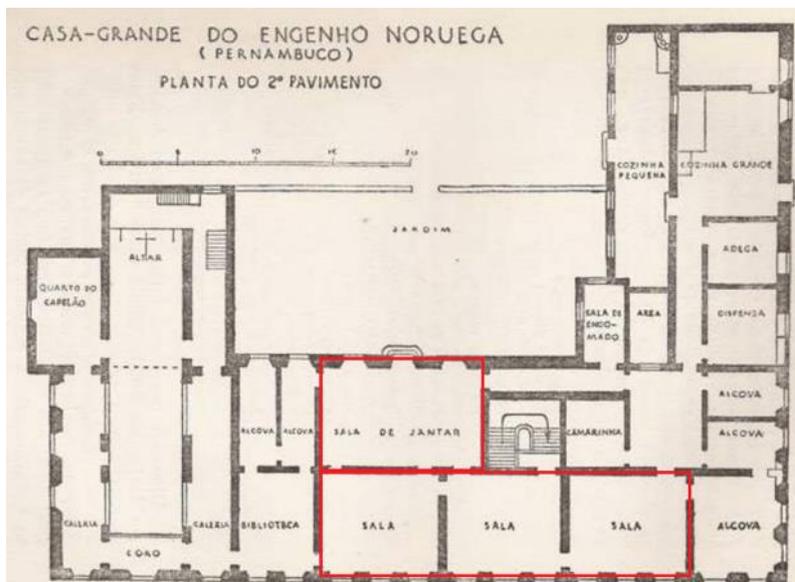
¹⁰ Considera-se habitacional o uso destinado à moradia.

3.1.3. A sala

O setor social da casa é o espaço que, na ausência das varandas rurais e urbanas, dos jardins e terreiros, funciona como barreira entre a rua e a intimidade doméstica. É o espaço do habitar doméstico destinado às visitas que, por se apresentar sempre organizado, passa a ideia de inexistência de uma rotina doméstica, além de refletir as posses do seu dono. Este setor, que vem variando de tamanho e números de cômodos ao longo da história, tem como principal representante a sala. Com o passar do tempo, a sala sofreu gradativas transformações sem perder sua principal função: a de receber, embora tenha assimilado uma nova função, o jantar.

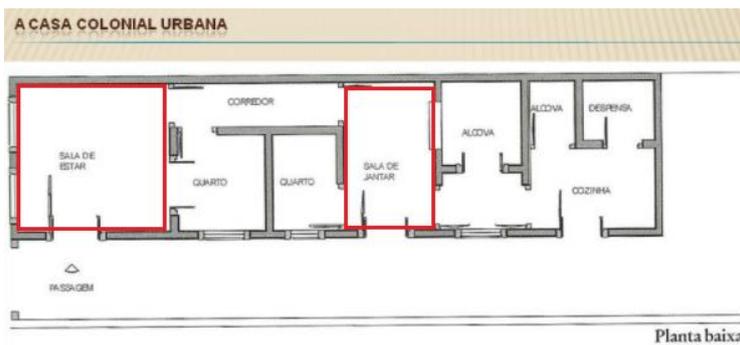
No período colonial, um salão de visitas, sempre localizado à frente da casa (ver Imagens 21 e 22), tinha a função de receber, com pompa e cerimônia, os visitantes, visto que, nesta época, os encontros sociais eram realizados em espaços públicos. Desta forma, neste período, desde as diversas salas da casa grande, a pequena sala da moradia urbana, até o grande salão do sobrado nobre era encontrado um mobiliário grosseiro.

Imagem 21 - Planta baixa casa grande.



Fonte: Coisas da arquitetura, 2011. Modificado por Ana Agrelli.

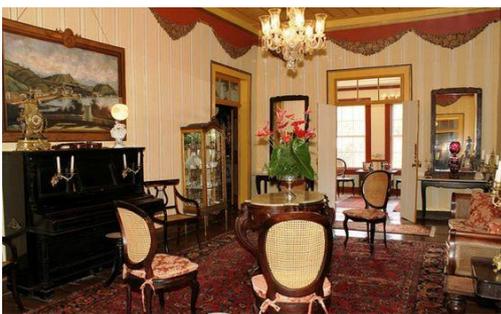
Imagem 22 - Planta baixa casa colonial urbana.



Fonte: Coisas da arquitetura, 2011. Modificado por Ana Agreli.

Com a chegada da família real ao Brasil, altera-se o comportamento social, incentivando-se à recepção. Assim, a casa brasileira busca um ideal palaciano (ver Imagem 23), com grandes salões de festa, e decorações de luxo, mesmo as casas com menor poder aquisitivo, dentro de suas posses, seguem esse modelo. Ao fim do século XIX, a sala volta-se para o exterior, grandes janelas são responsáveis pela conexão com os jardins. A sala ou salão, juntamente com sua decoração, vestimentas e comportamentos de seus usuários seguem um modelo europeu. “Envergonhando-se da jaca, da manga, da fruta-pão, do dendê, do próprio coco-da-Índia, saboreada às escondidas.” (FREIRE, s.d., p. 783 apud BITTAR; VERÍSSIMO, 1988, p.63)

Imagem 23 - Sala de uma fazenda de café, Fazenda União – século XIX.



Fonte: Abril, 2012.

Nos meados da década de 1920, após a proclamação da república, a classe alta busca a periferia da cidade, fugindo assim do aglomerado urbano, construindo novos palacetes, fazendo uso do ecletismo e do *art nouveau*, tanto nos elementos das fachadas, quanto no mobiliário. Observa-se mudanças na planta

das casas, e uma reestruturação no seu *layout*, pois não existem mais escravos para realizarem as tarefas domésticas. Embora permaneçam os grandes salões, as circulações diminuem, e a cozinha se aproxima da sala de jantar, a qual ganha valor social. As salas, em quantidade e funções aumentadas, recebem nomes de acordo com seus usos, e continua com o papel de receber as visitas.

Ainda na década de 1920, as mudanças na arquitetura moderna mundial chegam ao Brasil, porém de forma modesta. O modelo das casas apalacetadas francesas começam a perder espaço para a arquitetura luso-brasileira. A casa neocolonial ganha respaldo, e sua arquitetura é bem recebida pela burguesia, e neste período algumas modificações são feitas. O social continua no térreo, já acompanhado de banheiro, os espaços íntimos sobem para os demais níveis, e os empregados ficam próximos ao quintal. Ser moderno, nessa época, era a valorização da tradição e da nacionalidade.

Entretanto, quase que ao mesmo tempo, é interessante observar a existência de uma vertente modernista que segue uma linha puramente racional, alterando os hábitos domésticos com sua proposta de funcionalidade da casa. Bittar e Veríssimo (1999, p. 70) dizem “não comprometida com o referencial humano, não visando ao resgate da escala exceto a da razão, do frio domínio da lógica”, buscando a sofisticação do futuro, a casa é então geometrizada, inovando a arquitetura através dos seus volumes. Essa racionalização da casa adota salas com esquadrias de vidro e ferro importados, que devido ao clima tropical faz-se necessário o uso de pesadas cortinas.

A década de 1930 chega com a proposta de novos valores, buscando pregar um consumo futurista, isto, devido às mudanças político-econômicas que acontecem no país, no entanto, o organograma das casas continuam sem alterações significativas.

Os valores sociais permanecem quase os mesmos: **o setor social, formal, destinado às visitas, com todo o rebuscamento decorativo e mobiliário à europeia, hábitos franceses de receber [...]** O serviço continua ainda com o mesmo ar senhorial, modificado, às vezes, por uma governanta. (BITTAR; VERÍSSIMO, 1999, p.73, grifo nosso)

Os anos de 1940 são marcados pela influência norte-americana na casa brasileira, que tenta abandonar o modelo francês, fenômeno que, a princípio não encontra muito respaldo para se firmar, e cuja mudança restringe-se apenas a ligação direta da sala à cozinha.

Nos anos de 1950 há a redemocratização do país, e com isto, difusão do uso da televisão, provocando, assim, mudanças no comportamento dos jovens brasileiros, afetados pela cultura americana. Assim, a busca por casas com formas e gosto moderno, com fachadas retilíneas, formas geométricas e janelas de correr, encontra na arquitetura americana inspiração para as nossas construções, inclusive para a classe média.

As grandes casas são grandes mansões “*hollywoodianas*”, com grande *hall*, e **um sofisticado *living-room* com mobiliário requintado, grandes jogos de sofás ou *summers* pés-de-palito, luminárias, uma sala de jantar com uma grande mesa e seus outros acompanhantes em estilo *hippendale*: o bar iluminado, a cristaleira, a *ètagère*, enfim, toda a moda ditada pelas revistas estrangeiras, ou reproduzidas nas similares nacionais. (BITTAR; VERÍSSIMO, 1999, p.74, grifo nosso)**

Nas décadas de 1960 e 1970, a classe média é o principal alvo do mercado de apartamentos, e seus espaços internos ainda eram generosos, principalmente nas áreas sociais.

Devido a expansão das cidades, surgem os subúrbios, com suas casas buscando reproduzir o ideal das casas nobres, as quais atribuíam à área social um grande valor, pois era o espaço reservado ao convívio social. No entanto, para estas novas casas dos subúrbios, neste momento, este espaço, a sala, apenas compunha a casa, pois a rua e o jardim eram os espaços de integração, o local de socialização desta área da cidade.

Os anos de 1980 são marcados pelo tríplice da crise de cunho econômico, político e moral que se encontra o país. O culto ao corpo está em voga, criando novos hábitos de viver, que se refletem no setor social das casas, em muitos casos as salas de festas, as churrasqueiras, as salas de jogos, as piscinas passam a localizar-se no exterior das casas, minimizando a intimidade do

contato social. Especialmente os apartamentos não divergem muito dos modelos dos anos de 1950.

Como pode ser visto na Imagem 24, por volta da década de 1970, com a redução progressiva da área útil dos apartamentos, as salas, na casa brasileira, passam a se integrarem, tendência que ganha forças, consagrando-se nos dias atuais.

Imagem 24 – Sala anos 1990.



Fonte: Folha de São Paulo, 2017, s.p.

3.1.4. O quarto

O quarto, cômodo principal do setor íntimo da casa, usado apenas para dormir, repousar, conviver ou o sexo, passou por poucas mudanças nos primeiros três séculos do período colonial. Sua localização dentro da planta patriarcal (ver Imagem 25), enclausurado entre os outros espaços, só ratifica seu conceito isolacionista e privativo, tanto na casa urbana, quanto na rural. Nas cidades, a largura dos lotes só permitia a abertura desses cômodos nas suas extremidades, voltados para salas ou cozinhas. Em lotes maiores, que possibilitavam a aberturas de janelas, essas eram voltadas para pátios internos, reafirmando o quanto a privacidade era prezada pelas famílias da época.

Imagem 25 - Planta casa colonial urbana.



Fonte: Coisas da arquitetura, 2011. Modificado por Ana Agrelli.

Anexo ao quarto e, geralmente, perpendicular à circulação, a alcova era um espaço extra onde o senhor patriarcal, por conta do clima quente e tropical do país, acabava indo repousar após as refeições. De dimensões mínimas e formato quadrangular, era um ambiente escuro com apenas uma porta para circulação e, diferente do quarto, não possuía janelas.

Apenas a partir do século XIX, com a obrigatoriedade, e a disseminação do vidro em guilhotinas encaixilhadas, as paredes recebem janelas, e a alcova se transforma em quartos. Outra transformação pela qual passa o quarto, nesta época, é o surgimento de um novo anexo o *boudoir*, um quarto de trocar-se. Conforme o século avança, o quarto ganha novos valores, acumulando outras funções, perdendo, de certa forma, seu aspecto intimista.

Com a presença da corte é que vamos encontrar uma maior valorização desse compartimento, que agora vai acompanhar a sofisticação do restante da habitação: surgem o quarto de vestir, os toucadores, o quarto de banho, um equipamento de melhor qualidade tanto material quanto formal, pois a Revolução Industrial consegue colocar no mercado produtos em larga escala. Os quartos se abrem um pouco mais, pois já vamos encontrar na segunda metade do século verdadeiras “reuniões” femininas nesse compartimento. (BITTAR; VERÍSSIMO, 1999, p.90, grifo do autor)

Essa fragilidade da privacidade do setor íntimo é percebida no chalé tradicional e na construção com raiz eclética, seguindo padrões europeus, que incentivam uma vida social. Os quartos, além de janelas que se abrem para os jardins, ganham outros acessos, um pelo alpendre-corredor e outro pelo corredor interno, e se comunicam entre si, também, através de portas, elementos que serviam como forma de restringir privacidade.

Ainda no final do século XIX, devido às tendências estilísticas, o quarto passa a ser tratado como setor social, portanto, há a necessidade de anexar a ele um outro espaço para guardar o vestuário, e para o próprio vestir. Nessa época é comum o uso de quartos individuais para o casal, um costume ancestral.

Com o início do novo século, há uma evolução do íntimo e personalização do ambiente, onde móveis e decoração se adequam. O quarto volta a ter sua função

inicial, o repouso, o vestir e o sexo, principalmente devido a redução da área das casas, que agora começam a ser produzidas em larga escala, e alguns já apresentam banheiros.

Durante a década de 1920, nos diversos estilos de casa – neocolonial, modernista e de gosto eclético – o quarto não sofre alterações, apenas seu posicionamento na planta da casa muda, o quarto principal, do casal, é implantado próximo a sala principal, maneira de demonstrar hierarquização entre seus ocupantes. A mobília do quarto combina com a da sala, sendo mostrada através da porta que está sempre aberta. O setor íntimo fica comprometido, dissociado por uma circulação, ou até mesmo uma sala.

Apenas na década de 1960, o setor íntimo da casa volta a ser uma área compacta, outro fator relevante desta época é a consagração das suítes, quartos com banheiros privativos, inspiradas nos grandes hotéis.

Durante este período, o quarto não sofrerá mudanças significativas, as dimensões continuarão as mesmas, geralmente amplo, com grandes janelas de vidro, conjuntos de móveis produzidos em série e geometrizados. Porém, sofre alterações quanto as suas funções, que além de servir às atividades tradicionais, passa a ser utilizado como sala de visita particular do seu ocupante, principalmente nas casas com dimensões menores, devido à escassez de espaços.

Esta sobreposição de funções do quarto só tende a aumentar nas décadas subsequentes, pois a área dos apartamentos reduz consideravelmente, e então, como solução a este problema, surgem propostas inovadoras de *design* e de mobiliários, com armários e camas embutidos que permitem a economia de espaço. De acordo com Bittar e Veríssimo (1999, p. 95) “Hoje, para várias camadas da população, o quarto é sala de visitas, escritório, sala de estudos, local de trabalho, e, ocasionalmente, lugar de descanso e do amor. ”

Tal fato ocorrendo, apenas, nos apartamentos voltados ao público de classe econômica média e baixa, pois, nos apartamentos de luxo, e nas grandes casas o acúmulo de atividades nos ambientes é evitado.

3.1.5. O banheiro

O banheiro é o do cômodo do setor íntimo onde se realiza a higiene pessoal, sendo o espaço da casa que mais passou por transformações ao longo dos anos, devido à percepção que se tem deste espaço – que vai de sua inexistência, por estar vinculado ao sujo e profano, até mais recentemente, como um local de relevância, insígnia de *status* de seu dono.

No início das construções, as casas, por não possuírem tal espaço nos seus interiores, muito raramente, existiam espaços similares em uma área externa, contavam com “banheiros portáteis” (ver Imagem 26), os urinóis e outros recipientes, que eram carregados pelos “tigres” até os rios, mares ou regiões alagadas, onde eram jogados os excrementos. A função do tigre é descrita por Gilberto Freire:

Como sabe toda gente mais velha, denominavam-se ‘tigres’, em Pernambuco e no Rio, os barris com o excremento dos moradores dos sobrados e das casas urbanas. O despejo desses barris se fazia nas praias. Eram barris velhos que às vezes estouravam de podres, emporcalhando os escravos, seus carregadores, e empestando as ruas com sua imundície. (FREIRE, 1981, p.23, apud BITTAR; VERÍSSIMO, 1999, p. 99).

Imagem 26 - Cadeira sanitária.



Fonte: Uol, 2016.

Os escravos, encarregados desta função, recebiam também o nome de “tigres”, que devido aos materiais fecais, que lhes escorriam pelas suas costas, acabavam com suas peles listradas.

Na área rural, a necessidade deste espaço dentro das casas era menos relevante ainda, visto que, tais necessidades eram feitas longe da casa, no mato, uma herança indígena.

Quanto ao banho, a princípio, o hábito europeu regeu por muito tempo o comportamento da sociedade que se esquivava desta atividade. Mesmo a herança indígena dos banhos, que não foi adquirida logo de imediato, era realizada nos rios, ratificando, dessa forma, ser desnecessário um quarto de banho nas casas.

Em contraste com tudo isso é que surpreende aos primeiros portugueses e franceses chegados nesta parte da América um povo ao que parece sem mancha de sífilis na pele; e cuja maior delícia era o banho de rio. Que se lavava constantemente da cabeça aos pés. (FREIRE, 1981, p. 113, apud BITTAR; VERÍSSIMO, 1999, p.99)

A precariedade de materiais: tubulações, peças de ferro esmaltado ou louça, também é outro motivo pelo qual o banheiro não ter sido implantado, nas casas, durante o início da colonização do Brasil. Apenas no século XIX, com a abertura dos portos ao manufaturado europeu, é que este cenário começa a mudar

Com a chegada desses novos materiais, começa-se a valorizar, ou melhor, utilizar devidamente a *toilette* e, pouco a pouco, mais uma vez, das classes mais ricas às mais pobres; o “quartinho”, “casinha”, “latrina”, “privada”, antes localizados nos fundos dos quintais, sobre fossas fétidas sem água corrente, começam a se aproximar da residência, acoplando-se às cozinhas compondo uma única área que deve possuir tubulação de esgotos, pisos e paredes laváveis e abastecimento de água localizado. Ainda hoje encontramos muitas habitações que mantêm essa tradição oitocentista. (BITTAR; VERÍSSIMO, 1999, p.101)

Junto com a chegada da família real ao Brasil, vem os novos materiais e os novos hábitos, a vida social começa a ser incentivada, e com ela, um maior cuidado com o corpo. O banheiro colonial é aperfeiçoado (ver Imagem 27), a princípio nas casas urbanas de maior poder aquisitivo, e posteriormente, na

segunda metade do século XIX, por todas as classes, ainda que na área externa da casa ou em espaços coletivos como nas vilas operárias ou nos cortiços. Os banhos diários, também, passam a ser usuais pela sociedade, aumentando a relevância do banheiro nas casas.

Uma noite a coisa ainda foi pior. Piedade, certa de que o marido não se chegava, foi ter com ele; Jerônimo fingiu-se indisposto, negou-se e terminou por lhe dizer, repelindo-a brandamente. Não te queria falar, mas... sabes? Deves tomar banho todos os dias (grifo nosso), e mudar de roupa... isto aqui não é como lá. Isto aqui sua-se muito! É preciso trazer o corpo sempre lavado, que, ao se não se cheira mal! ... (AZEVEDO, 1981, p. 94, apud BITTAR; VERÍSSIMO, 1999, p.103)

Imagem 27 - Louça sanitária do século XIX.



Fonte: Uol, 2016.

No início do século XX, influenciado pelos hábitos franceses, o banheiro ganhará requinte, com louças sofisticadas, espelhos de cristal importado, bancadas de pedras nobres, ladrilho hidráulico francês no piso e azulejos, também importados, até a metade das paredes. A luz elétrica, já em uso, faz com que, em locais públicos este ambiente se transforme em local de socialização.

Os banheiros das casas de alto poder aquisitivo sofrem influências da moda, *art nouveau*, no princípio do século, e *art deco* a partir da década de 1920. Localizava-se no pavimento superior, consolidando seu caráter íntimo, cabendo ao térreo a existência de um lavabo, situado na copa ou sala de jantar.

Na década de 1930 o banheiro ganha o caráter privativo para cada unidade de apartamento, abolindo os modelos europeus, onde havia um banheiro coletivo para todos os pavimentos.

Até a década de 1950 (ver Imagem 28) o banheiro sofre poucas modificações, sempre localizado próximo à circulação dos quartos e com os mesmos equipamentos.

[...] encontramos no banheiro o vaso sanitário, o lavatório com coluna, ou fixado à parede, o *bidet*, o banheiro com chuveiro, posteriormente o box, são as peças básicas sempre presentes, predominantemente em louça branca num espaço revestido com azulejos brancos até a metade da parede e pisos em ladrilhos hidráulicos ou pastilhas cerâmicas hexagonais ou octogonais [...] (BITTAR; VERÍSSIMO, 1999, p.104)

Imagem 28 - Banheiro século XX.



Fonte: Uol, 2016.

Apenas na década de 1960 é que haverá uma inovação neste espaço, tanto no que diz respeito a sua quantidade dentro da casa, quanto nos materiais utilizados, louças coloridas – fugindo do branco padrão utilizado anteriormente – azulejos decorados, novos acabamentos para a pia e pisos vitrificados. O ambiente se valoriza, aumentando a permanência do seu usuário, que agora realiza diversas atividades.

[...] um relaxante banho de imersão, uma ducha refrescante, uma demorada barba, a depilação feminina, ou mesmo o recanto de proteção do adolescente, onde pode, assustadamente, folhear suas revistas eróticas, imaginar seus sonhos e satisfazer seus desejos reprimidos pelos valores sociais vigentes. (BITTAR; VERÍSSIMO, 1999, p.105)

Na década de 1970, com a indústria nacional de azulejos e louças sanitárias em plena expansão (ver Imagem 29), o número de banheiros dentro das casas lhes confere o *status* tal qual o bairro em que está situada. As suítes entram em moda,

o ideal é que cada morador possua seu próprio banheiro, além do lavabo próximo da sala de jantar e estar, e o banheiro para as visitas. Reformar um banheiro, de acordo com a moda, com os artifícios oferecidos pelo mercado, fica mais oneroso que pintar toda a casa.

[...] encontramos programa de banheiros com jardins internos, iluminação natural zenital e artificial, carpetes, banheiras especiais de massagens, saunas, duchas, grandes espelhos [...]
(BITTAR; VERÍSSIMO, 1999, p.105)

Imagem 29 - Banheiro anos 1970 e 1980.



Fonte: Uol, 2016.

Mesmo com a recessão econômica da década de 1980, há um incentivo, através do crediário, para que a classe com poder aquisitivo mais baixo continue a compor os espaços de seus banheiros com certo requinte.

Nos anos de 1990, os materiais de acabamentos dos banheiros se popularizaram através de elementos sintéticos que substituíram as antigas peças nobres, permitindo que a classe mais pobre pudesse ter seus banheiros similares aos divulgados nas revistas ou novelas.

Apesar de toda esta transformação neste espaço do setor íntimo da casa, o banheiro, e a classe econômica de alto poder aquisitivo continuar a deixar seus banheiros cada vez mais requintados (ver Imagem 30), não se deve esquecer que ainda existem milhares de casas, cujo saneamento básico não existe, com banheiros precários, ou até mesmo, que ainda usam o mato como tal finalidade.

Imagem 30 - Banheiro Século XXI.



Fonte: Uol, 2016.

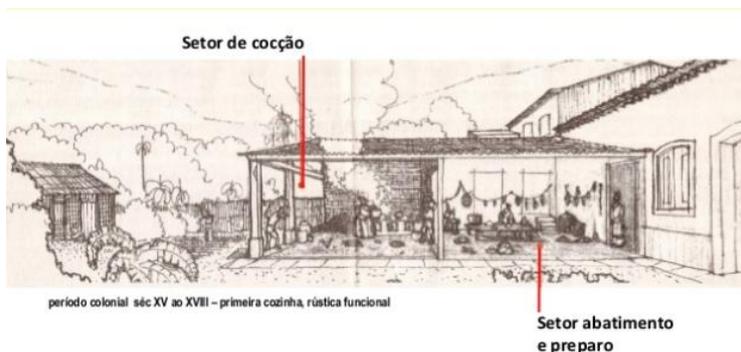
3.1.6. A cozinha

O setor de serviços da casa brasileira, composto pela cozinha, copa, alojamento de empregados e o quintal ou área de serviços, é de relevante importância para a compreensão dos seus hábitos domésticos, visto que, é neste espaço que a família se mostra como realmente é, sem as máscaras impostas pela área social. Como diz

No período colonial brasileiro, as casas, que estavam sempre repletas de pessoas, suas cozinhas precisavam ter um amplo espaço, ocupando mais de um terço da área de toda a casa, para a confecção das refeições e, também, guardar os mais diversos utensílios, gamelas, tachos, moringas, panelas de ferro, frascos, prateleiras e fogões a lenha.

Localizadas nos fundos da casa, num puxado, evitando, desta forma, a fumaça e o calor excessivo na área de convívio do lar devido ao clima quente do país, tinham a chaminé apoiada na última parede. Este espaço estava subdividido em uma área para ante preparo dos alimentos, que incluíam a limpeza e o abate (cozinha suja); e uma área do preparo propriamente dito (cozinha limpa), ambas se utilizando da mão-de-obra escrava, já que a mulher branca, a sinhá, pouco participava da vida doméstica (ver Imagem 31). A cozinha urbana diverge apenas em tamanho da cozinha rural, onde funções e disposições são as mesmas.

Imagem 31 - Cozinha Brasil colonial.



Fonte: Saccomori, s.d.

Apenas com a abolição da escravidão, com a chegada de novos produtos manufaturados ao país, e as tarefas sendo realizadas pela mão-de-obra branca, seja das empregadas imigrantes que chegam ao país, ou da própria dona da casa, é que algumas transformações ocorrem neste espaço da casa. No início do século XX o fogão à lenha é substituído pelo fogão à gás – apenas algumas residências da zona rural mantêm o fogão à lenha- a água corrente e pisos em ladrilhos hidráulicos também passam a serem utilizados.

Com a mudança de hábitos, cada vez mais afrancesados, e o uso de novos utensílios, agora refinados, a cozinha se aproxima da casa, já que a fumaça e o calor não são mais problemas, embora, ainda permaneça localizada nos fundos da casa, com acesso fácil à sala de jantar nas casas mais ricas, e à copa nas casas da classe média. Outro fator relevante desta época é a redução da área das cozinhas, a dificuldade de empregadas para realizarem as tarefas domésticas, a presença da água corrente e da luz elétrica, e o fogão a gás fazem com que as donas das casas se apropriem deste espaço, e com isto, levando a indústria de revestimentos a melhorarem suas qualidades – uso de pastilhas a partir dos anos 1940, e cerâmicas lisas e decoradas a partir de 1950.

A cozinha vai atingir dimensões mínimas com a proliferação dos apartamentos e a redução da área das casas da classe média. Na década de 1940, início do estilo de vida americano aqui no Brasil, as geladeiras aparecem como sonho de consumo para as famílias, auxiliando-as no armazenamento e preparo das refeições.

Na década de 1950, influenciado pelo cinema norte-americano, há uma tentativa de fazer a junção da sala com a cozinha, o que acaba por não funcionar, visto que, o sistema de exaustão ainda precário, permite que os odores, fumaça e gordura provenientes do preparo das comidas acabem impregnando toda a casa.

Na década de 1970, o avanço tecnológico favorece a área da cozinha, com um mobiliário adequado e a presença de azulejos decorados, a cozinha ganha cores se tornando um ambiente aconchegante que se junta ao estar, numa imitação ao viver americano (ver Imagem 32). Produtos congelados e micro-ondas tornam ainda mais fácil o trabalho da dona de casa, que agora se divide em uma rotina dupla, dentro e fora de casa.

Imagem 32 - Cozinha década de 1970.



Fonte: Saccomori, s.d.

A década de 1980 é marcada pela modernização e uso em potencial dos eletrodomésticos (ver Imagem 33), e, mais uma vez, alteração da rotina da casa, criando, assim, novos hábitos domésticos. Algumas refeições passam a não ser mais realizadas em casa, bem como, seus horários tornam-se irregulares, assim, o ambiente precisa ser projetado afim de tornar-se um local onde as atividades possam ser realizadas de forma rápida e prática.

Alguns novos projetos abandonam o espírito da cozinha, relegando-a a um mero depositário de aparelhos de última geração para preparo de congelados, congelando as relações familiares existentes, que não podem ser aquecidas no micro-ondas. (BITTAR; VERÍSSIMO, 1999, p.115)

Imagem 33 - Cozinha da década de 1980.



Fonte: Saccomori, s.d. Modificado por Ana Agreli.

No final dos anos de 1990, de forma tímida, a cozinha começa a se integrar a área social da casa, mas só a partir dos anos 2000 essa mudança passa a ser aceita de forma mais flexível e contínua, tornando a cozinha uma área, também, de convivência (ver Imagem 34). Como diz Danilo Saccomori (s.p., grifo do autor), “Cozinhar é um prazer e uma atitude de **socialização**. A cozinha ganhou **arte**. Os homens migraram com força pra lá. ”

Imagem 34 - Cozinha anos 2000.



Fonte: Saccomori, s.d.

3.1.7. A copa

No período colonial, a sala de viver era uma espécie de claustro, sem ligação com o setor social, e se localizava junto a cozinha. Nas cidades voltava-se para o quintal, e nas áreas rurais, para o pomar. Espaço da casa, onde as senhoras assistiam às escravas prepararem os alimentos e onde a família realizava suas refeições informais, permitindo-se todo e qualquer abandono de hábitos sociais.

Tais são as principais peças desta região feminina que têm capital uma vasta cozinha provida de um grande fogão, amontoado confuso de coisas e seres inanimados, do qual a cozinha de um albergue aldeia, em dia de feira dará uma pálida ideia. É esse ponto de encontro de todo o falatório do engenho... A dona da casa preside quase todo o dia às inúmeras operações de que este lugar é o teatro. (VAUTHIER, 1975, p. 66-87 apud BITTAR; VERÍSSIMO, 1999, p.116-117)

No século XIX, a vinda da família real para o Brasil traz novos hábitos para a sociedade, o ato de receber torna-se frequente, como já visto. Desta forma, a sala de viver, ou de refeições, abandona a área íntima passando a fazer parte do setor social.

No início do século XX, com o ecletismo, a sala de viver cai em desuso, e transforma-se em sala de jantar nas casas de classe média, e nas casas abastadas, em copa. É nesta copa, geralmente revestidas de azulejos até metade das paredes, com um lavatório na parede, que a família se reúne para as refeições informais, ouvir as transmissões do rádio, ler o jornal e conversar, sempre de maneira descontraída.

Aos poucos, a copa vai perdendo lugar dentro das residências e transformou-se, atualmente, nos projetos de apartamentos produzidos em série, em mera referência anotada nas plantas como copa/cozinha (ver Imagem 35).

Imagem 35 - Planta Baixa Edifício Saint Eduardo/Aptº tipo.



Fonte: Moradasol, s.d. Modificado por Ana Agrelli.

3.1.8. A área de serviço

Para entendermos como se encontra, atualmente, as áreas de serviços, faz-se necessário um conhecimento prévio dos antigos quintais urbanos, ou dos terreiros das casas rurais do período colonial. Espaços, estes, vinculados aos serviços dos escravos, onde os mesmos eram castigados quando se rebelavam; à criação de animais; e às festas religiosas, muitas delas de caráter híbrido, anunciando, assim, o futuro sincretismo religioso.

Se existiram ambientes imprescindíveis no Brasil colonial, foram os quintais. Extensões orgânicas da casa rural e urbana, eles foram palco de boa parte das atividades cotidianas e despensa que garantiu a subsistência familiar, em uma época na qual, de modo geral, havia precárias redes de produção e comércio de alimentos. (DOURADO, 2004, p. 95)

Nas casas grandes, eram nos quintais, longos, sem barreiras que limitavam sua área, cheios de árvores, quase sempre passagem para o pomar, onde os escravos cuidavam das roupas da casa grande, onde as crianças brincavam, e as sinhás passeavam com suas mucamas para tomar um banho de sol ou apenas checar o trabalho.

Cabe ressaltar que o quintal propriamente dito é amplo, sem demarcações, apenas impondo a presença de hortas, chiqueiro e galinheiro juntos ao acesso da cozinha suja (cozinha onde o ante preparo dos alimentos era feito). Sobrava ainda generoso

espaço para o trabalho escravo de lavar e quarar roupas em amplos gramados. (BITTAR; VERÍSSIMO, 1999, p.119)

Modelo este de quintal que se perpetuou após o declínio da atividade canvieira e surgimento da atividade cafeeira. Como diz Bittar e Veríssimo (1999, p. 107), “Era o mesmo espaço para uma mesma sociedade agrária-exportadora-patriarcal-escravocrata. ”

No quintal da casa colonial urbana (ver Imagem 36), observa-se uma reprodução do quintal rural, vinculado a atividades próprias de uma sociedade agrícola, embora, em proporções menores. Os lotes eram estreitos e compridos, a casa ocupava um terço de sua área. As atividades desenvolvidas neste espaço da casa rural eram as mesmas que ocorriam nas casas grandes dos engenhos: lavar, secar e engomar as roupas, era o espaço de lazer das crianças, possuíam pomares, galinheiros, e onde, também, estavam locadas pequenas senzalas. Era um espaço feminino e íntimo, visto que, neste período, a rua era considerada inóspita às mulheres da sociedade.

Os aspectos funcionais, entretanto, não esgotam o papel desempenhado pelos quintais na história das cidades brasileiras. Até o século XIX, o espaço público urbano, neste país, esteve associado aos perigos e ao imprevisível e, portanto, considerado não frequentável pelas mulheres brancas e de “boa família” (GRAHAM, 1992, p. 57-68 apud SILVA, 2004, p.61).

Imagem 36 - Quintais domésticos em Vila de Bom Jesus-Cuiabá.



Fonte: Silva, 2004.

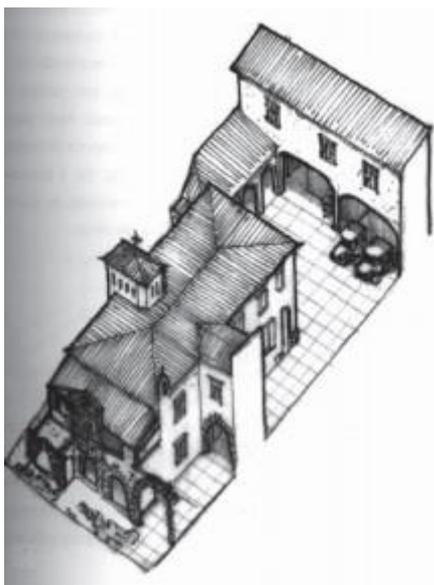
Durante o século XIX nenhuma mudança significativa dá-se nessa área da casa, o quintal. Apenas o paisagismo, tanto nos jardins laterais e frontais da casa, quanto nos jardins públicos, recebem um tratamento diferenciado, com projetos paisagísticos de arquitetos estrangeiros, influenciados pelo gosto romântico.

A abolição da escravatura e a proclamação da república, traz profundas transformações para configuração espacial da casa brasileira, visto que a mão de obra para realização dos afazeres domésticos fica escassa.

Na casa, fosse rural ou a urbana, cujo funcionamento dependia dele [escravo] e cujo programa sem ele teve de ser não somente reduzido como modificado na sua orgânica e no seu funcionamento. (SANTOS, 1981, p.75.)

Esses acontecimentos levam a redução do tamanho dos lotes nas áreas urbanas. Os quintais têm suas áreas diminuídas, transformando-se em um espaço delimitado para os serviços, onde aparece um tanque anexo a um banheiro externo. Apenas nas casas abastadas, os quintais continuaram com grandes áreas, onde se farão presentes espaços destinados à uma garagem, além de outras áreas como, aposentos para os empregados, oficinas e lavanderias (ver Imagem 37).

Imagem 37 - Quintal doméstico por volta de 1930.



Fonte: Silva, 2004.

O início do século XX é marcado pela redução gradativa dos quintais e área de serviço. A diminuição progressiva dos lotes transforma os quintais de outrora em áreas cimentadas, espaço do tanque e do varal, sem o cheiro da terra natural ou as sombras das árvores, precedendo, assim, as áreas de serviços dos apartamentos atuais. A mão-de-obra é substituída pela máquina de lavar roupas, as roupas passam a serem secadas em varais de alumínio, e o serviço de passar a roupa, é delegado à diaristas, que realizam esta tarefa em espaços cada vez mais apertados e abafados, sem ventilação adequada.

A área de serviço continua a reduzir suas dimensões ao longo dos anos, apresentando-se, já na década de 1980, em muitos apartamentos da classe média, como uma continuação da cozinha, cabendo, apenas, o tanque e uma máquina de lavar roupas (ver Imagem 38).

Imagem 38 - Planta baixa aptº tipo/Boulevard Residence - Boa Viagem - 2011.



Fonte: Arroba casa, s.d. Modificado por Ana Agreli.

3.1.9. O alojamento de empregados

Desde o período colonial, o espaço da casa destinado aos aposentos do empregado doméstico mantém o mesmo caráter escravocrata da casa grande patriarcal. Seguindo a mesma lógica, evitar o contato da família com os empregados (escravos, no período colonial), estará sempre localizado nos fundos da casa.

Durante a época da casa grande, o Brasil canavieiro, as pessoas responsáveis pelo trabalho doméstico eram os escravos, e residiam nas senzalas¹¹, alojamentos sem o mínimo de higiene e conforto (ver Imagem 39). Nas casas urbanas desse período, os escravos ocupavam uma casa pequena nos fundos dos lotes, próxima às estrebarias, cocheiras ou depósitos.

Esse alojamento apenas apresenta maior conforto se for destinado aos escravos domésticos e às escravas de dentro, que privam do contato com a família e, mais ainda, dos favores sexuais para com o senhor. Aí já encontramos redes limpas, esteiras e algumas peças de mobiliário. (BITTAR; VERÍSSIMO, 1999, p.125)

Imagem 39 - Casarão senzala – Século XVIII.

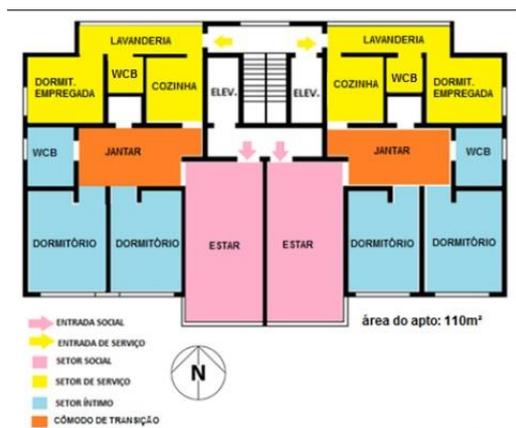


Fonte: Ecotur, s.d.

Após a abolição da escravatura, o alojamento destinado para o trabalhador doméstico necessita possuir melhores condições, já que a mão-de-obra, agora assalariada, exige melhores acomodações. Esta acomodação, rotineiramente chamada de edícula, localizava-se fora da casa, com acesso independente para a rua, constituída de quarto e banheiro. Apesar do novo vínculo econômico, assalariado, entre patrão e empregado, a relação social, entre eles, se estende por todo século XX, podendo ser observada a partir das plantas das casas desta época.

¹¹ As senzalas eram galpões de porte médio ou grande em que os escravos passavam a noite. Costumam ser rústicas, abafadas (possuíam poucas janelas) e desconfortáveis. Eram construções muito simples feitas geralmente de madeira e barro e não possuíam divisórias. Os escravos dormiam no chão duro de terra batida ou sobre palha.

Imagem 41 - Planta digitalizada do Edifício São Carlos em Maceió (sem escala), 1964.



Fonte: Brandão, 2015.

A partir dos anos de 1980, com a redução ainda maior das áreas dos apartamentos, impulsionados pelo mercado imobiliário, e nova mudança na mão de obra doméstica, escassez do empregado doméstico na forma fixa, surge uma nova tendência, a implantação de um terceiro quarto reversível. Este dormitório reversível é implantado de forma estratégica entre o setor íntimo e o de serviços, podendo ter a função de alojamento doméstico ou suíte do setor íntimo da família. Segundo Tramontano (2000 apud BRANDÃO, 2015, p. 49) “o quarto reversível foi vendido como novidade nos programas habitacionais, quando o mercado imobiliário já prenunciava o sumiço dos quartos de empregadas.” Alterando dessa forma a setorização rígida da casa patriarcal, aproximando, assim, o setor de serviços do setor íntimo (Ver Imagem 42).

Imagem 42 - Planta digitalizada do apartamento do edifício Villa Verde, (s/escala) 1985.



Fonte: Brandão, 2015.

Como tendência, atualmente, os apartamentos, destinados à classe social média, passam a não mais oferecer, no setor de serviços, alojamento para empregados domésticos.

4. MODELO ATUAL DE VIDA DOMÉSTICA

A constatação de que a maneira de viver da sociedade passa por uma série de mudanças importantes não é nova e, a mesma, está sempre interferindo na concepção das suas casas¹². Porém, no final do século XX e início do século XXI, devido, sempre, a fatores econômicos, sociais e culturais, essas transformações se exacerbaram afetando, também, os hábitos familiares nas casas brasileiras e, com isso, mudando a configuração espacial das mesmas, visto que, são lugares de identidade que revelam e definem estilos de vida. Neste contexto, para entender como os interiores das casas estão sendo configurados atualmente, quatro questões se colocam de grande relevância, e serão, portanto, abordados neste capítulo: a participação feminina no mercado de trabalho, o empregado doméstico, em maioria absoluta desenvolvido pelo sexo feminino, novos formatos de família e o uso das tecnologias domésticas.

4.1. A participação feminina no mercado de trabalho

Como já visto, a família é um reflexo do que acontece na sociedade. As modificações apresentadas na estrutura familiar representam exatamente as mudanças ocorridas no convívio social, seja na economia, na cultura ou política. A instituição familiar, por não ser estanque, é bastante influenciada pelo seu entorno, e a figura da mulher é de relevante importância no que diz respeito ao cotidiano da família, como diz Hintz:

É, sem dúvida, dentro da família que as condições atuais sociais, econômicas, emocionais são vivenciadas e que as relações entre os membros familiares são profundamente afetadas. As mulheres encontram-se no cerne destas questões em virtude dos diferentes papéis que exercem nas diversas áreas da

¹² Freire (2003) faz uma análise antropológica e sociológica da casa brasileira sob o regime patriarcalista que contribui para o estudo do seu perfil arquitetônico. Ele afirma, no prefácio do seu livro *Casa Grande e Senzala* (1933), que, tanto, a casa, quanto a senzala representavam todo um sistema econômico, social e político do país, cujas características dessa casa se espalharam para todo o Brasil. Já em *Sobrados e Mocambos* Freire (1936 apud Rezende 2001), continuação do estudo das raízes sociais na importância da formação da casa, Freire observa a decadência do poder patriarcal rural e crescimento do urbano, que provocou mudanças no modo de vida e nos interiores das casas. Embora sua preocupação não fosse a configuração espacial das casas, Freyre entende que a arquitetura da casa expressava um modo de vida.

sociedade, como na saúde, educação, fertilidade, trabalho e na habitação. (HINTZ, 2001, p. 14).

O papel que a mulher desempenha dentro deste núcleo familiar se torna essencial para sua estruturação, visto que, por muito tempo foi a única responsável pela administração da casa. A conquista de seus direitos, através de movimentos como o das sufragistas¹³, são grandes marcos na história mundial, e trazem consigo grandes impactos para a sociedade em geral.

Além do direito ao voto, de modo lento, porém progressivo, as mulheres vêm assumindo seu papel no mercado de trabalho, isso, devido à queda da taxa de fecundidade e ao aumento de seu nível de escolaridade, assim, as mulheres vem deixando de lado a figura de submissa ao homem, sem qualquer direito a voz dentro do seu lar, em busca de uma relação de maior igualdade. No entanto, mesmo depois de muitas décadas e lutas, as mulheres, em sua maioria, ainda são menos remuneradas que os homens na realização das mesmas atividades, essa desigualdade, faz com que as mulheres ainda precisem provar constantemente seus valores.

No último censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 2010, é possível observarmos o panorama da figura da mulher no mercado de trabalho nacional. O que se observa nesta pesquisa é que a mulher, por mais que seja maioria na sociedade, ainda é uma minoria dentro do mercado de trabalho. O número de homens em idade ativa (25 a 49 anos) trabalhando é superior ao de mulheres, enquanto eles representam 54,6% elas representam 46,4% da população. Quando se trata de área de trabalho, a situação ainda é um pouco mais reveladora, pois para as mulheres ainda são reservados alguns nichos considerados de natureza femininos. Por mais que aos poucos elas consigam conquistar novas áreas e patamares, essa evolução segue a passos pequenos, como podemos ver nos Gráficos 2 e 3.

¹³ Foram diversas campanhas realizadas a partir de meados do século XIX para garantir às mulheres da Inglaterra e dos Estados Unidos algo então inédito para elas: o sufrágio, direito de votar em eleições políticas.

Gráfico 2 - Distribuição ocupada, por grupamentos de atividade, segundo o sexo feminino (%) – (2003 e 2011).

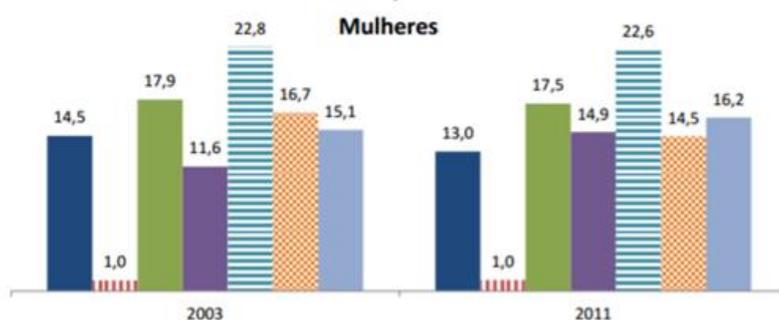
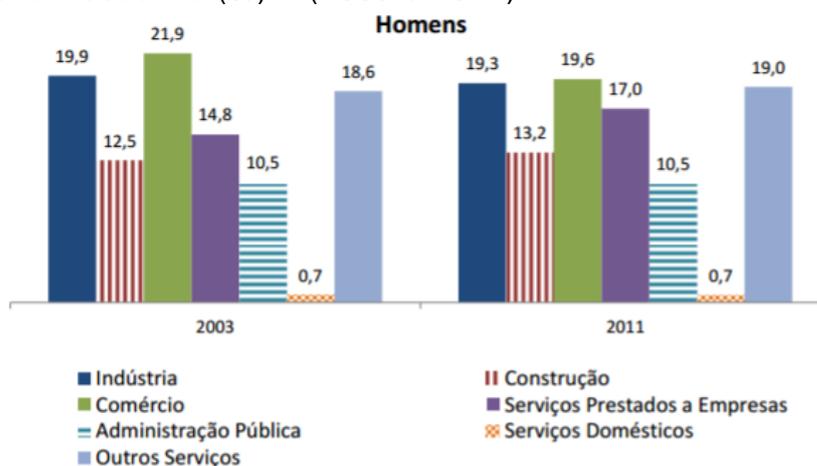


Gráfico 3 - Distribuição ocupada, por grupamentos de atividade, segundo o sexo masculino (%) – (2003 e 2011).

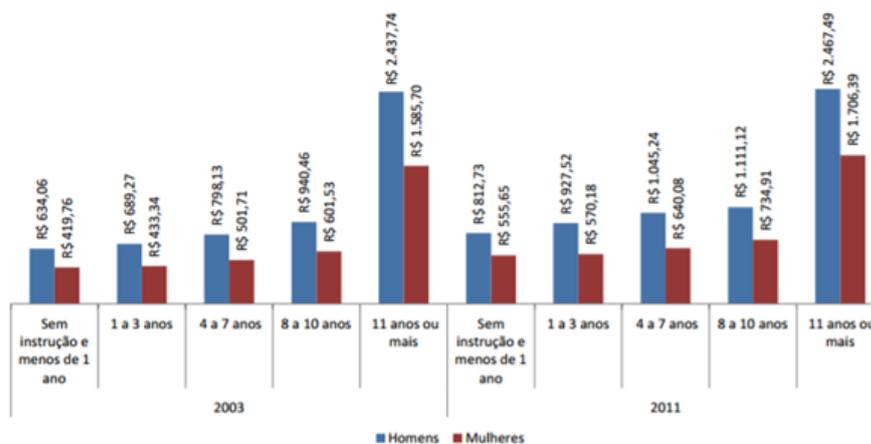


Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Mensal de Emprego, 2003-2011.

Pode se ver, pelos gráficos, que em 2003 a mulher ocupava, principalmente, três setores: administração pública, serviços domésticos e comércio. Em 2011, precisamente oito anos depois, a situação não mudou tanto, a maior diferença é que o número de mulheres que exerciam atividades ligadas aos serviços domésticos caiu, levando-as a ocupar um espaço maior dentro de outras atividades denominadas pelo IBGE como outros serviços.

Além de progredir lentamente em diversas áreas, a mulher ainda se encontra em uma posição inferior ao homem, pois seu rendimento salarial, na maioria das vezes, é inferior ao do homem, mesmo trabalhando a mesma quantidade de tempo e com o mesmo nível de escolaridade, como mostra o Gráfico 4.

Gráfico 4 - Rendimento médio habitual da população ocupada, por grupos de anos de estudo, segundo o sexo – (2003 e 2011) *.



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Mensal de Emprego 2003-2011. *Média das estimativas mensais.

Apesar de notarmos uma pequena melhora no panorama geral da mulher no mercado de trabalho, entre os anos 2003 e 2011, ainda há muito o que ser feito para que as diferenças sejam inexistentes.

Embora não seja comum, atualmente, já se vê muitas mulheres assumindo o papel de *chefe* da família, local antes apenas *habitado* pelos homens, podemos “encontrar mulheres com um nível salarial e educacional mais elevados do que seus companheiros, assumindo o papel de mantenedoras da família, o que lhes confere um maior poder dentro de casa.” (HINTZ, 2001, p. 14).

Essa tendência, a mulher cada vez mais inserida no mercado de trabalho, e conseqüentemente, menos tempo dentro da casa, reflete diretamente na rotina doméstica, pois, o aumento da sua participação no mercado de trabalho resulta em um acúmulo das suas funções: mãe, esposa, dona de casa e profissional, alterando, portanto, o programa de necessidades das casas, a importância e o uso de cada cômodo, afetando assim, sua organização espacial.

4.2. O empregado doméstico

Desde os tempos da colonização do nosso país, uma figura sempre esteve presente nas diferentes casas que existiram, ao longo do tempo, em nosso território brasileiro: o serviçal doméstico. Claramente, não podemos nos referir

aos escravos e índios que serviam aos portugueses, realizando as tarefas domésticas, pelo termo empregado doméstico¹⁴, pois o uso de tal denominação implica numa relação entre serviços prestados e trabalho pago, a qual não existia naquela época.

Mas é indiscutível que o trabalho doméstico se configura como uma evolução do trabalho realizado pelos escravos, séculos atrás, mantendo, até certa forma, o caráter servil das tarefas domésticas.

Nos tempos da casa grande, o cenário se configurava por escravos que cuidavam da casa, das crianças, da comida e de todos os outros afazeres que não seriam dignos dos seus donos. E diante deste panorama, observa-se que o empregado doméstico, por muito tempo ainda, encontrou-se vinculado ao caráter escravocrata de séculos passados, sendo realizado até mesmo sem remuneração, estando associado a um apadrinhamento entre os donos da casa e a pessoa que desempenhavam as tarefas domésticas. Felizmente, isso mudou, e com o passar do tempo, o trabalho se tornou remunerado, fazendo com que o empregado doméstico ganhasse, aos poucos, seus direitos. Hoje, esta atividade, afetada pelas mudanças ocasionadas pela conquista de direitos trabalhistas, virou uma profissão.

Com o crescimento do trabalho doméstico, em especial no Brasil, os apartamentos, uma nova tipologia da casa, começaram a oferecer um espaço, agora dentro da casa, para alojamento de seus trabalhadores: o quarto de empregada.

A configuração espacial do apartamento brasileiro contemporâneo é resultado de uma evolução relativamente simples de explicar. Até o final do século XIX, predominava nas residências urbanas uma forma de vida que podemos chamar, pedagogicamente, de mini casas-grandes. Na frente, junto à rua, ficavam os espaços nobres da casa: escritório e sala de estar. Mais para dentro, a sala de jantar quase sempre ligada ao banheiro [...] também ligados à sala de jantar se encontravam os quartos. [...] no fundo da construção, ligado a um alpendre ou

¹⁴ Entende-se por empregado doméstico aquele que presta serviços de forma contínua, subordinada, onerosa e pessoal e de finalidade não lucrativa à pessoa ou à família, no âmbito residencial destas, por mais de 2 (dois) dias por semana, conforme dispõe o art. 1º da LC 150/2015. Disponível em: <http://www.guiatrabalhista.com.br/guia/empregado_domestico.htm>. Acesso em: 21 de maio de 2017.

separado como um barracão, ficava a cozinha. E, no fundo do lote, outros barracões serviam de quarto para os empregados. (LARA, 2013, s.p.)

Como pode-se ver, o espaço destinado aos empregados domésticos ficava isento de qualquer tipo de conforto, localizando-se no final da casa, em um canto “escondido”. Esse fato pode ser compreendido como uma continuação do sentimento de superioridade dos empregadores para com o empregado, que exigiam um trabalho puxado e imperceptível da presença do trabalhador. De acordo com Brites (2007, p. 96) “é esperado da empregada doméstica o cumprimento das tarefas de limpeza, do cuidado da casa, das crianças, dos velhos e dos animais de forma discreta e afetiva.” Um trabalho que ainda, muitas vezes, é exaustivo e pouco compensador.

Ainda há poucos anos, era comum ver empregadas que saíam cedo de suas casas, iam para o trabalho, em algum canto longe da sua própria residência, e passavam a noite na casa da família empregadora, visto que, a jornada de trabalho era muito grande. Com o passar do tempo, essa rotina vai se tornando cada vez mais fora da realidade, e este empregado doméstico passa a não dormir mais no trabalho, fazendo, assim, com que o espaço reservado ao seu alojamento ficasse obsoleto, e, portanto, sofresse alterações. Goldstein (2003, p.80) descreve o quarto de empregada mais atual como um “espaço, antes destinado a moradia, agora serve apenas para uso durante o dia. Trata-se de um espaço situado inevitavelmente atrás da cozinha e da lavanderia, onde, em geral, não cabe mais do que uma pequena cama de solteiro.”

Vários são os motivos que geraram as mudanças no mercado de trabalho dos empregados domésticos, os quais serão analisados a seguir.

Deve-se pensar primeiramente nas mudanças que a profissão sofreu começando pela conquista dos direitos trabalhistas que asseguraram o bem estar do empregado e, posteriormente, no panorama contemporâneo, com os novos direitos adquiridos através de uma Lei complementar¹⁵. Como pode-se ver no Quadro 1, os empregados domésticos ganharam benefícios, aumentando, portanto, o custo de sua contratação. Fazendo uma comparação do antes da lei

¹⁵ Lei complementar nº 150, 01 de junho de 2015.

e do depois da lei, vê-se que o piso salarial permanece equivalente a um salário mínimo, onde o empregado deve ter uma jornada de oito horas diárias, com direito a receber por horas extras e tendo um tempo de intervalo para as refeições; continua tendo direito ao vale transporte, sendo, portanto, descontado determinado valor do seu salário para esse fim, porém, foi adicionado à lista de direitos do empregado doméstico: o recolhimento, por parte do patrão, do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS); uma multa rescisória; e o seguro acidente.

Quadro 1 - Mudanças nos direitos dos empregados domésticos.

CONFIRA		
CUSTO MENSAL	ANTES DA LEI	DEPOIS DA LEI
SALÁRIO BRUTO	R\$953,47	R\$953,47
INSS EMPREGADOR	R\$114,42 (12%)	R\$76,28 (8%)
FGTS	0	R\$76,28
MULTA RESCISÓRIA	0	R\$30,51
SEGURO ACIDENTE	0	R\$7,63
VALE TRANSPORTE	R\$149,60	R\$149,60
DESCONTO VALE	-R\$57,00	-R\$57,00
CUSTO TOTAL	R\$1.160,49	R\$1.236,77
TOTAL ENCARGOS	R\$190,70	R\$266,98

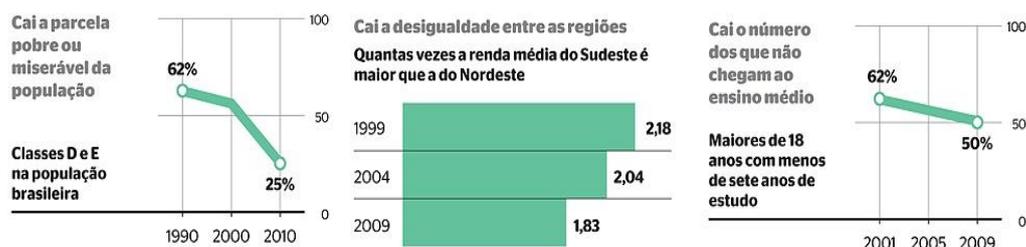
Fonte: Arte, 2015.

Assim, ter um empregado em casa se tornou algo caro para a maioria das famílias, e tal peso dos direitos foi sentido por ambas as partes, empregadores e empregados. Essas mudanças acarretaram em novos modelos de realizar o trabalho doméstico, o qual passa a ser feito por um empregado diarista, ou por toda a família em conjunto, numa divisão de tarefas. Percebe-se então, que não somente os empregadores buscam outras alternativas para suprir a mão de obra desses trabalhadores, como também os próprios empregados, na tentativa de manter-se no mercado de trabalho, buscam ofertar uma nova modalidade de serviços, o diário, que driblem, assim, esses encargos sociais.

Outro fator que interferiu na oferta do trabalho doméstico foi a mudança que ocorreu nas classes sociais do Brasil nas últimas décadas. Nos Gráficos 5, 6 e 7 pode-se ver que, entre os anos de 1990 e 2010, a parcela muito pobre da população diminuiu, a desigualdade entre as regiões Nordeste e Sudeste é amenizada, havendo, também, um aumento da escolaridade, onde um número

maior de pessoas tem acesso ao ensino médio. Todos esses três fatores, que levaram a mudanças sociais, fizeram com que a população mais pobre, a qual estavam sempre destinadas a ocuparem trabalhos considerados menos nobres, como o doméstico, tivesse uma nova oportunidade no mercado de trabalho, podendo buscar algo além daquilo que sempre lhe fora oferecido.

Gráfico 5, 6, 7 - Mudanças sociais das classes.



Fonte: Revista época, 2012.

Em consequência a este novo cenário, os diversos avanços em relação aos direitos trabalhistas, o aumento do nível de escolaridade e a diminuição dos níveis de pobreza, a parcela da população trabalhadora que foi afetada corresponde, principalmente, aos empregados domésticos, acarretando mudanças nos hábitos domésticos, como foi observado pelo Infoglobo, 2014, em seu site, embora ainda não estivesse todos os direitos, dessa categoria, assegurados.

[...] A regulamentação ainda está incompleta, direitos como o FGTS e o seguro-desemprego não saíram do papel, mas a vida das famílias brasileiras de classes média e alta já não é mais a mesma desde a aprovação da Proposta de Emenda Constitucional (PEC) 72, conhecida como PEC das Domésticas, há um ano. O custo do serviço ficou mais alto e a formalização de mensalistas aumentou: de 48% para 51%. Como os custos do serviço doméstico aumentaram, muitas passaram a substituir a empregada fixa tradicional por outros serviços: como comida congelada, creche em horário integral, academia com serviços para crianças e uso de uma ou mais diaristas. (SPITZ; FALCÃO, 2014).¹⁶

¹⁶Mesmo antes da Lei complementar nº 150, 01 de junho de 2015.

A casa, que se caracteriza pelo modo de vida da família e de como seus espaços são usados, sofre, então, alterações, havendo, portanto, um redesenho do seu espaço, em decorrência, também, da mudança do serviço prestado pelo empregado doméstico. Pádua e Ramos (2012), identificam, em artigo publicado pela revista Unibrasil, a redução das áreas dos apartamentos, tipologia de casa atual da maioria da população dos grandes centros urbanos. A cozinha é um dos espaços com maiores mudanças, pois é necessário, agora, uma simplificação de suas tarefas, e a supressão de alguns ambientes, como dependências de empregadas e áreas de serviços, são as mais notáveis mudanças, e estão virando tendência mundial.

4.3. Inovações tecnológicas domésticas

Atualmente, grande parte da população, segue uma tendência de passar, cada vez mais, o mínimo de tempo possível no interior das casas, fazendo com que o lar se torne um lugar para rápidas refeições e descanso, isso, devido ao aumento do ritmo de vida nas grandes cidades¹⁷. Desta forma, a família é levada a procurar uma otimização de seu tempo, buscando assim, passar menos tempo realizando as tarefas domésticas, e para isso é feito o uso das novas tecnologias domésticas.

Para poder entender o uso das novas tecnologias domésticas hoje em dia, faz-se necessário traçar um breve histórico da evolução que a casa passou nos últimos tempos. Na casa colonial brasileira, a cozinha se encontrava afastada da casa grande, apenas as escravas cozinhavam, em situações precárias, e o fogão ficava no nível do chão. A partir do século XVIII as coisas começaram a mudar, e a cozinha passou a ficar mais perto da casa grande, mas ainda se encontrava do lado de fora.

Como pode se ver na Imagem 43, o fogão agora se encontra não mais no chão, mas, em um nível acima dele, se aproximando cada vez mais dos moldes atuais; a cozinha toma a forma da maneira que é conhecida hoje, e sua situação

¹⁷ O ritmo de vida nas grandes cidades se acelerou consideravelmente em 10 anos, segundo um estudo britânico que baseou suas conclusões na velocidade da caminhada dos cidadãos.

precária, na qual os escravos cozinhavam, melhora após a invenção das torneiras.

Imagem 43 - Cozinha colonial.



Fonte: Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), 2013.

No final do século seguinte, as cozinhas passaram a se integrarem ao corpo da casa principal, tomando seu lugar ao fundo desta, sendo possível, assim, um método primário de refrigeração, o qual ficou mais avançado com a propagação da energia elétrica no século XX. Juntamente com a energia elétrica se tornando mais acessível, os eletrodomésticos se tornaram mais comuns, e o investimento nestes equipamentos fez com que o trabalho doméstico fosse facilitado, sendo assim, chegou-se ao que é conhecido hoje como casa/cozinha.

Há pouco tempo, era comum as refeições serem servidas na sala de jantar, onde toda a família se reunia para comer e tratar dos ocorridos do dia. Tal costume, com o tempo, tomou lugar na mesa da cozinha, onde a mãe servia as refeições para as crianças e o marido, fazendo com que a cozinha se tornasse o centro de quase todas as atividades da casa. Nas últimas décadas tal cenário não se mostra tão comum, uma vez que diversos fatores influenciaram neste padrão de família tradicional, provocando transformações nas dimensões espaciais da casa, alterando a rotina da casa e trazendo um grande avanço em relação as tarefas realizadas.

Diante deste panorama, pode-se começar a pensar nas mudanças dos hábitos domésticos e sua relação com a tecnologia usada. Para poder abordar tal assunto, as tarefas desenvolvidas no interior das casas, devemos pensar que estamos cada vez mais em busca de praticidade e otimização do tempo. Sendo

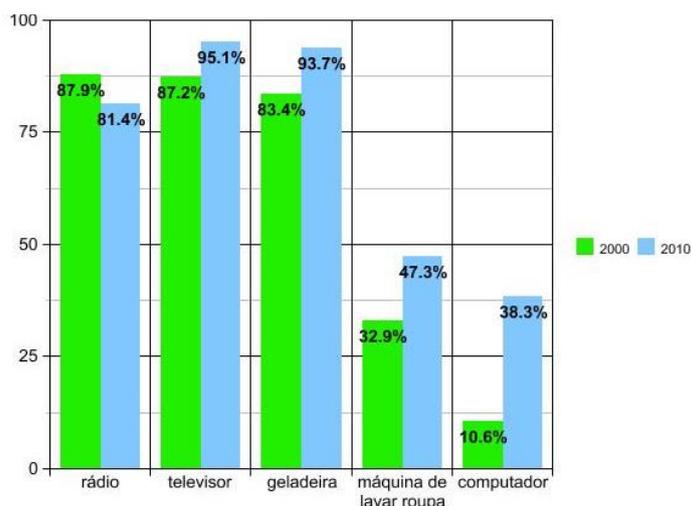
assim, recorrer cada vez mais aos eletrodomésticos como auxílio nos afazeres domésticos é tendência desde a segunda metade do século XX. Como diz Silva (1988, p.32) os produtos inovam seus padrões de acordo com as necessidades que as pessoas têm em seus lares, e isso está ligado com a divisão de tarefas entre os homens e as mulheres, podendo ser notado que o fogão perde cada vez mais espaço para o micro-ondas e a comida feita todo dia perde espaço para a comida congelada.

O consumo de eletrodomésticos tem sido crescente. Nos últimos 30 anos as vendas de fogões aumentaram em cerca de três vezes e a venda de geladeiras em mais de cinco vezes. Mas estima-se que apenas 75 por cento dos lares brasileiros possuem geladeira e fogão em meados da década de 90. [...] nos estudos da origem da indústria de eletrodomésticos no Brasil não se faz menção às demandas por trabalho doméstico e às usuárias dos equipamentos. Nos estudos de tecnologias do lar nos países mais desenvolvidos tem sido apontada a conexão entre o desenvolvimento desta indústria e outras tendências. As mais significativas têm sido o maior emprego de mulheres fora de casa, maior poder de consumo das mulheres, valor mais elevado do tempo de trabalho das mulheres em geral, decréscimo da disponibilidade de serviços domésticos/as, e, mais recentemente, relaciona-se inovações tecnológicas no lar com um ligeiro acréscimo da participação dos homens nas tarefas domésticas. É possível que tais conexões também se apliquem ao caso brasileiro na origem da indústria, assim como demonstrado por evidências da atualidade. (SILVA, 1998, p. 33).

Seguindo essa linha de pensamento, pode se entender que o uso dos eletrodomésticos busca suprir as necessidades atuais da família, procurando preencher a lacuna deixada pela nova maneira de viver da sociedade, que em parte, tirou de cena as pessoas que antes realizavam tais tarefas como cozinhar, lavar, arrumar a casa, entre outras. Ainda, Segundo Silva (1998, p. 24) “a proporção de domicílios possuidores de tecnologias para o trabalho doméstico tem aumentado, embora com flutuações de mercado acentuadas, conforme a situação econômica da população. ”

Observa-se no Gráfico 8 que na população de classe média brasileira existem eletrodomésticos que são comuns a todas as casas, independentemente de seu arranjo familiar.

Gráfico 8 - Aumento no uso de eletrodomésticos.



Fonte: Costa, 2012.

No gráfico, ainda, pode-se ver o aumento do uso das tecnologias domésticas nos lares brasileiros num período de 10 anos, compreendido entre os anos 2000 e 2010, com exceção apenas para o rádio, que se torna menos usado, sendo a geladeira e a máquina de lavar roupa os itens de maior crescimento, provavelmente devido a praticidade oferecida por eles as famílias. A geladeira se configura como um dos itens de maior crescimento comercial, e é possível ligar tal crescimento a necessidade de alimentação rápida e prática. Os alimentos congelados ganharam grande espaço nos últimos anos, e se tornaram parte da rotina, cada vez mais vemos o consumo de alimentos congelados e industrializados, o que aumenta, também, o uso o uso do freezer, juntamente com o micro-ondas, para aquecimentos das refeições, substituindo assim o fogão. Esse aumento é bastante expressivo, tendo os alimentos industrializados e as carnes congeladas aumentado 6,7% e 4,8%, respectivamente, no período de 2015/2016¹⁸.

Porém, em contrapartida ao que já foi apresentado anteriormente, uma nova tendência vem surgindo, e a casa passa a assimilar diversas atividades que antes eram realizadas fora deste ambiente, isso, devido ao uso de novas tecnologias, aumentando, assim, a permanência de seus moradores em seu interior, afetando, assim, sua rotina.

¹⁸ Números obtidos de acordo com a matéria do jornal o globo em fevereiro de 2016.

Pode-se assim compreender que os novos hábitos domésticos promoveram transformações nos modos de consumo¹⁹, bem como, essas mudanças tecnológicas domésticas vem provocando mais mudanças nos hábitos do cotidiano doméstico. Os avanços tecnológicos mudaram, também, o programa de necessidade do espaço doméstico nos últimos séculos, afetando assim as concepções arquitetônicas das casas.

É lançado um novo conceito de cozinha, integrada, agora, aos demais cômodo da casa e voltando a ser seu destaque, onde o uso das inovações tecnológicas é determinante, equipadas com *coocktop*, forno elétrico, lava-louças, cafeteiras elétricas, depuradores de ar, entre outros, todos no intuito de facilitar os serviços do trabalho doméstico, além de conferir beleza e *status* ao ambiente. No que diz respeito ao entretenimento, as casas estão passando a assumir a diversão encontrada anteriormente na rua. Hoje, os *home theaters* com suas sofisticadas TVs de plasma tem lugar de destaque dentro das casas, observa se também um crescimento da TV a cabo e da internet, que junto com a automação residencial promove a condição da realização de tarefas sem a necessidade da presença física de seus moradores. Outro número importante é o grande crescimento do uso de computadores conectados à internet, ao fax e a aparelhos telefônicos que servem como produto de trabalho, permitindo os *home office*. Os quartos exclusivos, equipados com os mais diversos equipamentos eletrônicos, TVs, computadores, *CD player* configuram hoje o sonho de consumo da maioria dos adolescentes.

4.4. Novos formatos de família

Rybczynski (1996), ao analisar a origem da casa, percebe a influência do arranjo doméstico na composição física da mesma. A Paris medieval possuía um conceito diferente do que conhecemos hoje como família, principalmente, no que diz respeito aos laços afetivos para com as suas crianças, que ao completarem

¹⁹ O mercado brasileiro se encontra em expansão para a crescente demanda de tecnologias que otimizam nosso tempo, seja através de comida prontas que se aproximam de alimentos caseiros, ou de tecnologias que facilitam os trabalhos domésticos.

sete anos eram mandadas para fora de casa. Nesse tempo pais e filhos dormiam todos juntos, não só num mesmo cômodo, como também numa mesma cama.

Não eram só os filhos dos pobres que trabalhavam; em todas as famílias, as crianças eram mandadas para fora de casa quando completavam sete anos de idade. Os filhos das famílias burguesas eram aprendizes de artesãos, enquanto que os de classe alta serviam em casas de famílias nobres como pajens. (RYBCZYNSki, 1996, p. 60).

Essa situação começa a mudar no XVI, quando a escola formal substitui o aprendizado, e as crianças passam a conviver mais tempo em casa. A presença de crianças mais velhas dentro das casas dá origem ao senso de privacidade nunca antes necessitada, mudando o comportamento dos pais em relação ao modo de dormir, surge, então, funções específicas para alguns cômodos da casa, como os quartos.

Mais importantes do que as inovações técnicas foram as mudanças no arranjo doméstico. Os pais ainda dormiam com as crianças pequenas na mesma cama, porém as crianças mais velhas não mais dormiam no mesmo quarto. Pode-se imaginar Frederick e Marthe, depois de terem mandado as crianças para o quarto de cima para dormir, sentados na sala principal sozinhos. A casa está silenciosa, o trabalho do dia está feito. E conversam à luz de uma vela. Uma cena simples, e, no entanto, está ocorrendo uma revolução nas relações humanas. O marido e a esposa começaram a se ver – talvez pela primeira vez – como um *casal*. Mesmo a sua noite de núpcias, vinte anos antes, deve ter sido um evento público, celebrado com a tumultuada informalidade medieval. Eram raras as oportunidades para se ter intimidade, e foi em tais moradias burguesas, modestas, que a vida familiar começou a tomar uma dimensão privada. (RYBCZYNSki, 1996, p. 59, grifo nosso).

Portanto, estudar a família com seus múltiplos arranjos atuais é essencial para a compreensão do espaço doméstico, visto que o mesmo é percebido e representado pelos sujeitos que a habitam, assumindo, assim, tantas formas quantas forem seus representantes.

Durante muito tempo, no Brasil, o conceito de família estava vinculado à união de um casal heterossexual e seus filhos – de preferência um casal. Essa era a visão apresentada pelos meios de comunicação em seus comerciais, e, por

consequência, presente no imaginário popular, onde o pai seria o único provedor, enquanto à mulher eram reservados os trabalhos domésticos. Como pode se ver não precisa ir muito longe para já se notar uma diferença na formação da família de uma época passada para a nossa atual.

No Brasil, assim, como em diversas partes do mundo, a família, no passado, era constituída, em grande parte, por razões econômicas. As filhas eram, muitas vezes, moeda de troca de seus pais, que buscavam benefícios como um título, ou relações com famílias poderosas. Aos poucos, essa situação foi se modificando e, então, os casamentos foram se constituindo basicamente pelo sentimento dos cônjuges.

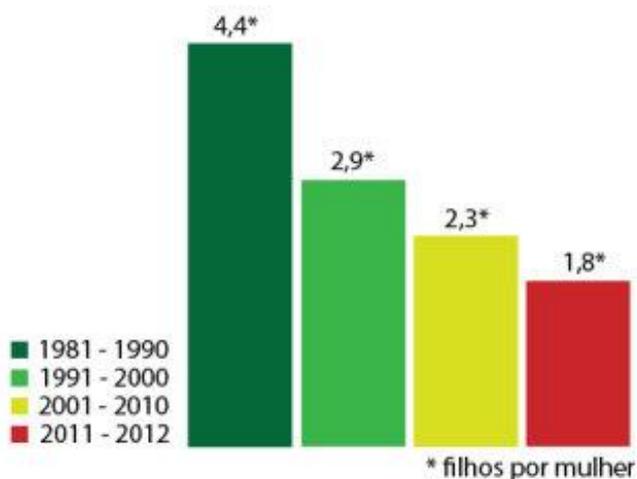
Esta modificação fundamentou-se, inicialmente, na questão do poder. Na família hierárquica, o homem detinha o poder de mando, controlando todos os membros da família, a qual apoiava-se no poder econômico daquele. À mulher cabia o espaço doméstico, onde exercia seu poder, mas permanecendo à sombra do dono da casa, senhor absoluto. (HINTZ, 2001, p.10).

Do século passado para a atualidade muitos acontecimentos foram primordiais para que a formação familiar sofresse alterações. As duas guerras mundiais, a revolução industrial, o movimento feminista, as conquistas de diversos direitos das mulheres, e, também, a luta da minoria Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros (LGBT) são alguns dos eventos responsáveis por estas mudanças. A família muda, desconstruindo o modelo único de família dos séculos idos, dando espaço para a formação de novos arranjos familiares, os quais serão vistos a seguir, que segundo a compreensão de Montali (2003), diz serem as diferentes formas como se apresentam cada grupo familiar, onde são levados em consideração o número e gênero dos integrantes, o papel que cada um assume, entre outras peculiaridades. Então, sendo a família um dos mais importantes eixos da sociedade, responsável pela proteção e segurança, pela redistribuição de recursos, e onde são construídas relações de amor e carinho entre seus participantes, conhecer as mudanças na constituição do seu núcleo é de grande relevância para o conhecimento do seu comportamento e, assim, entender os novos hábitos domésticos.

Junto com as conquistas dos direitos femininos, vem a queda da taxa de fecundidade, ver Gráfico 9, onde a instituição familiar sofre uma nova modificação, diminuição de número médio de pessoas na família. A quantidade de filhos começa a ser reduzida, antes o número de filhos das famílias era muito grande – as casas eram abarrotadas de filhos, além de agregados desta família. Em paralelo a redução do núcleo familiar, ocorreram a redução das áreas das casas, visto que já não havia necessidade destas casas possuírem o mesmo tamanho de antes.

A família brasileira que se compunha por, em média, cinco pessoas em 1960, foi se reduzindo até atingir 4,34 pessoas em 1981, 4,2 pessoas em 1987, e 3,87 pessoas em 1990. Permaneceu, contudo, maior do que a família paulista média, que, em 1981, compunha-se já de apenas 3,98 pessoas, em 1990, de 3,64 pessoas e em 2008 alcança 3,2 pessoas por família. (SEP. Convênio SEADE – DIEESE, 2008).

Gráfico 9 - Taxa de fecundidade da mulher brasileira.



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico, 2010.

O IBGE em pesquisa sobre o número médio de pessoas nos arranjos familiares residentes em domicílios particulares mostra de forma mais clara como as famílias estão cada vez mais se reduzindo em questão de número de integrantes. Como podemos ver na Tabela 1.

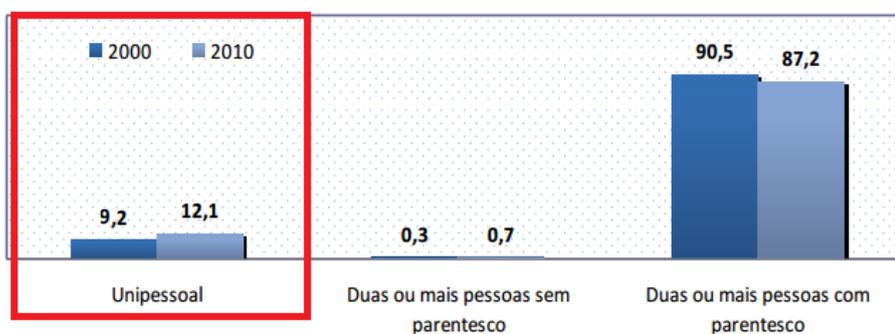
Tabela 1 - Número médio de pessoas nos arranjos familiares residentes em domicílios particulares, por classe de rendimento mensal e familiar, segundo grandes regiões – Brasil, 2009

Grandes Regiões	TOTAL	Classe de rendimento mensal familiar <i>per capita</i> (salário mínimo)						
		Até 1/4	Mais de 1/4 até 1/2	Mais de 1/2 até 1	Mais de 1 a 2	Mais de 2 a 3	Mais de 3 a 5	Mais de 5
Norte	3,4	4,7	3,9	3,2	2,9	2,8	2,6	2,4
Nordeste	3,2	4,2	3,6	2,9	2,7	2,6	2,6	2,4
Sudeste	3,0	4,2	3,7	3,2	2,8	2,6	2,5	2,2
Sul	2,9	4,3	3,7	3,1	2,8	2,6	2,5	2,3
Centro-Oeste	3,0	4,0	3,7	3,1	2,8	2,7	2,7	2,4
BRASIL	3,1	4,2	3,7	3,1	2,8	2,6	2,5	2,3

Fonte: Villa, 2012.

É observado o crescente número de pessoas que passam a viver sós (Ver Gráfico 10), popularmente conhecida como família de um só. Pessoas que por razões pessoais, ou até mesmo profissionais, vivem sozinhas. Sua composição é diversificada, sendo formada por viúvos e divorciados, que no passado iam morar com os filhos e netos, mas, hoje em dia, buscam uma maior individualidade e independência, além da maior longevidade, segundo o IBGE, 2010, a média etária dos brasileiros está cada vez maior, o brasileiro está mais velho. Se em 1940, a esperança de vida dos brasileiros ao nascer era de 46 anos, em 2010 essa expectativa passou para 73 anos, e a previsão para 2025 é que a média de vida desses brasileiros seja de 75,3 anos; pela decisão dos jovens, que agora casando se mais tarde deixam as casas dos pais e buscam sua independência indo morar sozinhos (Ver Gráfico 11).

Gráfico 10 - Distribuição das unidades domésticas por tipo - Brasil 2000/2010.



Fonte: IBGE - Censo Demográfico 2000/2010. Modificado por Ana Agrelli.

Gráfico 11 - Quantidade média de anos que um cidadão brasileiro vive.



Fonte: IBGE - Censo Demográfico 2010.

Com o grande aumento das separações judiciais no Brasil, a taxa de divórcios vem aumentando ao longo dos anos, como mostra o Gráfico 12, e a maior participação da mulher no mercado de trabalho, já visto anteriormente, o que as tornaram menos dependentes financeiramente do matrimônio e, assim, capazes de assumir a responsabilidade financeira da família, há um crescimento expressivo das famílias monoparentais, composta por apenas um provedor, seja o pai ou a mãe. Esse crescimento dá-se, em especial, nas famílias lideradas pela figura feminina, que segundo o IBGE, censo 2010, aumentou em 1 ponto percentual (com ou sem parentes), de 15,3% para 16,2%, enquanto as masculinas (com ou sem parentes) se mantiveram nos mesmos patamares. (Ver Gráfico 13).

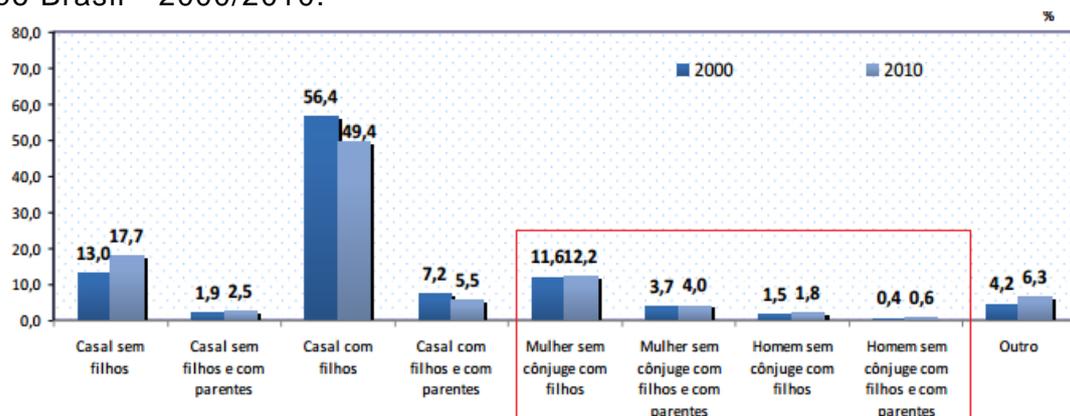
Gráfico 12 - Gráfico da taxa geral de separações e divórcios.



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Estatísticas do Registro Civil 1984-2010; Projeção da População por Sexo e Idade para o Período 1980-2050 - Revisão 2008; e Censo Demográfico 2010.

Fonte: IBGE - Estatísticas do registro civil, 2009.

Gráfico 13 - Distribuição das famílias únicas e conviventes principais, por tipo Brasil - 2000/2010.



Fonte: IBGE – Censo Demográfico 2010. Modificado por Ana Agrelli.

Também, um outro tipo de família vem surgindo com cada vez mais frequência, as famílias reconstituídas. Esse novo tipo familiar é composto por casais que resolvem começar uma nova vida conjugal e trazem consigo filhos de outros relacionamentos. Formando assim uma nova concepção de família, onde a figura das madrastas e padrastos ganha cada vez mais força no ambiente familiar.

A crescente independência econômica das mulheres após a revolução industrial e as guerras mundiais. A mobilização social, a liberação sexual e a busca pela felicidade individual têm contribuído para que recasamentos rapidamente tornem-se uma estrutura familiar bastante comum hoje. (HINTZ, 2001. p.16).

Uma nova forma de união, a homoafetiva, é uma realidade no país, dando origem, assim, a um novo arranjo familiar. Segundo dados do último censo do IBGE - 2010, o Brasil já contabiliza mais de 60 mil pessoas vivendo com parceiros do mesmo sexo, embora, ainda não existam dados sobre o número de filhos destes casais, sejam eles adotados ou biológicos. Também, segundo o censo do IBGE – 2010 Estatísticas de Registro Civil as uniões igualitárias cresceram 15,7%. Entre os héteros, aumentaram 2,7%. Desde 2013, o casamento de papel passado entre cônjuges do mesmo sexo biológico aumentou 51,7%, como é visto no Gráfico 14. Após a Resolução n. 175²⁰ do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), o IBGE já contabilizou cerca de 14.164

²⁰ Determinação do Conselho Nacional de Justiça que, desde 2013, permite que pessoas do mesmo sexo celebrem o casamento civil.

casamentos entre cônjuges do mesmo sexo registrados em cartórios em todo o país, isso até o final do ano de 2015.

Gráfico 14 - Casamentos entre pessoas do mesmo sexo.



Fonte: IBGE - Censo Demográfico 2010.

5. “PLANTAS DE VENDA”

Este capítulo destina-se a caracterizar a produção contemporânea de apartamentos no município do Recife, restringindo a análise aos destinados à classe social média que, conforme informações apresentadas na semana imobiliária no shopping Rio-Mar Recife, no período compreendido entre as datas de 24 de maio de 2017 até 02 de abril de 2017, esses possuem, em média, uma área útil total compreendida entre 60m² e 90m² (ver Gráfico15).

Os critérios usados para definição das plantas dos apartamentos tipo, usadas como amostragem da análise, foram: a área útil dos mesmos, tomando como base a área definida como padrão para a classe social em questão; bem como, o porte comercial das construtoras, contemplando, tanto, construtoras de grande expressão no comércio imobiliário, quanto, construtoras sem grande repercussão neste mercado.

Somando-se, ao todo, oito plantas de apartamentos tipo, localizados em bairros distintos da cidade, sendo elas: Imagem 44 referente à planta do apartamento tipo do edifício Praça das Orquídeas, área útil de 75m², da construtora Melo Gouveia, localizado no bairro da Torre; imagem 45 referente à planta do apartamento tipo do edifício Praça das Magnólias, área útil de 60m², da construtora Melo Gouveia, localizado no bairro da Torre; imagem 46 referente à planta do apartamento tipo do edifício Maria Satye, área útil de 86,17m², da construtora Gabriel Barcelar, localizado no bairro de Boa Viagem; imagem 47 referente à planta do apartamento tipo do edifício Gran Park Premium - Torre B, área útil de 81 m², da construtora Gabriel Barcelar, localizado no bairro do Rosarinho; imagens 48 e 49 referentes, respectivamente, às plantas dos apartamentos tipo do edifício Residencial Torre (A e B) dos Mirantes, com áreas úteis de 84m² e de 68m², da construtora Cosil, localizado no bairro da Caxangá; imagem 50 referente à planta do apartamento tipo do edifício Maria Emília, área útil de 89,41m², da construtora Queiroz Galvão, localizado no bairro de Boa Viagem; e imagem 51 referente à planta do apartamento tipo do edifício Maria Rebecca e Maria Raquel, área útil 65m², da construtora Queiroz Galvão, localizado no bairro da torre.

As imagens, “plantas de venda”²¹, e respectivas informações, mobiliário, louças sanitárias e medidas, entre outras, baseiam-se apenas em material coletado nos sites das suas construtoras. Algumas dimensões, que não estão de boa qualidade visual, sofreram uma dedução analógica, por parte da autora, em relação a valores constantes como, largura de portas, de box de banheiros, e outros. O cálculo das subáreas, usando as informações de formas já descritas, revelou discreta discordância quanto a área útil total oficialmente fornecida pelas construtoras.

Estabelecidas as opções para a análise, foram levados em consideração a área útil total e cada subárea útil dos apartamentos tipo, o número de cômodos, bem como, seu layout, para assim identificar o modelo de apartamento padrão oferecido atualmente, e, posteriormente, poder ser usado como modelo para o estudo dos hábitos domésticos atuais de seus moradores.

5.1. Catalogação das amostragens

Imagem 44 - Planta Baixa Praça das Orquídeas – Construtora Melo Gouveia.



Fonte: Construtora Melo Gouveia, s.d.

²¹ Termo usado nos sites para designar as plantas apresentadas como propaganda.

Imagem 45 - Planta Praça das Magnólias – Construtora Melo Gouveia.



Fonte: Construtora Melo Gouveia, s.d.

Imagem 46 – Planta Baixa Maria Satye – Construtora Gabriel Barcelar.



Fonte: Construtora Gabriel Barcelar, s.d.

Imagem 47 - Planta Baixa Gran Park Premium Torre B – Construtora Gabriel Barcelar.



Fonte: Construtora Gabriel Barcelar, s.d

Imagem 48 - Planta Baixa A Residencial Torre dos Mirantes – Construtora Cosil.



Fonte: Construtora Cosil, s.d.

Imagem 49 - Planta Baixa B Residencial Torre dos Mirantes – Construtora Cosil.



Fonte: Construtora Cosil, s.d.

Imagem 50 - Planta Baixa Maria Emília – Construtora Queiroz Galvão.

PLANTA BAIXA APART. TIPO 02 - PADRÃO



Fonte: Construtora Queiroz Galvão, s.d.

Imagem 51 - Planta Baixa Maria Rebecca e Maria Raquel – Construtora Queiroz Galvão.



Fonte: Construtora Queiroz Galvão, s.d.

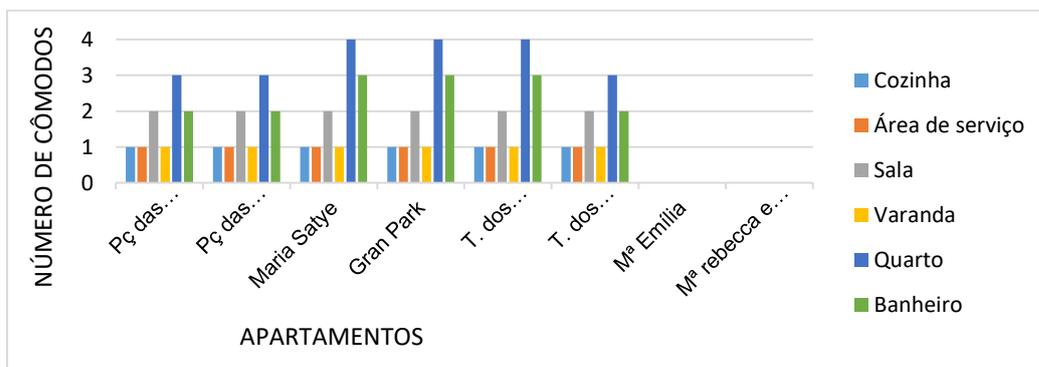
5.2. Levantamento das amostragens

Gráfico 15 - Área útil média de apartamentos lançados no Recife.



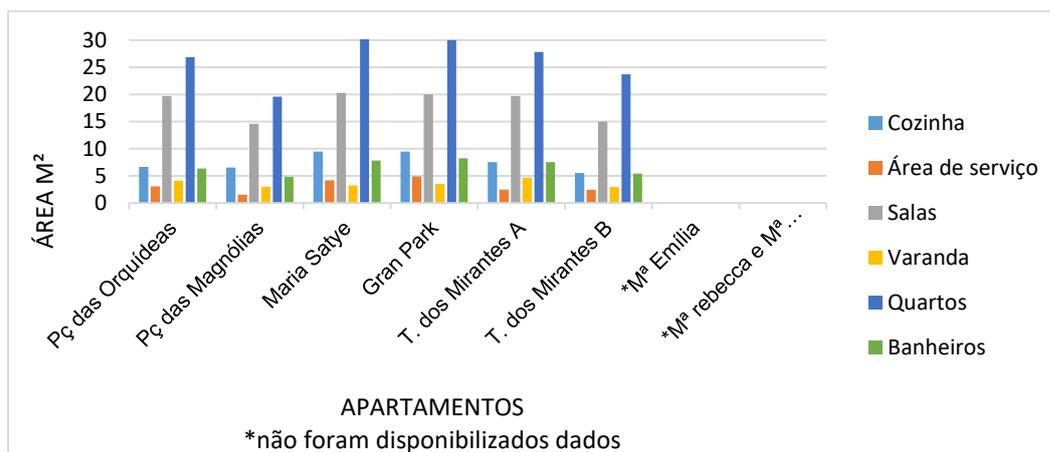
Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Gráfico 16 – Número de cômodos existentes por apartamento tipo.



Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Gráfico 17 – Sub áreas por apartamento tipo.



Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

5.3. Considerações

Na primeira fase, após o levantamento e análise das plantas, observa-se uma tendência projetual, que implica numa fórmula espacial recorrente, seguindo o modelo da casa patriarcalista, apresentando, em sua maioria, uma setorização do espaço, social, íntimo e serviço, com, basicamente, o mesmo tipo e número de cômodos (ver gráfico 16), para o modelo de amostragem proposta.

O setor social é composto por duas salas, que em todos os modelos são integradas, e uma pequena varanda. A maioria dos apartamentos analisados possuem apenas uma única entrada, exceto o Maria Sayte e o Gran Park, Gabriel Barcelar, que possuem duas, entrada social e entrada de serviço. Para a maior parte dos modelos de plantas com única entrada, esta dá acesso às salas, exceto os apartamentos Residencial Torre dos Mirantes A e B, Cosil, e o Maria Emília, Queiroz Galvão, cujas entradas localizam-se próximas a área social e de serviços, em alguns casos, voltada para a cozinha.

No setor de serviço, a cozinha, na grande maioria dos modelos, se prolonga adotando a forma retangular, dando origem à área de serviço, que só acomoda um tanque e a máquina de lavar roupas, estando delimitadas, apenas, por divisória. Quando isto não ocorre, como no apartamento Gran Park Premium Torre B, propositalmente, localiza-se entre o setor social e a área de serviços.

O alojamento de empregados, considerando o modelo quarto e banheiro, aparece no Residencial Torre dos Mirantes A, Cosil; no Gran Park Premium Torre B; e no Maria Satye, ambos Gabriel Barcelar, e todos com área útil superior a 80m², tal característica não ocorrendo, apenas, com o Maria Emília, apesar de também possuir área útil superior a 80 m². Nos demais apartamentos, dois possuem um banheiro de serviço, enquanto os três restantes não apresentam espaço específico ao uso do empregado doméstico.

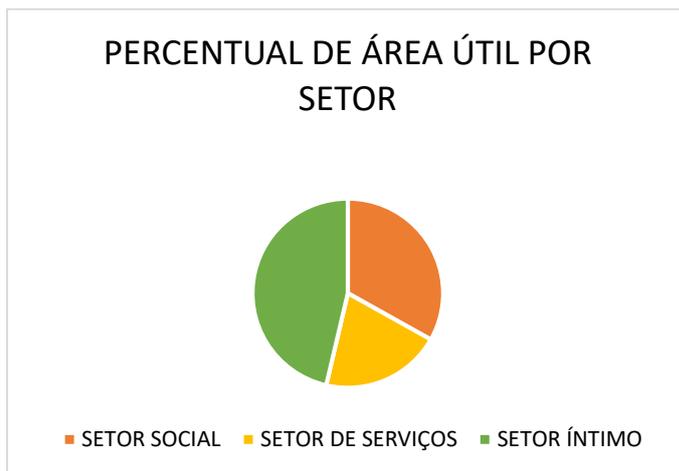
Na área social, dentro do universo da amostra de apartamentos levantadas, apartamentos com área útil compreendida entre 60m² até 90m², todos possuem três quartos, sendo um suíte, e nenhum deles com caráter reversível. Em uma hierarquia de tamanho, a suíte possui área mínima para acomodar uma cama de casal e roupeiro, um quarto que acomoda duas camas de solteiro e roupeiro e o terceiro quarto com disponibilidade para uma cama de solteiro e um roupeiro.

Os banheiros sociais, exceto no Maria Satye, que está voltado para a sala de jantar, estão localizados na circulação entre os quartos sociais, com área mínima necessária à locação de um box para o chuveiro, vaso sanitário e lavatório.

Numa segunda fase, através da análise das sub áreas dos modelos levantados²² (ver gráfico 17), foi verificado que o setor menos favorecido, correspondendo a 20.50% da área útil total dos apartamentos, é o de serviço, onde cada sub área média é, serviço, 3.06m²; cozinha, 7.51m²; e dependência de empregados, considerando quarto e banheiro, 2.88m². Seguido pelo setor social, com salas integradas de área útil média de 18.21m²; e a varanda com 3.56m², ocupando 33.16% da área útil total. O setor íntimo, ocupa a maior área dos apartamentos, 46.36%, os quartos sociais com área útil média de 24.73m²; e os banheiros sociais com média de área de 5.70m² (ver gráfico 18).

²² Dois modelos levantados, ambos da Queiroz Galvão, não disponibilizaram medidas que possibilitassem a definição de suas subáreas.

Gráfico 18 - Área útil média dos setores.



Fonte: Elaborado pela autora, s.d.

De maneira geral, é percebido uma repetição nos modelos das plantas, cujos espaços possuem áreas pouco adequadas aos seus usos, acomodando, apenas, o mobiliário mínimo necessário ao uso de cada espaço, e com circulações comprometidas; observa-se também, uma tendência ao desaparecimento da dependência de empregados e da porta de acesso de serviços, além das varandas, que com dimensões inapropriadas ao uso proposto original, induz, assim, à sua extinção. Outra observação é a propensão a integração dos setores de serviços e sociais, quebrando, assim, uma tradição de séculos.

6. A CASA NOSSA DE TODOS OS DIAS

Para essa etapa, analisa-se o uso atribuído à cada espaço do apartamento, por seus moradores, bem como seus hábitos domésticos, satisfações e necessidades, levando em consideração características diferenciadas de cada entrevistado, gênero e idade. Esta análise norteia-se pela aplicação de uma entrevista/questionário (ver apêndice B) e a percepção cognitiva da planta baixa do apartamento tipo do edifício em questão (ver apêndice C).

As informações coletadas na entrevista/questionário como, número de habitantes, idade, gênero, tipologia familiar, existência de animais domésticos, regime de trabalho doméstico, rotina doméstica, existência de eletrodomésticos, buscam a compreensão de como as pessoas vivem e utilizam o espaço doméstico, bem como o grau de satisfação em relação a estes espaços.

6.1. O Jaqueira Park Aroldo Fonseca Lima

Após a análise de plantas tipo, no capítulo anterior, de um grupo de edifícios produzidos atualmente na cidade do Recife para a classe média, ficou definido um padrão encontrado nestes tipos de apartamentos. Portanto, o edifício Jaqueira Park Aroldo Fonseca Lima, situado na Av. Rosa e Silva, nº 1619, Graças, com 15 pavimentos tipo e 5 apartamentos por andar, por se enquadrar dentro das características já pré-definidas, foi escolhido como exemplar para o estudo dos hábitos domésticos de seus moradores.

Com uma configuração interna frequentemente encontrada em apartamentos destinados à classe social em questão, a planta baixa do apartamento tipo do edifício possui área útil de 70m² distribuídas entre o setor de serviços, cozinha/lavanderia, integradas e banheiro de serviço; o setor social, duas salas integradas e varanda; e o setor íntimo, dois quartos, um banheiro e uma suíte, com entradas distintas para o setor social e de serviços (ver apêndice C).

O edifício é composto por uma torre de 75 apartamentos, dos quais, 40 foram visitados para a entrevista, correspondendo, assim, a 53% de suas unidades, como visto no Gráfico 19. E possui uma população de 139 moradores, com idade

superior a 14 anos, fator relevante na definição da população a ser entrevistada, dos quais 29 % foram entrevistados, como visto no Gráfico 20.

Gráfico 19 - Apartamentos visitados X não visitados (%).



Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Gráfico 20 - População usuária (%) maiores que 14 anos.



Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

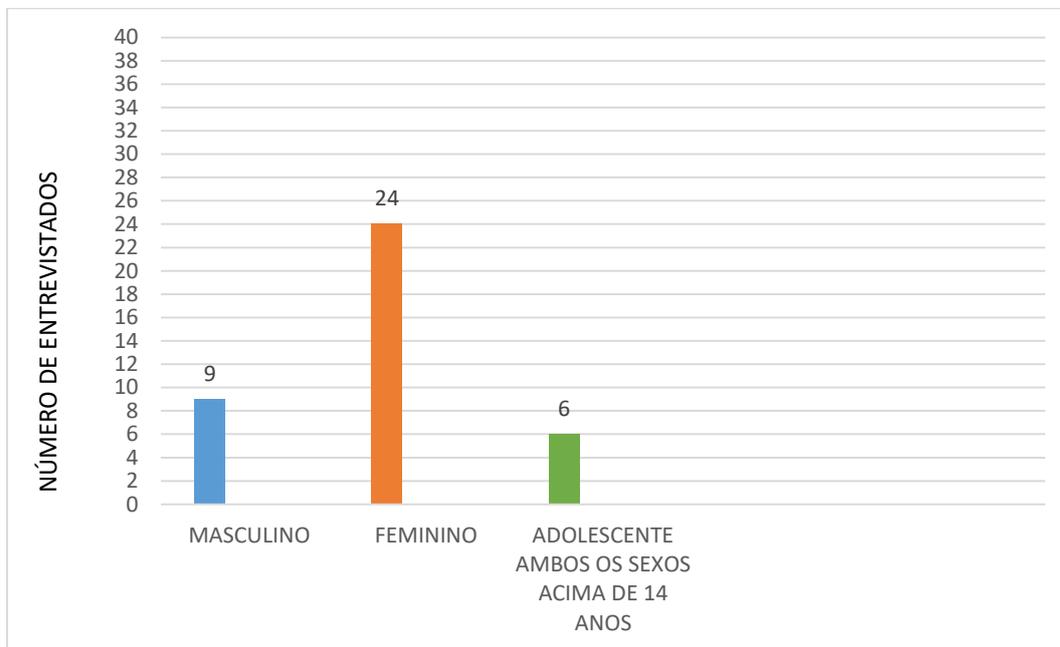
A maioria dos apartamentos possui um número de 3 pessoas residindo, em, apenas, 4 apartamentos possuem um número de morador superior a 4 pessoas. A média de moradores por apartamento corresponde a 2,65 pessoas.

6.2. Perfil e hábitos de seus usuários

Os dados para estudo dos hábitos domésticos foram coletados com a aplicação de entrevista/questionário com moradores do sexo masculino e feminino, bem como adolescente, maiores de 14 anos, de ambos os sexos, buscando assim uma leitura da percepção de cada um desses grupos. Dos entrevistados, 60%

são adultos do sexo feminino; 25 % adultos do sexo masculino; e 15% adolescentes, como pode ser visto no Gráfico 21.

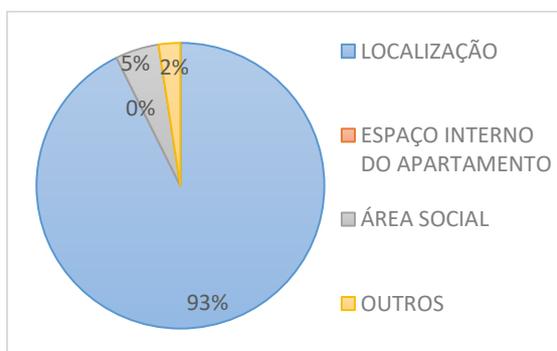
Gráfico 21 - Gênero dos usuários entrevistados.



Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Foi verificado que o fator determinante na escolha do edifício a ser morado, em quase maioria absoluta, é a sua localização, correspondendo a 93% das respostas, como visto no Gráfico 22. Justificado por estar próximo à escola das crianças, ou ao trabalho dos adultos, já que grande parte da população residente é constituída por pessoas com idade de estarem inseridas no mercado de trabalho, e possuem filhos em idade escolar.

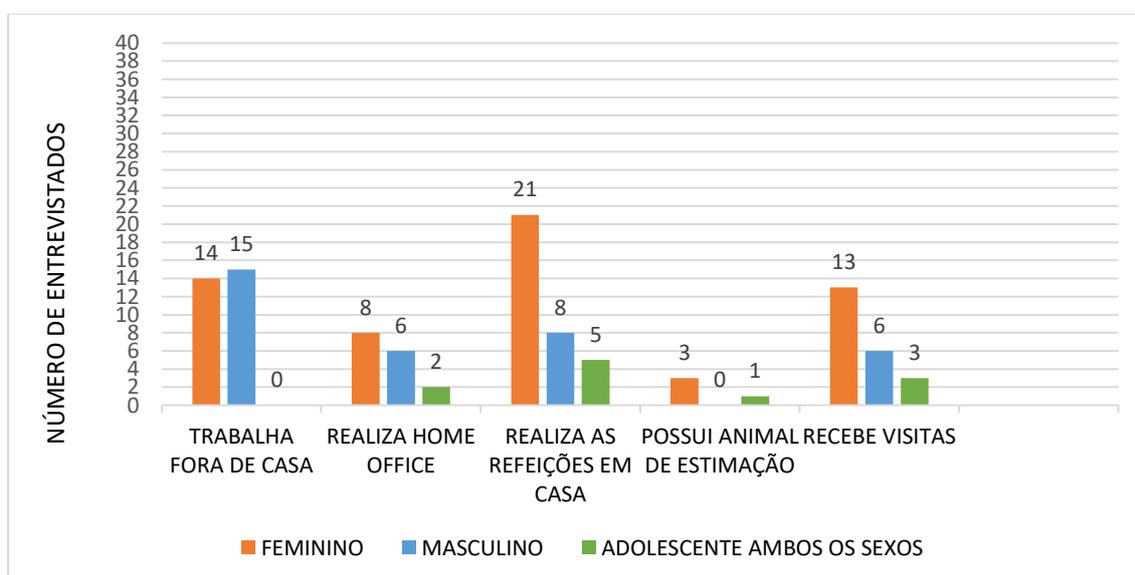
Gráfico 212 - Fatores de escolha (%) do edifício como residência.



Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Como pode ser visto no Gráfico 23, um grande percentual dos entrevistados exercem atividade remunerada fora de casa, 72% da população, distribuído de forma equilibrada entre as pessoas adultas do sexo masculino e feminino; 40% realizam home office, sendo sua maioria do sexo feminino; a maioria, 85% realizam as principais refeições em casa, em especial mulheres adultas e adolescentes; apenas 10% possuem animais domésticos, relatando insatisfação na acomodação dos mesmos; e 55% possuem o hábito de receber visitas com frequência, mesmo que não consigam acomodá-las com satisfação, fator este que foi definido como empecilho por outra parcela de entrevistados, cerca de 20%, para desenvolvimento deste hábito.

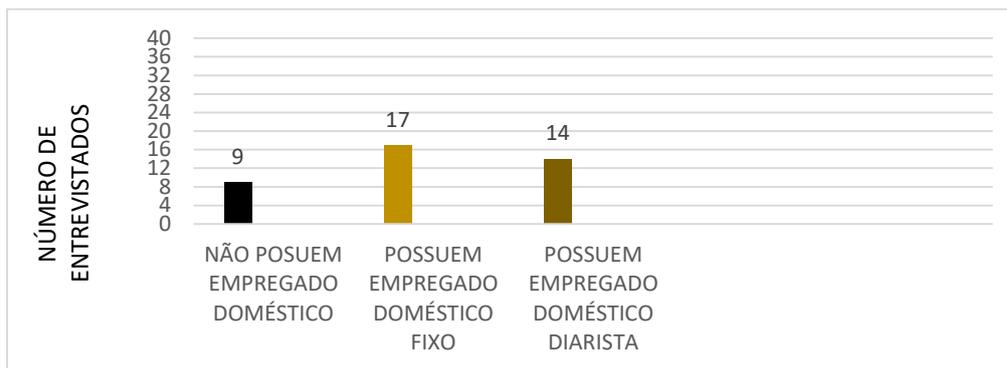
Gráfico 22 - Hábitos domésticos dos entrevistados.



Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Embora estudos, já vistos em capítulo anterior, apresentem o desaparecimento do serviço doméstico assalariado na sua forma fixa, em detrimento do serviço de diarista, foi observado, ainda, a predominância deste tipo de atividade, 42,50%, enquanto que, 35% contam com a mão de obra doméstica na sua forma de diarista. Já 22,50% dos apartamentos tem suas tarefas domésticas realizadas, apenas, pelos integrantes da família, ver Gráfico 24. No entanto, seja qual for o tipo de mão de obra do serviço doméstico, cabe ao sexo feminino a grande responsabilidade destas tarefas, mesmo a mulher participando do mercado de trabalho.

Gráfico 23 – Mão de obra doméstica assalariada.

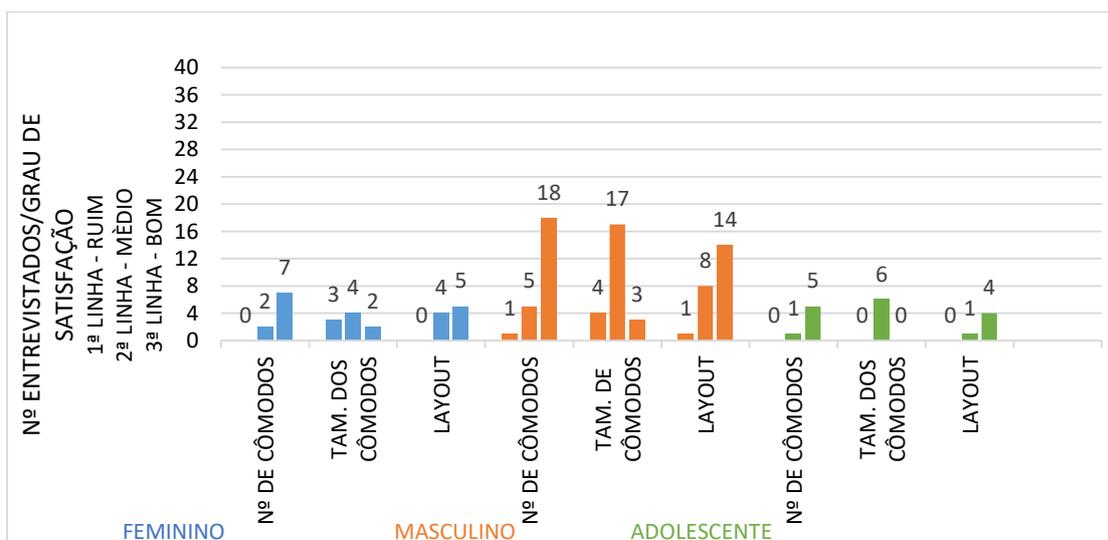


Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

6.3. Adequação dos espaços

De acordo com os dados dos questionários/entrevistas, a composição geral dos apartamentos, levando em consideração, número e tamanho de cômodos e seu layout, em ambos os sexos/idade, é classificada da seguinte forma: quanto ao número de cômodos, bom; tamanho dos cômodos, médio; e seu layout, bom, como pode ser visto no Gráfico 25, de forma geral, entende-se que estão satisfeitos com o que lhes foram oferecidos. Embora, 100% dos empregados domésticos entrevistados, fixos e diaristas, apresentem necessidade de um espaço para o repouso dos mesmos.

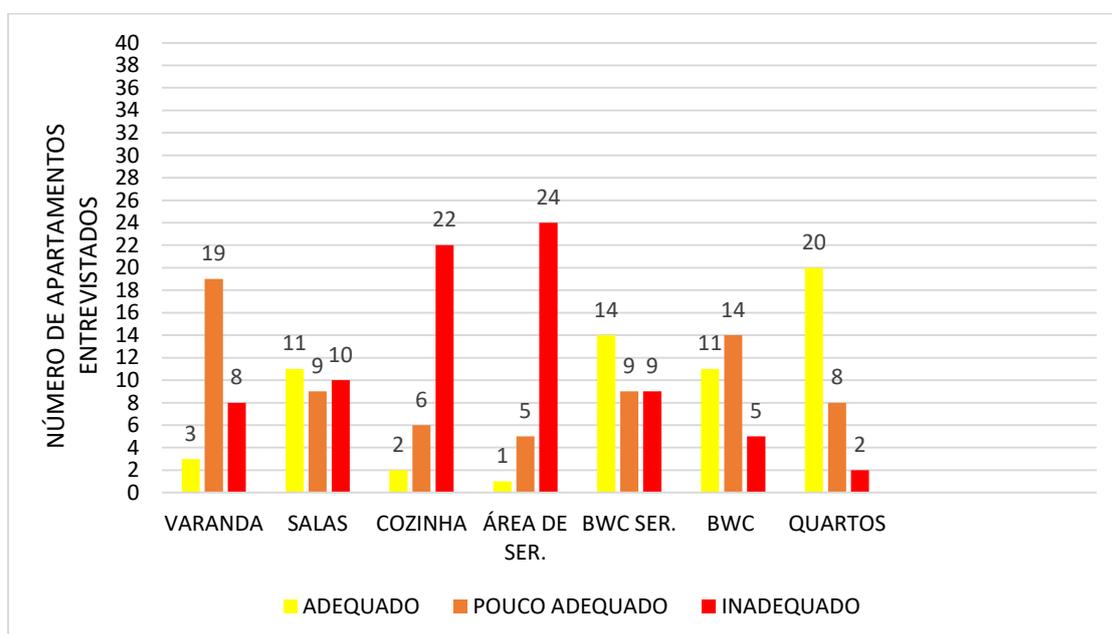
Gráfico 24 – Classificação da composição do apartamento.



Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Porém, quando se partiu para a percepção que os moradores tinham da planta original do apartamento tipo, onde foi usada uma legenda contendo cores relacionadas ao grau de satisfação de cada espaço, amarelo = adequado, laranja = pouco adequado e vermelho = inadequado, a serem aplicadas na mesma, este quadro se inverte, mostrando insatisfação geral em todos os cômodos. Sendo a cozinha e área de serviços os espaços do apartamento que, em maioria absoluta são apontados como inadequados, seguidos da sala e varanda, apenas os quartos são considerados adequados ao uso, como pode ser visto no Gráfico 26.

Gráfico 25 – Classificação da adequação dos espaços na planta original.



Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Ratificando, ainda, o Gráfico 26, foram feitas perguntas investigando os espaços mais adequados e os mais inadequados ao seus usos, 67% dos entrevistados responderam que os quartos são os espaços do apartamento mais apropriado ao uso proposto, embora alguns ainda refiram-se à necessidade de um melhor espaço para a circulação; 90% atribuem às áreas de serviços os espaços mais críticos do apartamento, distribuídos da seguinte forma, 50% para a área de serviço propriamente dita, lavanderia, e 40% para a cozinha.

Embora, quando questionados a respeito do que mais precisam para uma melhor acomodação no apartamento, 60% responderam que mais espaço no setor social para receberem visitas, o que revela o hábito de socializarem em casa, e

também por ser o espaço de maior permanência da família. Enquanto 40% apresentam a necessidade de maior espaço na área de serviços, em especial, a área da lavanderia.

Estas inadequações podem ser comprovadas ao observarmos o Gráfico 27, que se refere às intervenções dos apartamentos analisados, sendo, 11 intervenções já realizadas, correspondendo a 27,5% do número total de apartamentos; 8 intervenções programadas, correspondendo a 20%; e 11 apartamentos, 27,5%, que embora alugado, seus moradores gostariam de realizar algum tipo de reforma. Apenas 10, 25% dos apartamentos, estão satisfeitos com o que lhes foram oferecidos.

Gráfico 26 – Intervenções.



Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Dos apartamentos que já sofreram reformas, todos tiveram sua área social ampliada, 11 apartamentos, correspondendo a 100%, fizeram a integração da varanda às salas; 2 integraram a cozinha à área social, deixando-a em estilo americano; 2 abriram mão de um dos quartos para aumentar a área útil do espaço social; e 4 desativaram o banheiro de serviços, aumentando, assim, a área de serviço, lavanderia.

6.4. Equipamentos domésticos

Assim, como outras questões consideradas na pesquisa, já citadas acima, o conhecimento da existência e necessidade de equipamentos domésticos visa facilitar o entendimento dos hábitos domésticos para a análise da adequação do espaço.

Os equipamentos, geladeira, fogão e TV constam em todos os apartamentos entrevistados; a máquina de lavar roupas e o computador são os itens seguintes mais presentes nas casas, podendo-se dizer que em quase sua totalidade; seguido do ar-condicionado.

Sendo apresentado, como justificativa, a falta de espaço nos apartamentos para a não aquisição dos mesmos, a máquina de lavar pratos encabeça a lista dos equipamentos mais desejados, seguido do freezer, micro-ondas, depurador e máquina para secar roupas, todos relacionados a facilitação das atividades domésticas primordiais do setor de serviços. Dentre os não listados na tabela, aparecem como desejo de consumo, adega; cervejeira, churrasqueira elétrica e vídeo - game, estando vinculados à prática social.

É notável o desaparecimento do equipamento de som nas casas, estando presente em apenas 9 delas, correspondendo a 22,5 %, e não estando presente na lista de desejo de nenhum dos entrevistados.

LEGENDA:

S	EXISTENTE
N	NÃO EXISTENTE
D	DESEJADO
-	NÃO RESPONDIDO

Tabela 2 - Levantamento de eletrodoméstico e eletrônicos dos apartamentos.

APTº	GELADEIRA	FOGÃO	GELÁGUA	MÁQ. DE LAVAR PRATOS	MICROONDAS	FREEZER	TV	SOM	AR-COND.	MÁQ. DE LAVAR ROUPAS	DEPURADOR	MÁQ. DE SECAR ROUPAS	COMPUTADOR
1	S	S	N	D	S	N	S	N	S	S	D	N	S
2	S	S	S	N	D	N	S	N	S	S	N	N	S
3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
4	S	S	N	N	S	N	S	N	S	S	N	N	S
5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
6	S	S	N	N	N	N	S	N	S	S	N	N	S
7	S	S	N	N	S	D	S	N	S	S	N	N	S
8	S	S	S	N	S	N	S	S	S	S	N	N	S
9	S	S	S	N	S	D	S	N	S	S	N	N	S
10	S	S	S	D	D	N	S	N	S	S	D	D	S
11	S	S	S	D	S	N	S	S	S	S	D	S	S
12	S	S	S	N	S	N	S	S	S	S	S	N	D
13	S	S	N	N	S	N	S	N	S	S	D	N	S

14	S	S	N	N	N	N	S	N	S	S	N	N	S
15	S	S	S	D	N	N	S	N	S	S	N	S	S
16	S	S	N	N	S	N	S	N	S	S	N	N	S
17	S	S	N	N	N	N	S	N	S	N	S	N	N
18	S	S	S	N	S	N	S	N	S	S	N	N	S
19	S	S	N	N	S	D	S	N	S	S	N	N	S
20	S	S	N	N	D	N	S	N	N	S	N	N	S
21	S	S	N	D	D	N	S	N	N	S	N	N	S
22	S	S	N	N	N	N	S	N	S	S	N	N	N
23	S	S	S	N	S	N	S	N	S	S	S	N	S
24	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	N	N	S
25	S	S	S	D	S	D	S	N	S	D	N	D	S
26	S	S	S	N	S	N	S	N	S	S	N	N	S
27	S	S	S	N	S	N	S	N	S	S	N	N	S
28	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
29	S	S	S	N	N	N	S	N	S	S	S	N	S
30	S	S	S	N	S	D	S	S	S	S	N	N	S
31	S	S	S	N	S	N	S	S	S	S	N	N	S
32	S	S	N	N	N	N	S	N	S	S	N	N	S
33	S	S	N	N	S	N	S	N	S	S	N	N	S
34	S	S	S	N	N	N	S	N	S	S	N	N	S
35	S	S	S	N	S	N	S	S	S	S	N	N	S
36	S	S	S	N	S	D	S	S	S	S	S	N	S
37	S	S	S	N	S	N	S	N	S	S	S	N	S
38	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
39	S	S	S	N	N	N	S	N	N	S	N	N	S
40	S	S	S	D	S	N	S	S	N	N	N	N	S

Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

De maneira geral, as informações fornecidas pelo questionário/entrevista, juntamente com a análise da planta do apartamento tipo em questão permitiram uma análise dos hábitos domésticos, deixando claro a necessidade de maior área útil no setor social e no de serviços. As mesmas, serão confrontadas com a estrutura espacial doméstica contemporânea, já pré-definida como padrão, e comentadas posteriormente na conclusão.

7. CONCLUSÃO

Essa pesquisa se propôs a verificar a produção arquitetônica atual da casa contemporânea, os apartamentos, voltada para a classe média recifense, bem como, os hábitos domésticos de seus usuários, levando em consideração suas necessidades e os mais diversos tipos de arranjos familiares, e teve como objetivo verificar a adequação desses espaços, partindo da premissa de que existisse uma inadequação.

O cruzamento de dados em capítulos anteriores, estudo da configuração espacial de apartamentos produzidos atualmente no Recife, feito no capítulo 5, que permitiu identificar o padrão oferecido por este mercado imobiliário, e o estudo dos hábitos domésticos e utilização dos espaços, feito no capítulo 6, que revela como estes espaços são ocupados, possibilitou a compreensão da inadequação da casa contemporânea, os apartamentos, frente ao modo de vida dos seus usuários, confirmando a hipótese desenhada por esse trabalho.

Perpetuando o modelo da casa do período colonial, a casa contemporânea, os apartamentos, continua com sua distribuição interna concebida a partir de três setores, o social, o de serviço e o íntimo.

De acordo com os questionários/entrevistas a área de serviços é o setor que menos atende às necessidades de seus usuários, visto que, sua área útil não comporta os eletrodomésticos, mobiliários e circulação necessários ao uso adequado atual desse setor. Uma característica verificada, e recorrente, desse espaço é a eliminação do banheiro de serviços, tanto nas reformas executadas, quanto nas que ainda serão executadas, para o aumento da sua área útil, anunciando, também, uma mudança na relação entre empregado doméstico e empregador. Em apenas um caso, este banheiro foi anexado a um dos quartos do setor íntimo, criando, dessa forma, uma nova suíte. A cozinha “americana”, que se abre para a sala de jantar, visto em algumas reformas, e desejo de futuras reformas, revela o desaparecimento da separação entre o setor de serviços e o social tão necessário ao novo modo de viver feminino que, apesar de todo seu empoderamento, continua, ainda, como a principal responsável pelos trabalhos domésticos, além do *status* que esse espaço está ganhando, já que, seus revestimentos e equipamentos estão cada vez mais sofisticados.

O setor social, embora venha a seguir ao setor de serviços quanto a insatisfação da sua área útil, é o espaço que os usuários mais almejam acréscimo da sua área. Seus dois principais espaços, sala de jantar e estar, são espaços abertos um para o outro, e cuja principal solução para seu acréscimo é a integração da varanda, em alguns casos um quarto foi eliminado tendo sua área anexada. Esse alto nível de necessidade de um espaço maior desse setor é justificado, pelos entrevistados, por ser o espaço de maior permanência da família, como também o espaço onde, com maior frequência, são realizadas outras atividades além das do uso originalmente proposto do espaço, como estudos e *home office*, bem como ao frequente hábito de receber visitas.

Diferente das áreas de serviço e social, a área íntima, compreendida por quartos e banheiros sociais, é o espaço considerado, por seus usuários, de maior adequação quanto ao uso, haja visto, que é usado, principalmente, para suas atividades básicas como, o dormir, o vestir e outros, embora, em alguns casos, ainda tenha sido considerada inapropriada sua circulação. Os quartos são os espaços de menor integração com a casa, revelando a necessidade de privacidade nesses espaços e a valorização da intimidade.

Embora os apartamentos, ainda, se apresentem, na sua grande maioria, com soluções convencionais e alheias às novas necessidades dos modos de vida contemporâneo, não estando apropriado, assim, aos hábitos das pessoas que neles habitam, independente do seu arranjo familiar, há uma tendência na mudança configuracional dos mesmos. Já é observado, em algumas plantas de apartamentos tipo, o desaparecimento da entrada e do banheiro de serviços, bem como, a integração entre cozinha e área social, criando assim uma permeabilidade entre elas, dando amplitude a esses espaços, aproximando-se, portanto, das reais necessidades de seus usuários. A confirmação da hipótese de inadequação dos apartamentos contemporâneos, que fortalece a necessidade de atualização dessa “fatia” do mercado imobiliário, dá margens a novos estudos em cima do seu layout, conforto ambiental, novas exigências por parte dos usuários, diretrizes para o mercado imobiliário, entre outros aspectos.

REFERÊNCIAS

ABRIL. Viagem e Turismo. **Fazendas de café**. 1 Imagem. Disponível em: <<https://viagemeturismo.abril.com.br/materias/fotos-fazendas-de-cafe-que-se-tornaram-hoteis-cheios-de-historia/>>. Acesso em: 5 set. 2017.

AMORIM, L.; GRIZ, C. É Permitido Permitir: das alterações no produto imobiliário e dos modos de morar contemporâneos no Recife. **Arquitextos**, nov. 2015. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos>>. Acesso em: 19 mar. 2017.

AMORIM, L.; LOUREIRO, C., A Moradia Dos Sonhos – onde e como morar. In IX Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído. In: ENCONTRO NACIONAL DE TECNOLOGIA DE AMBIENTE CONSTRUÍDO, 9. 2002, Foz do Iguaçu. **Anais...** Foz do Iguaçu, 2002. p. 819–827. Disponível em: <http://www.infohab.org.br/entac2014/2002/Artigos/ENTAC2002_0819_828.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2017.

ANDRADE, Maria do Carmo. Casa-grande (engenho). Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. 1 Imagem. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 22 ago. 2017. CRECI.

ARTE: O DIA. Conheça os prós e contras da nova lei para domésticas. 03 Jun.2015. 1 Quadro. Disponível em: <<http://odia.ig.com.br/noticia/economia/2015-06-03/conheca-os-pros-e-contras-da-nova-lei-para-domesticas.html>>. Acesso em: 03 abr. 2017

ARROBA CASA. 1 Imagem. Planta Baixa do Edifício Boulevard-residence/Apt° tipo. Disponível em: <http://www.arrobacasa.com.br/boulevard-residence-boa-viagem-recife>. Acesso em: 13 set. 2017.

BARROS, A. A.; COUTO, M. E. G. Hábitos no habitar: um estudo sobre os hábitos de morar em diferentes perfis habitacionais. **Oculum Ensaios**, Campinas, n. 16, p. 96-101, jul. /Dez. 2012. Disponível em: <<http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/oculum/article/view/1453/1427>> Acesso em: 20 mar. 2017.

BERNARDES, Maria Helena. O jovem arquiteto. Le Corbusier. 2010. Disponível em: <<https://ojovemarquiteto.wordpress.com/2010/04/25/le-corbusier/>>. Acesso em: 17 fev. 2017.

BITTAR, W. S. M.; VERÍSSIMO, F. S. 500 anos da casa no Brasil: as transformações da arquitetura e da utilização do espaço da moradia. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999. 141 p.

BRITES, J. Afeto e desigualdade: gênero, geração e classe entre empregadas domésticas e seus empregadores. **Cadernos Pagu**. Minas Gerais, n. 29, p. 91-109. Jul./dez. 2007.

BRANDÃO, Lana Souza Costa. **Espaço doméstico em edifícios multifamiliares**: uma percepção do setor de serviço contemporâneo em apartamentos de alto padrão em Maceió. Dissertação (Mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2015.

BRASIL. Lei complementar nº150, de 1º de junho de 2015. Dispõe sobre o contrato de trabalho doméstico. Brasília, 1 jun. 2015; 194º da Independência e 127º da República. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/LCP/Lcp150.htm> Acesso em: 26 de abril de 2017>.

CAMARGO, E. N. **Casa, doce lar**: O habitar doméstico percebido e vivenciado. 1ª ed. São Paulo: Annablume, 2010. 320 p.

COISAS DA ARQUITETURA. **Tipos e padrões da arquitetura civil colonial – II**. 2011. 1 Imagem. Disponível em: <<https://coisasdaarquitetura.wordpress.com/2011/05/08/tipos-e-padroes-da-arquitetura-civil-colonial-ii/>>. Acesso em: 06 set. 2017.

CONCRETO EM CURVA. **Arquitetura no Brasil e arquitetura indígena**. 1 Imagem. Disponível em: <<https://concretoemcurva.com/2016/07/13/arquitetura-no-brasil-e-arquitetura-indigena/>>. Acesso em: 14 set. 2017.

CONSELHO REGIONAL DE CORRETORES DE IMÓVEIS (CRECI). **A evolução dos apartamentos de 2 quartos nos últimos 50 anos**. 1 Fotografia. Disponível em: <<http://crecidf.gov.br/noticias/a-evolucao-dos-apartamentos-de-2-quartos-nos-ultimos-50-anos/>>. Acesso em: 13 mar. 2017.

CONSTRUTORA GABRIEL BARCELAR. 1 Imagem. Planta baixa do edifício Gran Park Premium Torre B. Disponível em: <<http://www.gabrielbacelar.com.br/granparcpremium/>>. Acesso: 24 set. 2017.

_____. 1 Imagem. Planta baixa do edifício Maria Satye. Disponível em: <<http://m.gabrielbacelar.com.br/gbct/pt/mobile/imoveis.html?url=/gbct/pt/imoveis/pe/recife-boa-viagem-apartamento-3quartos-86m2-2garagem-maria-satye.html#!pagina-empreendimento-interna>>. Acesso em: 22 set. 2017.

CONSTRUTORA MELO GOUVEIA. 1 Imagem. Planta baixa do edifício Praça das Magnólias. Disponível em: <<http://pe.olx.com.br/grande->

recife/imoveis/cordeiro-edf-praca-das-magnolias-231983369>. Acesso em: 23 set. 2017.

_____. 1 Imagem. Planta Baixa do edifício Praça das Orquídeas. Disponível em: <<http://melogouveia.com.br/?opcao=detalhes&imovel=12>>. Acesso em: 23 set. 2017.

CONSTRUTORA QUEIROZ GALVÃO. 1 Imagem. Planta baixa do edifício Maria Emília. Disponível em: <<http://www.qgdi.com.br/pe/imovel/maria-emilia>>. Acesso em: 22 set. 2017.

_____. 1 Imagem. Planta baixa do edifício Maria Rebeca e Maria Raquel. Disponível em: <<http://www.qgdi.com.br/pe/imovel/maria-rebecca-e-maria-raquel>>. Acesso em: 22 set. 2017.

COSIL. 1 Imagem. Planta baixa do Residencial Torre dos Mirantes. Disponível em: <<http://www.cosil.com.br/empreendimento/11/residencial-torres-do-mirante>>. Acesso em: 24 set. 2017.

COSTA, A. 1 Gráfico produzido com as informações presentes na matéria do site uol notícias, abr. 2012. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2012/04/27/tv-e-geladeira-sao-os-bens-mais-presentes-nos-domicilios-brasileiros-diz-censo.htm>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

CORONA, E.; LEMOS, C. A. C. **Dicionário da arquitetura brasileira**. São Paulo: Edart-São Paulo Livraria Editora, 1972. Disponível em: <https://books.google.com.br/books/about/Dicion%C3%A1rio_da_arquitetura_brasileira.html?hl=pt-BR&id=bdpcAAAAMAAJ>. Acesso em: 23 maio 2017.

CULTURA BRASIL. A Carta, de Pero Vaz de Caminha. Edição de base: Carta a El Rei D. Manuel, Dominus: São Paulo, 1963. NUPILL. Disponível em: <<http://www.culturabrasil.org/zip/carta.pdf>>. Acesso em: 22 ago. 2017.

CYPRIANO, L. B.; PÉPECE, O. M. C. Resignificação Do Lar: as mudanças da sociedade refletidas na configuração dos imóveis. PORTAL DE PERIÓDICOS CIENTÍFICOS DA UEL, Londrina, v.4, n.1, p.85-102, jan. /jun.2016. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/ecoreg/article>>. Acesso em: 21 fev. 2017. DOURADO, Guilherme Mazza. Vegetação e quintais da casa brasileira. Paisagem e Ambiente: Ensaios - n.19 - São Paulo - p. 83 – 102, 2004. 1 Fotografia. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/paam/article/view/40221>>. Acesso em: 13 set. 2017.

ECOTUR. Casarão senzala – Século XVIII. 1 Imagem. Disponível em: <<http://agenciaecotur.com.br/projeto-tiete-vivo.php>>. Acesso em: 13 set. 2017.

FOLHA DE SÃO PAULO. Sala com decoração anos 1990 ganha ares modernos com tons claros. 1 Imagem. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/sobretudo/vida-pratica/2017/08/1907342-sala-com-decoracao-estilo-anos-1990-ganha-ares-modernos-com-tons-claros.shtml>. Acesso em: 10 nov. 2017.

FRACALOSSI, Igor. A Casa Invisível: Fragmentos sobre a arquitetura popular no Brasil / João Diniz. Archdaily Brasil. 1 Imagem. Disponível em: <http://www.archdaily.com.br/br/01-60177/a-casa-inv<isivel-fragmentos-sobre-a-arquitetura-popular-no-brasil-joao-diniz>>. Acesso em: 14 set. 2017.

FREYRE, G. Casa-grande & Senzala: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. Apresentação de Fernando Henrique Cardoso. Biobibliografia de Edson Nery da Fonseca. Notas bibliográficas revistas e índices atualizados por Gustavo Henrique Tuna. 48ª edição. Pernambuco: Global, 2003. 375 p.

GOLDSTEIN, D. The Aesthetics of Domination: Class, Culture, and the Lives of Domestic Workers. In: Laughter out of place: Race, Class and Sexuality in a Rio Shantytown. Berkeley, University of California Press, 2003.

HEIDEGGER, M. Ser e tempo. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

HINTZ, H. C. Novos tempos, novas famílias? Da modernidade à pós-modernidade. Pensando Famílias, n.3, 2001. p. 8-19.

HOMEM, M. C. N. O palacete paulistano e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Demográfico, 2010. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/135/rc_2013_v40.pdf. Acesso em: 22 mar. 2017.

_____. Censo Demográfico, 2010. 1 Gráfico. Disponível em: <http://docplayer.com.br/14956612-Censo-demografico-2010-familia-e-domicilio.html>. Acesso em: 28 mar. 2017. Modificado por Ana Agrelli.

_____. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Mensal de Emprego. 2003-2011. 1 Gráfico. Disponível em: <http://docplayer.com.br/6215073-A-evolucao-da-mulher-no-mercado-de-trabalho.html>. Acesso em: 05 abr. 2017.

_____. 1 Gráfico. Disponível em: <http://rede.novaescolaclub.org.br/planos-de-aula/como-expectativa-de-vida-influencia-na-economia>. Acesso em: 09 abr. 2017.

_____. 1 Gráfico. Disponível em: <<http://rede.novaescolaclub.org.br/planos-de-aula/como-expectativa-de-vida-influencia-na-economia>>. Acesso em: 31 abr. 2017.

_____. 1 Gráfico. Estatísticas do registro civil, 2009. Disponível em: <<https://drajemina.jusbrasil.com.br/artigos/113796681/divorcio-extrajudicial>>. Acesso em: 29 mar. 2017.

LACERDA, Alcir. 1 Imagem. Casa-Navio Avenida Boa Viagem. Recife, 1960. Disponível em: < <http://www.fotolog.com/antonio0725/21300000000031479/>>. Acesso em: 04set. 2017.

LARA, F. L. A exclusão no espaço doméstico. Fórum, maio 2013. Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/2013/05/02/a-exclusao-no-espaco-domestico/>>. Acesso em: 30 mar. 2017.

LIMA, Hélio Costa. 1 Imagem. **Quadro sinóptico primário: Arquetipos de sobrados da classe média afortunada observados no Brasil especialmente nas cidades do litoral Nordeste.** 2006. 18,2 x 64

LUNA, José. Pinceladas de história sobre o berço do recife. Recife, 2004. 1 Imagem. Disponível em: <<http://bairrodorecife.blogspot.com.br/2014/02/a-rua-do-bode-dos-judeus-da-cruz-e-do.html>.blog de José Luna>. Acesso em: 14 set.2017.

MACUSO, C. Arquitetura de Interiores e Decoração: a arte de viver bem. 9ª Edição. Porto Alegre: Sulina. 2013. 239 p.

MAIA, Ernani. A nova máquina de morar: um hardware de morar? 2005. 142p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2005. Disponível em: <<http://www.maiaarquitetura.com.br/imagens/aulas/12.pdf>>. Acesso em: 17 set. 2017.

MENDES. I. Fotos antigas da cidade do Recife, Recife, 1923. 1 Imagem. Disponível em: <http://www.ibamendes.com/2012/07/fotos-antigas-da-cidade-do-recife_4019.html>. Acesso em: 22 ago. 2017.

MONTALI, L. Arranjos Familiares e Arranjos de Inserção no Mercado de Trabalho nos anos 90. In: Congresso Brasileiro de Sociologia, 11, 2003, Campinas. Anais eletrônicos... Campinas: UNICAMP, 2003. Disponível em: <http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=1502&Itemid=170> Acesso em: 20 mar. 2017.

MORADASOL. 1 Imagem. Planta baixa Edf. Saint Eduardo/apt° tipo Disponível em: <http://www.moradasol.com.br/imovel/apartamento-residencial-venda-encruzilhada-recife-pe/AP1141>. Acesso em:06 set. 2017

NOGUEIRA, A. T. A casa física e aquela psicológica. *Psicologia Dialética*. Jul. 2011. Disponível em: <<http://www.psicologiadialectica.com/2011/07/casa-fisica-e-aquela-psicologica.html>>. Acesso em: 6 maio 2017.

OLIVEIRA, Edineide. Varanda gourmet. 1 Imagem. Disponível em: <<http://e-dineideperfil.blogspot.com.br/2015/09/varandas-gourmet.html>>. Acesso em: 06 set. 2017.

PÁDUA, P.; RAMOS, A. Como o designer pode contribuir com o mercado mobiliário devido à crescente redução no tamanho das habitações. *Cadernos da Escola de Comunicação*, Curitiba, v. 1, n. 10, 2012.

RECIFE. Lei de Uso e Ocupação do solo (LUOS). (Lei nº 16.176/96, de 09 de abril de 1996).

REVISTA ÉPOCA, São Paulo, Ed. Globo, 20 jan. 2012. 3 Gráficos. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/vida/noticia/2012/01/por-que-empregada-sumiu.html>>. Acesso em: 08 abr. 2017.

REZENDE, M. J. A obra Sobrados e Mocambos e a mudança social no Brasil. *Revista USP*, São Paulo, n. 51, p. 190-207, set. /nov. 2001.

ROCHA FILHO, Gustavo Neves da. Casa grande do engenho Majope. *Arquigrafia Beta*. 1953. 1 Imagem. Disponível em: <<http://www.arquigrafia.org.br/photos/6940>>. Acesso em: 14 set. 2017.

RYBCZYNSKI, W. Casa: Pequena História de uma Ideia. Rio de Janeiro: Record, 1996. 259 p.

SALATA, A. R. Quem é Classe Média no Brasil? Um Estudo sobre Identidade de Classe. *Revista Dados*, Rio de Janeiro, v. 58, n. 1, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52582015000100111&lng=pt&nrm=iso&tlng=en#aff1>. Acesso em: 29 set. 2017.

SANTOS, Paulo Ferreira dos. Quatro séculos de arquitetura no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: IAB, 1981.

SANTOS, Suellen Dayse Versiani dos. A casa brasileira do século XIX e seus desdobramentos na produção residencial de belo horizonte influência dos antecedentes coloniais e o papel do neoclassicismo e do ecletismo. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUOS-8GKMUQ/disserta__o.mestrado_suellen.dos.santos_2011.pdf?sequence=1>. Acesso em: 14 set. 2017.

SCANDORALA, Thiago. Edifício em estilo art deco. Pelotas, jul. 2008. 1 Imagem. Disponível em: <<https://archiinbrazil.wordpress.com/art-deco/>>. Acesso em: 22 ago. 2017.

SACCOMORI, Danilo. Cozinhas – interiores residenciais – arquitetura, designer e construção. 1 Imagem. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/danilosaccomori/piir-cozinha>. Acesso em: 05 set.2017.

SCARDUA, A. C. Psicologia do design de interiores: O que faz de uma casa um lar? 1 jun. 2009. Disponível em: <<https://angelitascardua.wordpress.com/2009/06/01/psicologia-do-design-de-interiores-o-que-faz-de-uma-casa-um-lar/>>. Acesso em: 6 maio 2017.

SENAC. Pós-graduação Gastronomia: história e cultura valoriza a memória afetiva, a tradição e o patrimônio cultura. 07 out. 2013. Disponível em: <<http://www.sp.senac.br/jsp/default.jsp?tab=00002&newsID=a20952.htm&subTab=00000&uf=&local=&testeira=446&l=&template=&unit=>>. Acesso em: 15 mar. de 2017.

SILVA, E. B. Tecnologia e Vida Doméstica nos Lares. Cadernos Pagu, v. 10, p. 21-52.

SILVA, Luís Octávio da. Os quintais e a morada brasileira. Cadernos de Arquitetura e Urbanismo, Belo Horizonte, v. 11, n. 12, p. 61-78, dez. 2004. Disponível em: <http://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20050422101517.pdf>. Acesso em: 13 set. 2017.

SPITZ, Clarice; FALCÃO, Jaqueline. Lei da empregada doméstica muda hábitos em casa. O Globo, Rio de Janeiro, abr. 2014. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/economia/lei-das-domesticas-muda-habitos-em-casa-12107629#ixzz4fI9EL7pU>>. Acesso em: 25 abr. 2017.

UOL. A história do banheiro: Veja a evolução do espaço mais íntimo da casa. 1 Imagem. Disponível em: <<https://estilo.uol.com.br/casa-e-decoracao/album/2016/12/15/a-historia-do-banheiro-veja-a-evolucao-do-espaco-mais-intimo-da-casa.htm?foto=4>>. Acesso em: 04set. 2017.

VILLA, Simone Barbosa. Os formatos familiares contemporâneos: transformações demográficas. Observatorium: Revista Eletrônica de Geografia. Uberlândia, v.4, n.12, p.6, dez. 2012. 1 tabela. Disponível em: <<http://www.observatorium.ig.ufu.br/pdfs/4edicao/n12/01.pdf>>.

WARHAVCHIK, Gregori. Casa Modernista. Museu da Cidade, São Paulo, 1928. 1 Imagem. Disponível em: <<http://www.museudacidade.sp.gov.br/casamodernista.php>>. Acesso em: 14 set.2017.

APÊNDICES

APÊNDICE A - PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DE COLETA DE DADOS.

Venho por meio deste, solicitar autorização para a realização de coleta de dados relacionada à pesquisa: **“O MORAR CONTEMPORÂNEO DO RECIFE: O arranjo espacial dos apartamentos x A rotina doméstica”**, sob minha responsabilidade, conforme folha de rosto, para apresentação à banca examinadora, na Faculdade Damas da Instrução Cristã, no curso de Arquitetura e Urbanismo. O objetivo é verificar a adequação dos espaços residenciais contemporâneos do Recife, na sua tipologia vertical, ao perfil da família de classe média.

A coleta de dados será realizada pela signatária: Ana Cristina Agreli Parízio Costa, e será feita através de questionário/entrevista e planta baixa do apartamento tipo deste edifício.

Atenciosamente,

Coordenadora do Curso

De acordo em / / 20

(Nome, cargo / carimbo)

APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO/ENTREVISTA**FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ****ARQUITETURA E URBANISMO****TRABALHO DE GRADUAÇÃO**

Título da pesquisa: O MORAR CONTEMPORÂNEO DO RECIFE: O arranjo espacial dos apartamentos x A rotina doméstica.

Pesquisador: Ana Cristina Agreli Parízio Costa

Professor orientador: Denise Gaudiot

Realizado no período compreendido entre as datas 05/09/2017 à 25/09/2017

Local: Edifício Jaqueira Park – Recife/PE

Entrevista/Questionário

1) Quantas pessoas residem no apartamento? Qual o parentesco delas (ex: filho, mãe, avô...), e suas respectivas idades? Identifique-se entre elas.

2) Há quanto tempo reside no apartamento?

- Menos de 6 meses
- De 6 meses a 1 ano
- Mais de 1 ano

3) Que fator principal os levaram a morar nesse apartamento?

- Localização
- Espaço interno do apartamento
- Área social
- Outros. Quais?

Referente aos hábitos:

4) Quais pessoas trabalham fora de casa?

5) Possuem empregado doméstico?

Sim

Não

Quantos? Qual função desempenha?

Fixo

Diarista

Caso não possua empregado doméstico, quem é responsável pelos trabalhos domésticos?

6) Possuem o hábito de realizar as principais refeições em casa?

Sim

Não

Quais?

Desjejum

Almoço

Jantar

Em qual espaço do apartamento?

Sala de jantar

Cozinha

Sala de visitas

Outros. Quais

7) Realiza-se home office no apartamento?

Sim

Não

Em qual espaço do apartamento?

8) Possuem o hábito de receber visitas?

Sim

Não

Conseguem acomodar com satisfação?

Sim

Não

9) Possuem animais de estimação?

Sim

Não

Quanto ao tamanho do animal:

Pequeno porte

Médio porte

Grande porte

Conseguem acomodá-lo com satisfação?

Sim

Não

Referente ao espaço:

10) Foi realizada alguma reforma no apartamento?

Sim

Não

Qual?

Ficou adequado ao uso?

Sim

Não

Justifique:

Possuem pretensão de realizar alguma reforma?

Sim

Não

Justifique:

11) Grau de satisfação quanto:

Tamanho dos cômodos:

Bom

Médio

Ruim

Número de cômodos:

Bom

- Médio
 Ruim

Layout (distribuição dos espaços) do apartamento:

- Bom
 Médio
 Ruim

12) Qual cômodo do apartamento você acha mais adequado para o uso proposto do espaço? Justifique.

13) Qual cômodo do apartamento você acha menos adequado para o uso proposto do espaço? Justifique.

Referente aos equipamentos:

14) Quais eletrodomésticos possuem?

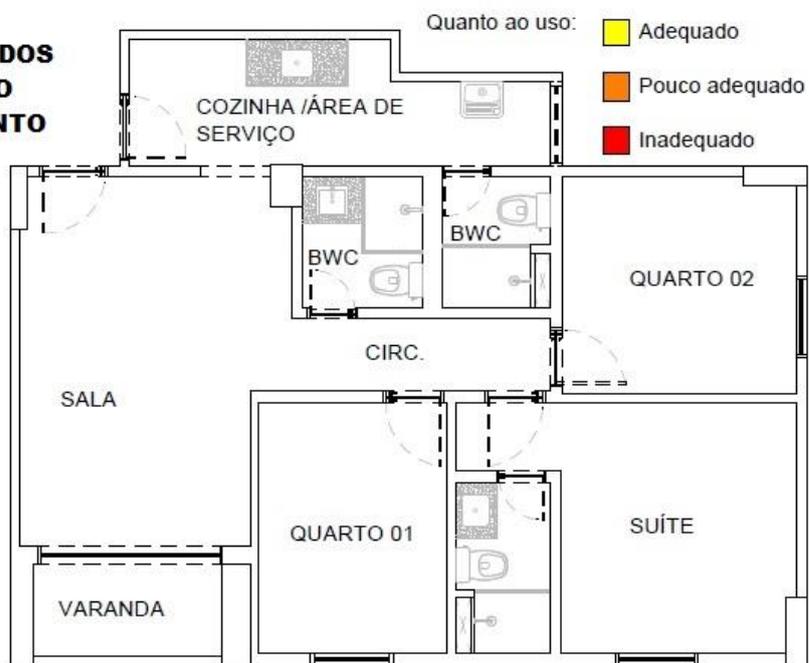
15) Quais gostariam de ter? Justifique.

16) Os móveis foram feitos por marceneiros/lojas de planejados, ou comprados em lojas do ramo?

17) Termine essa frase:

Eu queria que meu apartamento tivesse mais espaço para _____

APÊNDICE C - PLANTA APARTAMENTO TIPO.

**OLHAR
COGNITIVO DOS
ESPAÇOS DO
APARTAMENTO
JAQUEIRA
PARK**

01 Planta Baixa - Apartamento Tipo
Sem Escala